

GISELE DE FÁTIMA SOARES

**TEORIAS SOBRE O ASPECTO VERBAL: CRÍTICA
E APLICAÇÃO AO PORTUGUÊS E AO JAPONÊS**

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-
Graduação em Lingüística da Língua Portuguesa,
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Doutora Elena Godoi

CURITIBA

1997

ZZ-472

GISELE DE FÁTIMA SOARES

TEORIAS SOBRE O ASPECTO VERBAL: CRÍTICA E APLICAÇÃO AO PORTUGUÊS E AO JAPONÊS

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-Graduação em Linguística da Língua Portuguesa, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, pela comissão formada pelos professores.

Orientador: Professora Doutora Elena Godoi

Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR

Curitiba, 31 de julho de 1997

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele: e nada do que foi feito, foi feito sem ele. Nele estava a vida, e a vida era luz dos homens: e a luz resplandece nas trevas, mas as trevas não a compreenderam. (S. João 1, 1-5)

AGRADECIMENTO

Necessário se faz, segundo me parece, agradecer às pessoas que me influenciaram e encorajaram à realização deste estudo. No entanto, impossível se torna agradecer a todas individualmente. Em primeiro lugar, estão entre aqueles de quem sou devedora: minha família, amigos e companheiros de todas as horas, pelo apoio e por compreenderem minhas constantes ausências.

O talento de muitas outras pessoas também contribuiu para o cumprimento deste trabalho. Destaco e agradeço a valiosa experiência profissional proporcionada no convívio com professores e colegas do curso de mestrado (UFPR) turma de 1994, com os quais dividi uma parte de minha vida dos quais recebi estímulo e apoio imprescindíveis.

Agradeço à banca avaliadora, à presença da professora Sumiko Ikeda, aos professores Geraldo Mattos e Elena Godói, pela constante disponibilidade de tempo associada sempre à oportunidade de aprendizagem e, principalmente, pela paciência e dedicação incondicional de ambos.

Cumpre-me, ainda, agradecer à colaboração da Universidade Sophia / Japão, pela oferta de bolsa de estudo de grande valia para a coleta de material bibliográfico, ajuda fundamental, sem a qual a realização deste trabalho seria inviável.

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO	10
1 – TEORIAS SEMÂNTICAS RELATIVAS A TEMPO E ASPECTO – PRESPECTIVA HISTÓRICA	16
1.1 – ARISTÓTELES (1048)	16
1.2 – REICHENBACH (1947)	17
1.3 – RYLE (1949).....	21
1.4 – KENNY (1963).....	21
1.5 – VENDLER (1967).....	22
1.6 – COMRIE (1976)	32
1.7 – DOWTY	35
1.7.1 – DOWTY (1979).....	35
1.7.2 – DOWTY (1986)	38
EM SÍNTESE.....	40
2 – ALGUMAS DISCUSSÕES SOBRE ASPECTO EM LÍNGUA PORTUGUESA	42
2.1 – GRAMÁTICA TRADICIONAL	42
2.2 – CASTILHO (1967).....	43
2.3 – BACK E MATTOS (1972).....	44
2.4 – ILARI	51
2.4.1 – ILARI (1981).....	51
2.4.2 – ILARI E MANTOANELLI (1983).....	52
2.4.3 – ILARI (1989).....	54
2.5 – MANTOANELLI (1982).....	54
2.6 – MIRA MATEUS (1983).....	56
2.7 – TRAVAGLIA (1985).....	65

2.8 – LOPES (1987).....	70
2.9 – COSTA (1990).....	72
2.10 – IKEDA (1992).....	74
EM SÍNTESE.....	78
3 – O DESENVOLVIMENTO DA TEORIA ASPECTUAL EM LÍNGUA JAPONESA	80
3.1 – GRAMÁTICA TRADICIONAL	81
3.2 – SUZUKI (1972).....	87
3.3 – KUNO (1972).....	90
3.4 – TANEMURA (1974).....	96
3.5 – ALFONSO (1980)	99
3.6 – SEKINE (1983).....	104
3.7 – SOGA (1983).....	106
3.8 – IKEGAMI (1985).....	112
3.9 – MILLER (1986).....	117
3.10 – SAITO (1987).....	119
3.11 – NAKAU (1994).....	122
3.12 – SHIBATANI (1992).....	126
EM SÍNTESE.....	143
4 – EM BUSCA DE UM MODELO UNIVERSAL	146
4.1 – GODOI (1992)	146
4.1.1 – DEFINIÇÃO DE ASPECTO	150
4.2 – ANÁLISES	153
EM SÍNTESE.....	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	169

RESUMO

Essa dissertação trata da apresentação de algumas das principais teorias a respeito do *aspecto* verbal com base em alguns autores de língua inglesa, portuguesa e japonesa.

O objetivo fundamental deste estudo foi o de uma aproximação do sistema verbal do japonês e do português, restrito aos tempos simples do modo indicativo, com base em uma única teoria.

Para realizar essa comparação, desenvolveu-se um estudo composto de quatro capítulos. No primeiro, *Teorias relativas a tempo e aspecto – perspectiva histórica*, analisam-se os autores considerados precursores, que tratam de teorias temporais e aspectuais, de modo geral. No segundo, *Algumas discussões sobre aspecto em língua portuguesa*, têm-se os principais estudos da categoria de *aspecto* em português. No terceiro, *O desenvolvimento da teoria aspectual em língua japonesa*, apresentam-se as abordagens da categoria de *aspecto* em língua japonesa.

Finalmente, no último capítulo, *Em busca de um modelo universal*, em um primeiro momento, apresenta-se a proposta de **GODOI** (1992) para a interpretação do *aspecto* verbal. Num segundo momento, propõe-se uma análise da expressão do *aspecto* verbal no japonês segundo essa perspectiva.

ABSTRACT

This dissertation presents some of the main theories above the Aspect in Verbs based on authors studying the English, Portuguese and Japanese languages.

The objective of this study has been to approximate the Japanese and the Portuguese verbal system, restricted to the simple tense of the indicative mode, based on a single theory.

In order, to make this comparison possible, four chapters were developed. In the first chapter, *Teorias semânticas de Tempo e Aspecto – Perspectiva Histórica* (Semantic theories related to Tense and Aspect – A Historical Perspective), the precursory authors who deal with theories of Tense and Aspect terms are analysed. In the second, *Algumas discussões sobre Aspecto em Língua Portuguesa* (Some discussions about Aspect in the Portuguese Language), the main studies of the category of Aspect in Portuguese. In the third, *O desenvolvimento da Teoria Aspectual em Língua Japonesa* (The development of the Aspectual Theory in the Japanese Language), the approaches of the category of Aspect in the Japanese language are presented. In the last chapter, *Em busca de um Modelo Universal* (In search of a Universal Theory), firstly GODOI's proposition (1992) for an interpretation of the Verbal Aspect is presented. Secondly, an analysis of the expression of the Verbal Aspect in Japanese according to GODOI's perspective is proposed.

INTRODUÇÃO

Aprender uma nova língua é uma tarefa que se torna mais difícil ou mais fácil, de acordo com a quantidade de diversidades de características apresentadas pela língua materna e a língua que se está estudando. Entre essas diversidades, o sistema verbal é o mais difícil de se dominar devido a não serem exatamente correspondentes as relações sintático-semânticas existentes entre as línguas.

O quadro com o qual nos deparávamos há alguns anos, refletia uma grande falta de interesse pelo desenvolvimento de estudos acerca da categoria lingüística de *aspecto* que, ainda que intimamente relacionada à categoria tempo, era pouco estudada e com grande propensão a ser menos familiar do que as outras categorias verbais, aos estudantes de lingüística.

A respeito dessa omissão, GARCIA (1985: 65) observa: “As gramáticas de nível médio raramente se referem a *aspecto*, e, se o fazem, é de passagem, na parte dedicada às locuções verbais ou perífrases verbais.”

A falta de interesse pelo desenvolvimento de estudos sistemáticos sobre o *aspecto* verbal teve, como principal consequência, a pouca valorização desta categoria, inclusive em estudos mais avançados, como podemos observar nas afirmações a seguir:

Se a categoria de tempo encontra formas ou reflexões próprias em todas as línguas, o mesmo não acontece com a de *aspecto*, que parece exercer um papel subsidiário [...] (Idem, *ibidem* : 66)

O *aspecto*, dado seu caráter secundário na morfologia do português, será tratado apenas quando das considerações acerca do modo e do tempo. (SILVA & KOCH, 1983 : 51)

Podemos constatar, então, a grande dificuldade, dos próprios autores, em definir o que exatamente no verbo ou na oração manifesta o *aspecto*. Tal dificuldade, que não ocorre apenas em língua portuguesa, pode ser justificada a partir da afirmação de COMRIE (1976), no que diz respeito à semântica, que o *aspecto* tem sido apresentado como expressão da *constituição temporal interna da situação*, sem uma definição da sua expressão formal.

Atualmente esse assunto tem despertado grande interesse em estudiosos, inclusive os que trabalham com a língua portuguesa. Sabemos, hoje, da existência de uma grande quantidade de estudos desenvolvidos nesta área que, muitas vezes, são contraditórios entre si, devido aos diferentes tipos de abordagens nas quais alguns dos autores nem sempre conseguem definir sua própria posição teórica.

Para LYONS (1977 e 1979), o *aspecto* diz respeito não á uma localização no tempo, mas ao *contorno* ou *distribuição temporal* de um acontecimento ou estado de coisas

De acordo com ORLANDI (1978), podemos ampliar a noção de *aspecto* para nomes, ou podemos definir o *aspecto* de forma bastante restrita eliminando, assim, a possibilidade do reconhecimento de um morfema de *aspecto* no sistema verbal português.

TRAVAGLIA e CORÔA, ambos em 1985, basearam seus estudos em teorias mais modernas, com o intuito de definir o *aspecto* e sua forma de expressão, atribuindo, com isso, o seu devido valor na descrição do sistema verbal no português. TRAVAGLIA observou que, embora predomine o tempo, na conjugação verbal do português, podemos observar pelo menos uma distinção de base aspectual: entre o pretérito perfeito e o imperfeito do indicativo. Além disso, considera como *aspecto* todas as noções semânticas dependentes da interação do verbo com adjuntos ou com o contexto, tomando, portanto, o *aspecto* no seu sentido mais abrangente. Por outro lado, CORÔA afirma que *aspecto* é uma categoria marcada morfologicamente nas formas verbais do indicativo português, ou seja, é uma categoria verbal que resulta unicamente de um processo gramatical, tomando o *aspecto* no seu sentido mais estrito.

Segundo COSTA (1990), o *aspecto* é uma categoria em estudo, sob reflexão e *sobre ela nada pode ainda ser considerado definitivo*. Portanto, tempo e *aspecto* são categorias temporais que têm por base referencial o tempo físico, o que diferencia do ponto de vista semântico que parte, basicamente, da concepção do chamado tempo interno (*aspecto*) diferente do tempo externo (tempo). Já RUIZ (1992) parte do princípio de que a flexão verbal no português aponta para o *aspecto*, não para o tempo.

Mesmo em alguns trabalhos lingüísticos mais recentes, é difícil concluir com exatidão quais são as noções aspectuais que uma forma verbal simples e as que uma locução verbal podem expressar.

Assim, essas definições sobre a categoria de *aspecto* no português, juntamente com a conclusão de LYONS de que, na tradição gramatical, a noção de *aspecto* está menos explicitada que a de tempo, nos levam a crer na necessidade do desenvolvimento de mais estudos lingüísticos, inclusive dos estudos comparativos entre a língua portuguesa e outras, sobre as noções temporais e aspectuais buscando sempre teorias de caráter universal.

O presente estudo tem por objetivo, num primeiro momento, comparar o desenvolvimento das teorias aspectuais em língua portuguesa e em língua japonesa, no que tange às análises das formas verbais, com o intuito de explicar as funções e o relacionamento existente entre elas. E, num segundo momento, analisar a língua japonesa utilizando uma teoria, de caráter universal, no intuito de indicar uma metodologia mais adequada para o ensino das duas línguas como línguas estrangeiras.

O estudo, da estrutura e funcionamento das formas verbais em língua portuguesa e em língua japonesa, torna-se relevante, em primeiro lugar, devido à grande diferença existente entre a organização dos dois sistemas verbais, considerado um dos principais fatores que dificultam a aquisição de um destes sistemas, por parte dos falantes nativos da outra língua (português / japonês).

O problema surgiu, inicialmente, nas aulas de língua portuguesa ministradas aos alunos participantes do convênio Brasil - Japão (Universidade Federal do Paraná - Brasil e as Universidades Sophia e Soka - Japão), nas quais pudemos observar o relativo domínio das formas verbais simples do presente e as dificuldades no processo de aquisição das formas verbais do passado.

Tendo em vista esta necessidade, o presente trabalho foi elaborado com o objetivo de buscar em algumas teorias semânticas da lingüística, subsídios para o tratamento de determinadas dificuldades que manifestam comumente, tanto os alunos japoneses que estão aprendendo a língua portuguesa quanto os alunos brasileiros interessados na língua japonesa, na expressão do tempo e *aspecto* verbal.

A princípio tentamos resolver o problema através dos conceitos da gramática tradicional que, além de estabelecer regras de um modelo padrão da língua para aqueles que já dominam outras variantes desta língua e algumas regras da variante padrão, tem como objetivo

maior sistematizar, através destas regras, o ensino da língua aos falantes nativos, bem como, a falantes estrangeiros.

No entanto, o método desenvolvido pela gramática tradicional se revelou insuficiente e inadequado, mostrando-nos, então, a necessidade de desenvolver um trabalho comparativo, na intenção de não somente encontrar as igualdades e as diferenças dessas formas verbais em ambas as línguas, mas de descobrir como compreender e tratar melhor dessas diferenças.

Acreditamos que através de um estudo comparativo, possamos analisar uma possível evolução teórica, buscando, quando possível, revisar algumas propostas desenvolvidas em ambas as línguas, com base em uma única teoria e, portanto, de caráter universal. Com isso, torna-se possível uma maior reflexão acerca das questões semânticas, como, por exemplo, as relacionadas com a aquisição de uma segunda língua, no caso, da língua portuguesa como língua estrangeira, em especial a falantes nativos de língua japonesa.

Para tanto, o primeiro passo foi revisitar, em ordem cronológica, autores que tivessem estudado as formas verbais aspectuais em termos de um sistema.

Partindo do pressuposto de que há uma distinção entre o tempo cronológico (*time*) e o gramatical (*tense*) de um verbo, este estudo pretende compreender a semântica verbal destes dois tempos, tanto em língua portuguesa quanto em língua japonesa.

Assim, para o desenvolvimento deste estudo, num primeiro momento, apresentaremos uma análise dos modelos teóricos propostos por vários autores. Contaremos com o modelo de classificação aspectual proposto por VENDLER (1967), a respeito da classificação quadripartita dos verbos, bem como com o modelo temporal de REICHENBACH (1947), entre outros que serviram de base para o desenvolvimento de outros modelo teórico, como por exemplo, de GODOI (1992), que acreditamos ser um modelo de caráter universal, apresentado no quarto capítulo.

No segundo capítulo também passaremos em revista, de maneira retrospectiva, algumas discussões sobre a categoria verbal *aspecto* em língua portuguesa. No terceiro capítulo, faremos o mesmo com o desenvolvimento teórico do *aspecto* em língua japonesa, com o intuito de observar a evolução teórica desta categoria em ambas as línguas.

No quarto capítulo, trataremos da análise do japonês, através do modelo teórico proposto por GODOI (1992).

Visamos, com isso, ao esclarecimento das divergências e das equivalências, a fim de facilitar a aquisição destas línguas por parte de estudantes, falantes nativos de qualquer delas, interessados em aprender a outra.

Para que os termos *aspecto* e tempo fossem definidos, tanto em língua portuguesa quanto em língua japonesa, foi necessário rastrear estes termos a partir das definições dadas pela gramática tradicional, conforme acima explicitado e como proposto neste trabalho para, em seguida, buscarmos as definições e tratamentos destas mesmas categorias, dadas pelas teorias semânticas atuais, assim como descrever a organização das formas verbais simples de cada uma das línguas, identificar as principais características, no que se refere à organização da estrutura e funcionamento dos sistemas verbais em ambas as línguas.

Destaca-se a importância de, a partir de um estudo comparativo, apontar uma metodologia que seja mais adequada ao ensino de língua portuguesa como língua estrangeira facilitando, com isso, o processo de aquisição da língua, no que diz respeito à estrutura e ao funcionamento das formas verbais, por parte dos estudantes que participam do convênio Brasil – Japão.

Outro fator a ser lembrado se relaciona com a importância científica, dado que desconhecemos estudos comparativos acerca da semântica aspectual dos sistemas verbais das duas línguas acima mencionadas.

Sendo assim, o desenvolvimento deste estudo comparativo pode, ainda, abrir a possibilidade de apontar uma metodologia mais adequada ao ensino da língua japonesa, como língua estrangeira, facilitando a aquisição desta língua aos estudantes cuja a língua materna é a portuguesa.

Com relação à estrutura da língua portuguesa, convém consultar CÂMARA JR., (1970).

Queremos crer que esse trabalho, bem como as análises e reflexões que o preparam, possam servir a compreender melhor as interferências observadas no campo da

expressão de valores aspectuais ou temporais na tentativa de abrir caminhos à outros estudos comparativos.

Antes de começarmos a tratar do assunto propriamente dito, lembramos que as teorias sobre *aspecto* verbal pertencem a duas posições denominadas por DAHL (1981) *oriental* e *ocidental*. A primeira tem origem na posição dos eslavistas e não-eslavistas, que propõem a aplicação dos conceitos *aspectológicos* das línguas eslavas à outras línguas. Já os adeptos da segunda posição, ou os anglo-saxônicos, são caracterizados por seguir e desenvolver a tradição proposta apresentada, originalmente, por ARISTÓTELES, conforme podemos observar no capítulo 1.

CAPÍTULO 1.

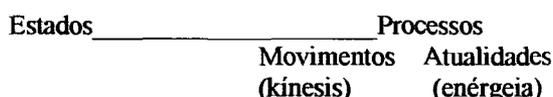
TEORIAS SEMÂNTICAS RELATIVAS A TEMPO E ASPECTO - PERSPECTIVA HISTÓRICA

Necessário se faz apresentar os precursores teóricos que serviram de base para o desenvolvimento do estudo da categoria *aspecto* em ambas as línguas:

1.1 - ARISTÓTELES (1048) – Metafísica IX.

ARISTÓTELES, considerado por DAHL (1981) como precursor da *tradição ocidental* do estudo do *aspecto*, propõe uma distinção entre duas classes verbais.

Uma delas ainda se subdivide em outras duas classes, conforme o esquema que segue:



As análises gramaticais, influenciadas pela tradição greco-latina e dos alexandrinos, utilizavam os termos *perfectum* (perfeito) / *imperfectum* (imperfeito), traduzidos como *completo* e *incompleto*, respectivamente, para diferenciar semanticamente as formas verbais que, devido a um *acidente histórico*, tiveram seu significado distorcido, ocasionando uma falta de clareza que predomina até hoje entre os conceitos de passado, presente e futuro e as noções de perfeito e imperfeito.

Essa distinção também é responsável pela confusão estabelecida entre os conceitos de tempo e *aspecto*, relacionado àquelas formas temporais, como poderemos constatar através das discussões que apresentaremos a seguir.

1.2 - REICHENBACH (1947) - Elements os Symbolic Logic.

Com o objetivo propor um modelo temporal universal, HANS REICHENBACH propõe tratar *tempo gramatical* de forma temporal trabalhando com *pontos*, anunciando uma nova fase no tratamento de tempo nas línguas naturais.

Mais tarde se soube que o modelo sugerido por ele se aplica exclusivamente à língua inglesa.

Conforme o autor, os tempos gramaticais (*tenses*) determinam o tempo cronológico (*time*) com referência ao tempo do enunciado, lembrando que as gramáticas tradicionais consideram, geralmente, um único tempo, o do evento (e, às vezes, o de fala).

Para tanto, REICHENBACH inclui e formaliza o sistema de J.O.H. JESPERSEN (1924) em *The Philosophy of Grammar*, definindo, de uma forma mais adequada, as formas temporais, considerando três pontos (momentos) absolutamente necessários: o momento da fala (S), o do evento (E) e o de referência (R), conforme a definição a seguir:

Let us call time point of token the *point os speech*. Then the three indications, 'before the point of speech', 'simultaneous with the point of speech', and 'after the point of speech', furnish only three tenses; since the number of verb tenses is obviously greater, we need a more complex interpretation. From a sentence like 'Peter had gone' we see that the time order expressed in the tense does not concern one event, but two events. Whose positions are determined with respect to the points of speech. We shall call these time points the *point of the event* and the *point of reference*. In the exemple the point of event is the time when Peter went; the point of reference is a time between this point and the point of speech. In an individual sentence like the one given it is not clear wich time point is used as the point of reference. This determination is rather given by the context of speech. (REICHENBACH, 1947: 288).

Pode-se, então, ordenar diferente e reduzidamente os vários tempos, utilizando apenas estes três pontos (S, R e E), conforme abaixo sistematizado:

QUADRO SISTEMÁTICO A

E-R-S	I had done it	past perfect
E,R-S	I did it	simple past
R-E-S R-S,E R-S-E	I would do it	conditional
E-S,R	I have done it	present perfect
S,R,E	I do it	present
S-E-R S,E-R E-S-R	I will have done it	future
S,R-E S-R,E S-R-E	I will do it	future

FONTE: REICHENBACH, 1947 : 297.

O sistema proposto por REICHENBACH se baseia na seguinte ordenação de conceitos:

- a ordenação estritamente temporal: anterior a, posterior a, e simultâneo com ;
- a ordenação baseada no falante, i.e., as relações temporais entre R e S: $R < S$ (passado); $R = S$ (presente) e $S < R$ (futuro);
- a ordenação baseada no evento, i. e., as relações entre E e R: $E < R$ (anterior); $E = R$ (simples) e $R < E$ (posterior). (apud GODOI, 1992 : 29)

O ponto (S) da enunciação é fixo. (E) é o ponto do acontecimento em relação à (S). O ponto (R), que liga o falante e o evento, é determinado pelo contexto e, embora apresente a vantagem de manter pontos fixos, torna-se difícil interpretá-lo visto que não há uma definição mais aprimorada, recebendo diversas críticas, por este e outros vários motivos, por exemplo PRIOR (1967), que tenta solucionar o problema de alguns tempos verbais, exigindo, no mínimo, dois pontos de referência. Para VET (1982), além do esquema de REICHENBACH não resolver estruturas como as que segue:

(1.1)

HOL. - zou gesproken hebben.

INGL. -He would have spoken.

Ele teria falado. (apud Godoi, 1992 : 29)

não resolve problemas de formação de certos tempos, inexistentes nas línguas naturais, como o S-R-E (futuro do futuro).

A afirmativa de VET sobre o futuro do futuro é pelo menos imprudente, porque certamente ele não pesquisou todas as línguas do mundo. Além disso, há contra exemplos em duas línguas, o latim, que é uma língua natural, e o esperanto, que teve origem artificial e agora é praticado como língua materna de algumas centenas de falantes e como língua de eleição de milhares de pessoas:

(1.2)

a. Amaturus ero.

b. Mi estos amonta.

c. Amontos.

Eu serei uma pessoa que estarei para amar.

Por outro lado, é um problema difícilimo e talvez insolúvel querer aplicar as mesmas regras para os tempos simples e compostas de auxiliar e verbo principal. O fato é que o status morfossintático das formas simples se repete nas compostas, conjugando as informações de cada uma das formas verbais envolvidas.

Posteriormente, COMRIE (1985), de quem trataremos mais adiante, observa que os *tempos absolutos* (os tempos simples do inglês: passado, presente e futuro) não precisam do ponto de referência para serem caracterizados, conforme esquematizado:

presente	E simultâneo com S	(E=S; E,S)
passado	E antes do S	(E<S; E-S)
futuro	E depois do S	(S<E; S-E)

Partindo destes pressupostos, COMRIE afirma que em termos de localização no *tempo cronológico*, o perfeito não difere do passado, propondo o que segue:

It should also be noted that use of the past tense only locates the situation continues to the present or into the future, although there is often a conversational implicature that it does not continue to or beyond the present [...] Thus, English John was eating his lunch (when I looked into his room) [...] says nothing about whether the situation continues at the present moment or not. (COMRIE, 1985 : 41-42).

ou seja, conforme o autor, os significados atemporais dos tempos verbais são atribuídos pelo contexto: “[...] In a individual sentence like the one given it is not clear which time point is used as the point reference. This determination is rather given by the context of speech.”(Idem, *ibidem* : 288)

Por outro lado, DECLERCK (1986 : 313) desaprova a visão ampla e simplificada, acima, afirmando que “[...] the past tense does not simply locate the time of the situation before the moment of speech. Rather, it relates the time of situation before the moment of speech.”

Para REICHENBACH, tanto o gerúndio quanto o particípio presente de um verbo, indicam um *tempo estendido*, ou seja, os gerúndios - para eventos progressivos - indicam propriedades de coisas permanentes, conforme a citação a seguir:

In some tenses, an additional indication is given concerning the time extension of the event. The English language uses the present participle to indicate that the event covers a certain stretch of time.

[...] The extended tenses are sometimes used to indicate, not duration of the event, but repetition. Thus we say ‘women are wearing larger hats this year’ and mean that is true for a great many instances. Whereas English expresses the extended tense by the use of the present participle, other languages have developed special suffixes for this tense. (REICHENBACH, 1967 : 290-291)

Podemos perceber a necessidade de inserir a noção de intervalo de tempo, mais tarde defendida por DOWTY (1979), que poderia resolver o problema dos tempos no progressivo, evitando problemas como os citados pelo próprio autor (REICHENBACH, 1967 : 290-291):

(1.3) a) Past Perfect Extended

INGL. $\frac{\quad}{\quad} / \frac{\quad}{\quad} / \frac{\quad}{\quad} / \frac{\quad}{\quad} >$
 $\frac{\quad}{\quad} / \frac{\quad}{\quad} / \frac{\quad}{\quad} / \frac{\quad}{\quad} >$
 E R S
I had been seeing John

b) Imparfait

FR. $\frac{\quad}{\quad} / \frac{\quad}{\quad} / \frac{\quad}{\quad} >$
 $\frac{\quad}{\quad} / \frac{\quad}{\quad} / \frac{\quad}{\quad} >$
 R,E S
Je voyais Jean

Ao contrário de a., em inglês, o exemplo b., é agramatical, pois tanto em francês, quanto em alemão, os tempos *estendidos* (progressivo) não são morfologicamente

marcado no verbo, sendo expresso por advérbios especiais com significados equivalentes como, por exemplo: *sempre*, *habitualmente* e assim por diante.

Em suma, este trabalho se destaca por ter servido de subsídio teórico para outros trabalhos importantes que serão aqui tratados.

1.3 - RYLE (1949) – The concept of mind.

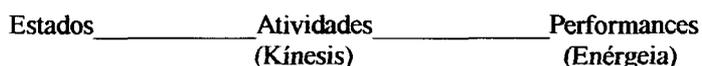
Baseado na classificação bipartita de ARISTÓTELES, RYLE (1949), divide os verbos em resultativos (*achievements / kinesis*) que descrevem algo acontecendo em um determinado momento como: *win* / ‘ganhar’, *find* / ‘achar’, *cure* / ‘curar’, *convince* / ‘convencer’; e não resultativos (*atividades / enérgeia*) como: *hunt* / ‘caçar’, *keep* / ‘manter’ (a secret / um segredo), *listen* / ‘escutar’, que indicam uma ação que perdura por um longo período de tempo.

Além disso, RYLE separa os verdadeiros achievements que ele denomina *purely lucky achievements*, dos não-verdadeiros achievements, ou seja, os *achievements with an associated task*, como, por exemplo, os verbos *find* / ‘achar’, *convince* / ‘convencer’, admitindo uma lista de advérbios, como *conscientiously / conscientemente*, *attentively / atentamente*, *pertinaciously / insistentemente*, que dificilmente ocorrem com o que ele denomina verdadeiros achievements.

Este estudo influenciou trabalhos importantes, como o de KENNY (1963) e VENDLER (1967).

1.4 - KENNY (1963) – Action, Emotion and Will.

Apesar de seguir a classificação verbal de ARISTÓTELES e ser considerado seu seguidor mais fiel, KENNY propõe três classes aspectuais, caracterizando uma classificação tripartita, abaixo esquematizada:



A proposta de ZENO VENDLER segue a mesma linha de raciocínio do autor anterior.

É importante citar que, tanto KENNY, quanto VENDLER, ao proporem suas classificações verbais e esquemas temporais, não tinham como objetivo principal desenvolver um estudo a respeito da categoria *aspecto verbal*. No entanto, a importância deste tipo de classificação teve grande repercussão e foi muito bem recebida pelos linguistas. Além disso, assim como REICHENBACH, o trabalho de VENDLER leva em conta apenas a língua inglesa.

1.5 - VENDLER (1967) - Linguistics and Philosophy.

VENDLER classifica os verbos de forma sistematizada com o intuito de descobrir o comportamento dos mesmos dentro de certos tempos cronológicos, alertando sobre a importância de estudos que tratam do tempo cronológico (*time*), no uso dos verbos.

Considerando o verbo um lexema atemporal, o autor evita o tempo gramatical (*tense*) focalizando sua atenção, de maneira intuitiva, no tempo cronológico propondo o que segue:

Estados _____ Atividades _____ Accomplishments _____ Achievements

Esta importante classificação quadripartita, baseada na proposta de KENNY, divide performance em accomplishment (que são os *achievements with associated tasks*, de KENNY) e achievement (*purely lucky achievements*, também de KENNY) por apresentarem diferentes comportamentos, representando as categorias que estão situadas no mundo como nós as percebemos e conhecemos.

Porém, para que estas classes sejam diferenciadas, é necessário obedecer a alguns critérios linguísticos, relacionados a determinadas restrições quanto a ocorrência com certos advérbios de tempo, às implicações lógicas e aos próprios tempos. Além disso, ele considera a relação dessas quatro classes aspectuais com os *termos* de estado, de atividade, de

accomplishment e de achievement. A palavra *termo* é usada para indicar em qual das quatro categorias os verbos pertencem.

Apesar de se tratarem de expressões sintaticamente complexas e ocorrerem com objeto direto, o autor determina em qual das quatro categorias o uso do verbo transitivo é permitido, passando do lexema para o sintagma verbal (SV). Esta posição, de que o objeto direto afeta o significado básico do verbo provocou muitas discussões, acarretando na produção das mais diferentes soluções.

O esquema de VENDLER, baseado na proposta de RYLE, sugere várias distinções das categorias, ilustradas com vários exemplos através dos quais podemos analisar as respectivas características:

Achievements captam o começo ou o auge de um ato que pode ser verdadeiro em todo os períodos do intervalo temporal (mudança instantânea), datado ou situado indefinidamente dentro do espaço (duração) temporal. Ex.: *recognize* / ‘reconhecer’, *find* / ‘achar’, *win* a race (SV) / ‘vencer a corrida’, *start* / ‘iniciar’, *stop* / ‘parar’, *be born* / ‘nascer’, *be die* / ‘morrer’, por exemplo:

(1.4) Eu nasci às 6 horas.

Accomplishments se refere a um seguimento inteiro de tempo (X V-ed), podendo haver um ou mais lapsos de tempo onde os accomplishments não se mantêm, têm duração intrínica (continuidade), porém culminam. Ex.: *run* a mile (SV) / ‘correr uma milha’, *paint* a picture (SV) / ‘pintar um quadro’, *grow up* / ‘crescer’, *recover* from illness (SV) / ‘recuperar-se de uma doença’, por exemplo:

(1.5) Dircilene correu dez quilômetros.

Atividades são homogêneas, pois possuem duração temporal inerentemente definida e não envolvem ação com culminação ou resultado antecipado. Ex.: *run* around (SV) / ‘correr em torno de’, *walk* / ‘andar’ e *swim* / ‘nadar’, por exemplo:

(1.6) Carinie correu durante duas horas.

Estados são homogêneos, porém, ao contrário das atividades, não produzem mudança nem envolvem dinamismo, não são ações e, principalmente, persistem através do tempo (duração). Ex.: *desire* / ‘desejar’, *want* / ‘querer’, *love* / ‘amar’, *hate* / ‘odiar’, *dominate* / ‘dominar’, por exemplo:

(1.7) Silvani ama Pedro.

Como foi mencionado, VENDLER propõe alguns critérios, checados através de alguns testes, a fim de melhor definir estas características. O primeiro, é a distinção de verbos progressivos de não-progressivos, conforme a citação: “At this stage, I shall try to avoid ambiguous terms and ignore stretched and the borderline uses. I start with the well-known differences between verbs that possess continuous tenses and verbs that do not.” (VENDLER, 1967 : 99)

Ao contrário dos accomplishments e atividades, os verbos estado e achievements são incompatíveis com progressivo. Porém, estes critérios nem sempre se aplicam, pois existem verbos de estado e achievement que, em inglês, aceitam a forma progressiva.

Considerando a possibilidade de os verbos estativos *ser*, *pensar* e *saber* admitirem a forma progressiva (*estar sendo*, *estar pensando*, *estar sabendo*), concluímos que este primeiro critério também é falho em português, bem como os verbos achievements que, a princípio, não admitem progressivo. Porém, o exemplo abaixo é perfeitamente possível:

(1.8) Este povo está morrendo aos poucos. (GODOI, 1992 : 24).

No entanto, é impossível desenvolver uma checagem precisa, considerando apenas o primeiro critério, pois há línguas que não possuem esta característica, como o francês e o alemão, e, por isso, COMRIE (1976) entre outros, discordam deste ponto de vista.

Os critérios que caracterizam as diferenças entre os verbos atividades e verbos accomplishments, relacionados à ocorrência com certos advérbios ou verbos e nos seus acarretamentos, foram reelaborados por DOWTY (1979 e 1986), os quais discutiremos mais adiante, lembrando que a literatura lingüística e principalmente a filosófica e a lógica apresentam várias tentativas de formalizar a relação entre o tempo físico e os tempos lingüísticos.

Vejamos agora, de acordo com os critérios restritivos de acarretamento lógicos e de coocorrência com os advérbios de tempo e tempos verbais, como VENDLER classifica as quatro categorias verbais (SV) em inglês, que comparamos com a língua portuguesa, a partir dos exemplos do próprio autor:

Os SV *Estados* se distinguem dos SV *Atividades*:

a) Por incluírem todas as qualidades. Exs.: *Desire* / ‘desejar’, *know* / ‘saber’, *love* / ‘amar’, como também *be married* / ‘ser casado’, *be ill* / ‘ser / estar doente’, *be yellow* / ‘ser amarelo’, entre outros.

b) Pelos hábitos que, num sentido mais amplo, incluem ocupações, disposições, habilidades, etc. Exs.: “Are you smoking?” (atividade) / “Do you smoke?” (estado) (VENDLER, 1967 : 108)

1^o critério:

SV estativos não ocorrem no progressivo (aqui também utilizaremos exemplos resgatados de GODOI, 1992: 146-168):

(1.9) *John is knowing the answer. / João está sabendo a resposta. (GODOI, 1992 : 146)

No entanto, em:

(1.10) Nowadays, the kids are wanting us to bring them toys. (Idem, ibidem)

essa afirmação não se sustenta pois, neste exemplo, que não é atividade, há ocorrência do progressivo com verbo estativo. Além disso, temos um exemplo citado por COMRIE (1976: 36), que veremos com mais detalhes a seguir:

(1.11)

I'm understanding more about quantum mechanics as each day goes by.
A cada dia que passa, estou entendendo mais sobre mecânica quântica.

2^o critério:

Construções tipo *forçar a + V. Est.*, *persuadir a + V. Est.* e *incitar a + V. Est.* não aceitam progressivo:

(1.12) *John forced Mary to know the answer. / *João forçou Maria a saber a resposta.

Este teste (GODOI, 1992 : 147) nos mostra que o sujeito do sintagma (com verbo estado) não é agente. Entretanto, todo critério que se apóia no contraste de significados pode com facilidade permitir contra-exemplos. Assim, parece-nos aceitável o seguinte:

(1.13)

a. Os amigos a persuadiram a saber tudo sobre discos voadores.
b. Eles o incitaram a estar amanhã à frente da tropa.

3^o critério:

SVestativos não ocorrem no imperativo:

(1.14) *Know the answer! / *Saiba a resposta! (Idem, ibidem)

Porém, os exemplos a seguir contradizem esta afirmação:

(1.15) Be quiet! / Saiba a resposta! (Idem, ibidem)

Porém, os exemplos a seguir contradizem esta afirmação:

(1.16)

a. Be quiet!

b. Saiba comportar-se!

c. Seja inteligente!

d. Querei o que podeis e sereis onipotentes! (PADRE ANTÔNIO VIEIRA)

A ocorrência de verbos estativos no imperativo, seguidos de adjetivos, só é possível de acordo com o valor semântico do adjetivo ou do complemento, seguindo o critério de aceitabilidade ou não-aceitabilidade, como em **Seja baixa, Ana!*. Portanto, este teste também não se sustenta, conforme podemos perceber através do contra-exemplo:

(1.17)

Please understand (get the point) that I am only trying to help you!

Por favor, entenda que só estou tentando ajudá-lo! (Idem, ibidem)

4^o critério

SV estativos não ocorrem com advérbios que representam ações voluntárias:

(1.18) *John deliberately knew the answer. / *João sabia a resposta deliberadamente.

ou seja, aqui (Idem, ibidem : 150) novamente o teste mostra que o sujeito do sintagma não é agente.

5^o critério

SV estativos não podem ser substituídos pela expressão *fazer o mesmo*:

(1.19) *Mary knew the answer and Peter did it too. / *Maria sabia a resposta e Pedro fazia o mesmo. (Idem, ibidem)

6^o critério

SV estativos não ocorrem (em alguns casos) com a expressão *acabar de*:

(1.20)

a. *João acaba de ser professor.

b. João acaba de ser nomeado professor. (Idem, ibidem)

No entanto, o exemplo b., proposto por GODOI é perfeitamente aceitável.

Os SV *Atividades* diferem dos SV *Accomplishments*

De acordo com VENDLER, as primeiras, ao contrário dos verbos *accomplishments*, representam ações que, a princípio, podem continuar indefinidamente: “[...] the concept of activities calls for periods of time that are not unique or definite. Accomplishments, on the other hand, imply the notion of unique and definite time periods.” (VENDLER, 1967 : 106-107)

Esta afirmação nos leva ao problema do *paradoxo do imprfectivo* e, pode ser resolvido, por exemplo, a partir da noção de *mundos de inércia* proposto por DOWTY (1979), conforme veremos a seguir.

Critérios de distinção de verbos *Atividades* dos verbos de *Accomplishments*:

1^o critério

SV atividades não ocorrem com advérbios tipo *em uma hora*:

(1.21) a. Ingl. *John walked in an hour. / *João andou em uma hora. (Idem, ibidem)

Existe a possibilidade da sentença b. ocorrer no sentido de *aprender a andar*, mas ela não se caracteriza como SV atividade.

2^o critério

Verbos accomplishments ocorrem com advérbios do tipo acima citado, mas podem apresentar problemas na ocorrência do tempo verbal do sintagma. Dependendo do tempo podemos ter um leitura iterativa (vários fatos acontecendo sucessivamente), descaracterizando a semelfactiva, considerada normal por remeter a um único acontecimento, vejamos:

(1.22)

John painted a picture in an hour.

(1.23)

- a. John pintou o quadro numa hora.
- b. João pintava o (melhor um) quadro numa hora. (leitura iterativa)
- c. ??João estava pintando o quadro numa hora (Idem).
- d. ?João esteve pintando o quadro numa hora
- e. João pinta o (um) quadro numa hora (Idem)
- f. João está pintando o (um) quadro numa hora (Idem, ibidem : 153)

3^o critério

Advérbios durativos como *durante uma hora* (for an hour), não ocorrem com sintagmas verbais contendo verbos accomplishments, conforme os seguintes exemplos:

(1.24)

?John painted a picture for an hour.

(1.25)

- a. João pintou o quadro durante uma hora.
- b. João pintava o quadro durante uma hora. (iterat.)
- c. João está pintando o quadro durante uma hora.
- d. João estava pintando o quadro durante uma hora.
- e. João esteve pintando o quadro durante uma hora. (Idem, ibidem : 155)

4^o critério

Ao afirmar que os acarretamentos de SV atividades e accomplishments diferem, VENDLER retoma a idéia de movimento incompleto (*enérgeia*) e competado (*kinesis*) dos verbos, proposto anteriormente por ARISTÓTELES. Conforme abaixo citado:

If it is true that someone is running or pushing a cart now, then even if he stops in the next moment it will be still true that he did run or did push a cart. On the other hand, even if it is true that someone is drawing a circle or is running a mile now, if he stops in the next moment it may not be true that he did draw a circle or did run a mile. In other words, if someone stops running a mile, he did not run a mile, if one stops drawing a circle, he did not draw a circle. But the man who stops running did run and he who stops pushing a cart did push it. (VENDLER, 1967 : 100)

Para DOWTY (1979), se considerarmos a substituição do verbo *stop* por um tempo apropriado existirão, na verdade, dois critérios baseados no anteriormente citado:

If ϕ is an activity verb, then $x \phi$ ed for y time entails that at any time during y , ϕ ed was true. If ϕ is an accomplishment verb, then $x \phi$ ed for y time does not entail that $x \phi$ ed was true during any time within y at all.

If ϕ is an activity verb, then x is (now) ϕ ing entails that x has ϕ ed. If ϕ is an accomplishment verb, then x is (now) ϕ ing entails that x has not (yet) ϕ ed. (DOWTY, 1979 : 57)

O primeiro nos mostra claramente o critério de homogeneidade dos SV atividades, no qual encontraremos, em qualquer parte do intervalo, o mesmo tipo de ação. O segundo critério, proposto por KENNY (1963), distingue atividades de performances além de apresentar grande importância na discussão sobre *paradoxo do imperfectivo*, formulado por DOWTY (1977), que conclui, em 1979, que o significado de um sintagma verbal accomplishment quase sempre envolve o “vir a ser” (*the coming about*) de um particular estado de coisas.

De acordo com GODOI (1992 : 157):

É curioso que até alguns lingüistas que 1) reconhecem que o critério de homogeneidade determina a distinção entre os eventos, por um lado, e os estados / atividades, por outro lado, e que a esta distinção corresponde, entre outras coisas, à distinção dos advérbios temporais em (tempo) x / durante (tempo) x , 2) se consideram fieis à classificação vendleriana e 3) se dispõem a transportar as conclusões de VERKYUL (1972) diretamente para outras línguas [...]

E, com isso, aplicam esses mesmos testes em outras línguas.

A seguir, apresentaremos os testes de acarretamentos propostos por VENDLER e checados por GODOI (1992 : 150), começando com o verbo *stop*:

(1.26) Atividade

- a. Engl. John stopped walking. -> John walked.
- b. Port. João parou de andar. -> João andou.

(1.27) Accomplishment

- a. Engl. John stopped painting the picture. ~ -> John did paint the picture.
- b. Port. João parou de pintar o quadro.
~ -> João pintou o quadro.
-> João estava pintando o quadro.
-> João esteve pintando o quadro.
-> João pintava o quadro.

Critérios que distinguem achievements de accomplishments e estados:

1^o critério

Podemos dizer que o critério relativo à coocorrência de SV achievements com os advérbios de tempo é semelhante aos dos accomplishments, ou seja:

(1.28) Inglês

- a. John found the solution in an hour.
- b. *John found the solution for an hour.

(1.29) Português

- a. João achou a solução numa hora.
- b. *João ahou a solução durante uma hora.

mas:

- c. ?João achava a solução numa hora. (com possibilidade de leitura iterativa).
- d. *João estava achando a solução numa hora.
- e. *João esteve achando a solução numa hora.
- f. *João achava a solução durante uma hora.
- g. *João estava achando a solução durante uma hora.
- h. *João esteve achando a solução durante uma hora.

nos exemplo acima, pode-se observar a impossibilidade da ocorrência de um verbo de accomplishment, no imperfeito e no progressivo, com o advérbio durativo (*durante uma hora*).

2^o critério

Os SV achievements não admitem advérbios como *deliberadamente*, *voluntariamente*, pois, assim como os SV estativos, tornam o sujeito da sentença *passivo* (*não agente*):

(1.30) a. Port. *João achou o anel voluntariamente.

Após concluir que os critérios de VENDLER se referem à agentividade, DOWTY (1979) amplia o sistema anteriormente proposto, considerando um vasto panorama aspectual no qual inclui os fatores *agentivo / não agentivo* conforme veremos mais adiante.

Na seqüência apresentaremos a perspectiva de COMRIE (1976).

1.6 - COMRIE (1976) – Aspect: na introduction to the study of a verbal and related problems.

Em sua proposta, COMRIE discute o conceito de *aspecto verbal* e conceitos relacionados a esta categoria, além de apresentar sínteses de algumas abordagens teóricas discutidas e exemplificadas através de dados obtidos de várias línguas.

Este trabalho também é considerado um dos mais importantes na chamada *tradição ocidental*, pois a definição do *aspecto* deste autor é a mais aceita por lingüistas brasileiros, como TRAVAGLIA, 1985; CORÔA, 1985; LOPES, 1987; RUIZ, 1992 - cujos trabalhos serão melhor explicitados no capítulo 2 - bem como pelos anglo-saxões, por exemplo DOWTY; 1979, que discutiremos na seqüência.

Porém, esses autores chegaram a conclusões diferentes. TRAVAGLIA considera aspectuais as noções de duração da situação, pois o *aspecto* se dá através de noções

expressas pelo verbo e pela interação deste com outros elementos da oração. Já CORÔA considera aspectual apenas a oposição perfectiva / imperfectiva, que diferencia o *aspecto* do modo de ação (*Aktionsart*), eliminando qualquer distinção baseada na duração.

Aktionsart, na bibliografia alemã, diz respeito às modificações das representações de eventos ou estados de coisas, através de prefixos, sufixos, construções com outros verbos, adjuntos adverbiais, com o objetivo de expressar suas fases (inceptiva, continuativa, terminativa) ou, seu caráter progressivo, distributivo, durativo. A distinção entre *Aktionsart* e o *aspecto* é feita de duas maneiras.

A primeira considera *aspecto* como gramaticalizações de distinções semânticas relevantes, enquanto *Aktionsart* representa lexicalização de distinções, independentemente de como essas distinções são lexicalizadas. A Segunda distinção, mais usada pelos Eslavos (tradição oriental) é entre *aspecto* como gramaticalização de distinção semântica e *Aktionsart* como lexicalização de distinção semântica, desde que a lexicalização seja feita por morfologia derivacional. AGRELL, inspirado nas mudanças no significado lexical do verbo, foi o primeiro a introduzir a definição do modo de ação, conforme ilustraremos:

Por modo de ação (*Aktionsart*) eu entendo não as duas categorias básicas do eslavo, não as formas que indicam ações incompletas e completas – essas categorias eu denomino aspectos (*Aspekte*). Pelo modo de ação eu indico as funções semânticas dos verbos prefixados (e também de alguns verbos sem prefixos e alguns formulados por prefixão), que até agora quase não atraíram a atenção de ninguém e não foram ainda classificadas, cujo significado é determinar com precisão como a reação se realiza, expressar sua maneira de realização. (apud MASLOV, 1962 : 36 – trad. SOARES, 1984)

Para COMRIE, a categoria tempo é dêitica, ou seja, o tempo de uma situação descrita refere-se a um outro tempo (momento da fala). Vejamos agora, a definição do autor:

As the general definition of aspect, we may take the formulation that aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation. (COMRIE, 1976 : 3)
Aspect is not concerned with relating the time of situation to any other time-point, but rather with the internal temporal constituency of the situation; one could state the difference as one between situation-internal time (aspect) and the situation-external time (tense). (Idem, ibidem : 5)

Os termos *perfectivos* e *imperfectivos*, considerados por ele como uma das características das línguas originárias do indo-europeu, são definidos a partir da afirmação

acima, considerada como principal. Assim: “[...] perfectivity indicates the view of a situation as a single whole, without distinction of the various separate phases that make up that situation: while the imperfective pays essential attention to the internal structure of the situation.” (Idem, *ibidem* :16)

O imperfectivo admite duas possibilidades de expressão da temporalidade interna (*aspecto*) do verbo: uma, considerada como um fragmento de tempo que se desenvolve exprimindo cursividade, e outra, a partir de uma seleção das fases desse tempo interno, ainda em estado resultativo, que valorizem lingüísticamente a constituição temporal interna de um processo que os antecedeu.

Afirma, portanto, que o *aspecto* não é uma categoria dêitica, pois se refere à situação em si, o que resolve os problemas das situações, com formas perfectivas, internamente complexas, ou seja, situações que duram por um tempo ou que possuem um número de fases, diferentes incluídas no mesmo período e tratadas como um conjunto único.

Importa agora definir o que se conceita aqui como dêitico. Segundo LYONS (1979 : 637), o termo *déixis* se refere à localização e identificação de pessoas, objetos, eventos, processos e atividades sobre as quais se está falando, em relação ao contexto espaço-temporal criado e sustentado pelo ato de fala, e da participação neste ato de um único falante e pelo menos um ouvinte. O falante e o ouvinte (ou ouvintes) encontram-se no que LYONS chama de *canonical situation of utterance* (situação canônica de elocução), na qual os participantes estão presentes, capazes de ver um ao outro, de perceber a associação de traços não-vocais paralingüísticos e assumir, por vez, o papel de emissor e receptor.

No entanto, GODOI (1992), discorda desse conceito que possui uma visão mais ampla, o que o torna problemático, pois não explica sentenças que expressam o começo da situação localizado no passado, tal como podemos observar a seguir:

(1.31) O nenê dormiu e aí conseguimos descansar um pouco. (GODOI, 1992 : 174)

Partindo do princípio de que as sentenças sejam percebidas pela *intuição* do autor, como perfectivas, exemplos como o seguinte, continuam sem explicação por este conceito de *globalidade*:

(1.32) Ele falou comigo várias vezes. (Idem, ibidem)

COMRIE também distingue as noções de habitualidade, continuidade e progressividade como subdivisões do imperfectivo, relacionando, também, os conceitos de situações durativas (que perduram no tempo) e pontuais (que não duram no tempo / eventos sem estrutura interna): as primeiras são conceituadas como estativas e as segundas como dinâmicas. Além disso, opõe os verbos télicos (que expressam uma situação que necessariamente termina) dos verbos atélicos (não necessariamente tendem a um fim).

Este estudo foi de suma importância, pois influenciou a definição de *aspecto* e seus conceitos serviram de modelos quantitativos usados pelos estruturalistas para estabelecer a combinatória dos *aspectos*. No entanto, COMRIE se limita apenas a apresentar os conceitos que abrangem sua linha teórica que sem a pretensão apresentar um conjunto de parâmetros.

1.7 – DOWTY

1.7.1 – DOWTY (1979) – Word meaning and Montague grammar.

Beseado em VENDLER (1967), DOWTY considera a lógica universal para estabelecer uma semântica aspectual através de uma análise das classes verbais, em inglês, com base na decomposição lexical, e tenta evitar ambigüidades.

Também considera os trabalhos clássicos de estruturalistas como HJELMSLEV (1953) e os conceitos do estruturalismo moderno, como os propostos pela semântica gerativa, que sustentam que o significado de uma sentença é composto de expressões complexas que não contém palavras específicas da língua natural, como ocorre na *estrutura superficial*, representadas na *estrutura profunda*, subjacente à *estrutura sintática*. Além disso, há muitas possibilidades de se representar as transformações e a estrutura subjacente, como por exemplo a famosa decomposição do verbo *to kill* / ‘matar’, utilizando os predicados abstratos *Cause - Become - Not - Alive* (Estrutura Profunda).

DOWTY sustenta que existe, nestas representações, uma relação significativa entre os adjetivos e os verbos incoativos (ver SHI, 1990) e causativos e que as diferenças aspectuais entre as classes vendlerianas podem ser explicadas a partir da introdução de certos operadores abstratos como, por exemplo: *Cause*, *Become* e outros.

Esta proposta de análise “reducionista”, representa os verbos atividades, accomplishments e achievements a partir de um ou mais predicados estativos, subjacentes aos verbos de estado, e alguns dos operadores. Esta representação das classes aspectuais baseada na gramática e ilustrada de modo lingüístico e sistemático com critérios e testes parte da noção de predicado estativo estabelecida pelo autor.

Percebemos, então, que esta teoria se assemelha à de papéis temáticos porposta por GRUBER (1976) e JAKENDOFF (1976) - sobre a noção de predicado estativo - bem como, à teoria da lógica dos predicadores de VON WRIGHT (1963, 1968) - sobre a introdução dos conceitos de mudança, em que o fator mais importante é a formalização da divisão verbal (ver CANN, 1993 e AQVIST, 1976 e 1977), proposta anteriormente por VENDLER, separando os verbos de atividade e estados dos verbos de accomplishment e achievement, através da análise dos primitivos metalingüísticos, como por exemplo, o SV estado.

Para processar esse cálculo, é necessário trabalhar com certos operadores: *Cause* para verbos accomplishments e achievements; *Do* para atividade e *Become*, que expressa mudança, para accomplishments e achievements, respectivamente.

No entanto, ao analisarmos a *decomposição lexical* estabelecida por DOWTY, percebemos alguns problemas, conforme podemos observar a partir do que se segue:

[...] the meaning of an accomplishment verb phrase invariably involves the coming about of a particular state of affairs. For example, drawing a circle involves the coming into existence of a circle (or in any case, a representation of a circle, cf. draw a unicorn), kicking the door open involves the door's coming to be open, and driving the car into the garage involves the car's coming to be in the garage. The analysis of accomplishments in terms of BECOME-sentences was motivated (on the semantic side) by the need to capture such entailments. (DOWTY, 1979 : 133).

Assim, os SV accomplishments são formalizados como $[\phi \text{ CAUSE } [\text{BECOME } \psi]]$, enquanto os SV atividades (*push the cart*) são representados como $[\phi \text{ DO } [\text{CAUSE } \psi]]$, e

os SV accomplishments no progressivo serão logicamente formalizados com o operador progressivo [PROG [ϕ CAUSE [BECOME ψ]]].

Porém, há proposições SV accomplishments no progressivo que não tendem, necessariamente, a um fim:

(1.32)

John was drawing a circle.

John estava desenhando um círculo. (GODOI, 1992 : 40)

De fato, não podemos afirmar que o evento acima resulta, obrigatoriamente, em um fim, bem como o SV achievement (*fall off the table* / cair da mesa), formalizado como [BECOME ϕ], pois produzem o que DOWTY denomina *paradoxo do imperfectivo* e conclui que: “[...] the solution to the ‘imperfective paradox’ lies in correctly formulating the truth conditions for [PROG ϕ] and [BECOME ϕ] [...] and does not, [...] directly involve the truth conditions for [ϕ CAUSE ψ].” (Idem, ibidem : 137), o que conduz a proposta de que as condições de verdade de uma proposição se referem a um intervalo e não ao momento de tempo.

Esta inovação na lógica temporal, introduzida no trabalho de DOWTY, primeiramente apresentada por BENNETT & PARTEE (1972), tenta solucionar o problema do *paradoxo do imperfectivo*, do seguinte modo: “[...] PROG ϕ is to be true at I if and only if there is an interval I' including I (and thus extending into some but perhaps not all possible future(s) of I) at which ϕ is true.” (Idem, ibidem : 151), assim, para eliminar esta problema, o autor utiliza a noção de *mundos possíveis*, ou seja, em certos casos, usa verbo accomplishment no progressivo, acarretando mudança de estado no enunciado que esteja localizado no *inertia worlds or inertia futures* (mundo de inércia).

De acordo com THELIN (1990), DOWTY, que se preocupa tanto a resolver o problema do paradoxo do imperfectivo, é o seu próprio causador, conforme podemos analisar a seguir: “[...] implicit aspectual treatment of basic situational conditions in terms of change-of-state with the operator BECOME, on the one hand, and his privative aspectual understanding of the progressive represented by ad-hoc operator PROG presupposing the aspectual neutrality of simple form, on the other.” (THELIN, 1990 : 14).

1.7.2 – DOWTY (1986) – Introduction to Montague Semantics.

Em seu trabalho posterior, DOWTY (1986) se propõe a definir todas as classes aspectuais conforme suas condições de verdade relativas ao intervalo temporal, discriminado a partir dos seus exemplos:

(a) A sentence ϕ is stative iff it follows from the truth of ϕ at an interval I that ϕ is true at all subintervals of I. (DOWTY, 1986 : 42)

ou seja, se a proposição *John dormiu da 1 até as 2 da tarde* for verdadeira, então é verdade que John dormiu para / em todos os subintervalos deste intervalo (*dormir* = verbo estado).

(b) A sentence ϕ is an activity (or *enérgeia*) iff it follows from the truth of ϕ at an interval I that ϕ is true of all subintervals of I down to a certain limit in size. (Idem, ibidem)

isto é, se a sentença *John andou da 1 até as 2 da tarde* for verdadeira, então em / para a maioria dos subintervalos deste intervalo é verdade que John andou (*andar* = atividade).

(c) A sentence ϕ is an accomplishment / achievement (or *kínesis*) iff it follows from the truth of ϕ at an interval I that ϕ is false at all subintervals of I. (Idem, ibidem)

ou seja, se o enunciado *John construiu a casa no intervalo entre o dia 1 de abril e o dia 1 de setembro* for verdadeiro, então ele construiu a casa em qualquer subintervalo deste intervalo é falso (*construir a casa* = accomplishment / achievement). Devemos ter em mente que essas são definições de sentenças, não de verbos ou sintagmas verbais, e as condições de verdade para os sintagmas verbais e para os verbos resultam das condições de verdade para as sentenças, respectivamente. Outro fator importante diz respeito ao intervalo temporal (E = ponto de evento de REICHENBACH), para o qual é estabelecida a verdade da sentença.

De acordo com Dowty, os verbos achievements (pontuais) diferem dos accomplishments que perduram no tempo. Porém, essa distinção é discutível e, conforme exemplificado por GODOI (1992) - cap. 4 - não se sustenta:

(1.33)

John was dying when the doctor arrived.

John estava morrendo quando o doutor chegou. (GODOI, 1992 : 44)

Aqui, o próprio exemplo de DOWTY, utilizado também por GODOI, prova a possibilidade de ocorrência dos verbos achievements no progressivo.

Existem pesquisadores que, como DOWTY, não distinguem os accomplishments dos achievements. PARTEE (1984), por exemplo, se apóia na classificação vendleriana e utiliza as noções de intervalo de tempo e de distributividade. Além disso, ele relaciona a situação a qualquer uma das suas subpartes, mantendo igual os termos homogêneos ou distributivos estados e atividades nos seus subintervalos, pois cada subparte realiza o mesmo estado ou atividade, e adotando o termo *evento* (achievement / accomplishment) - heterogêneo ou não distributivo - que não se mantém em suas subpartes (subintervalos).

Em 1979, porém, DOWTY distingue *classe aspectual* e o *aspecto*, sustentando que: “[...] is usually understood to refer to different inflectional affixes, tenses, or other syntactic “frames” that verbs acquire (*aspect markers*), thereby distinguishing “different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation.”(COMRIE, 1976 : 3) (cf. DOWTY; 1979 : 52).

Além disso, afirma que *forma aspectual* são os marcadores aspectuais de uma sentença, e que os únicos exemplos de *aspecto* (em inglês) são: *use to* e o *tempo progressivo* (os quase auxiliares habituais). Destacamos que o problema do *paradoxo do imperfectivo*, como visto anteriormente, é provocado justamente a partir da forma progressiva do accomplishment, e as soluções dadas pelo autor bem como as condições de verdade atribuídas ao progressivo são criticadas e revistas por muitos pesquisadores, como PARSONS (1989), entre outros.

EM SÍNTESE...

Estes trabalhos foram selecionados por serem considerados os mais influentes no desenvolvimento de pesquisas posteriores que, de uma maneira ou de outra, envolvem a noção de *aspecto* verbal.

Pudemos observar que estes estudos tem em comum a preocupação em desenvolver uma classificação verbal em forma de categorias lexicais, o que os torna participantes da tradição *ocidental*, iniciada com os estudos desenvolvidos por ARISTÓTELES.

Com o intuito de tratar de suas propriedades verbais e não-verbais, os participantes desta tradição elaboram modelos teóricos baseados na lógica e, entre seus primitivos, adotam o conceito de intervalo de tempo que substitui o conceito lógico do momento, o que possibilita o desenvolvimento do cálculo de valor de verdade de uma proposição.

Considerando que as formas verbais tenham no seu significado um componente temporal, percebemos, a partir das análises apresentadas, que muitos dos modelos *ocidentais* também admitem, implícita ou explicitamente, os conceitos de pontos (de fala, evento e referência) de REICHENBACH.

Estes *modelos ocidentais* também têm em comum a consideração dos outros elementos que compõem a sentença, principalmente dos argumentos do verbo e sua contribuição semântica para o significado total da proposição.

Pudemos observar, também, que a classificação de VENDLER, que a princípio tentou tratar dos lexemas verbais, partindo depois para os sintagmas verbais, acarreta vários problemas com respeito às quatro classes de aspectuais, como o da ambigüidade.

Assim, considerando esta classificação verbal de KENNY / VENDLER, que envolve os advérbios de tempo e as implicações temporais, surge a necessidade de desenvolver um mecanismo que dê conta da formalização semântica dos tempos verbais, como o que encontramos na proposta de REICHENBACH.

E, também, ao analisarmos a checagem destes testes aplicado em língua que não a inglesa, percebemos que muitos deles não se sustentam, resultando no indesejável

problema do *paradoxo do imperfeito* de DOWTY (1979), que se caracteriza pela tentativa de classificar os lexemas desconsiderando o *aspecto* envolvido nas ocorrências temporais.

A lingüística moderna estabelece duas noções de interação na significação temporal dos verbos: a própria noção de tempo e *aspecto*. De acordo com RUIZ (1992), em *Aspecto: um estudo de sua expressão pelas flexões verbais*, esta distinção resulta, de certo modo, em uma abordagem crítica da gramática tradicional.

Podemos perceber que as definições acima seguiram o padrão estabelecido pela semântica temporal. No entanto, parece haver falhas nas definições dos verbos atividades, accomplishments e achievements, que, de acordo com GODOI *estranhas*:

A definição das atividades carrega uma certa vagueza (down to a certain limit). Se tirarmos este elemento da definição, teremos uma única classe de estados / atividades que se caracteriza pela homogeneidade (ou distributividade) em relação aos subintervalos do intervalo, no qual é verdadeira. (GODOI, 1992 : 43)

CAPÍTULO 2.

ALGUMAS DISCUSSÕES SOBRE A CATEGORIA VERBAL DE ASPECTO EM LÍNGUA PORTUGUESA

2.1 – Gramática tradicional.

Ao analisarmos uma das definições do verbo, na Gramática Tradicional, percebemos que a maioria dos autores simplesmente desconsidera a categoria *aspecto*, dificultando com isso sua compreensão, mesmo por falantes nativos de língua portuguesa, como nos mostra a citação a seguir: “Verbo é a palavra que exprime ação, estado ou fenômeno. Exs.: estudar, cantar, vender, partir (ação); estar, ficar (estado); chover, ventar (fenômeno); etc. [...] O verbo apresenta grande variedade de formas para expressar, além da ação, do estado ou fenômeno, a pessoa do discurso, o número, o tempo, o modo a voz.” (ANDRÉ, 1990 : 114, 4ª ed.)

Embora alguns Gramáticos reconheçam a diferença existente entre tempo e *aspecto*, não oferecem um tratamento diferenciado do *tradicional*, conforme a citação:

aspecto é categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo. Pode ele considerá-la *concluída*, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como *não concluída*, ou seja, observada na sua duração, sua repetição. É a clara distinção que se verifica em português entre as formas verbais classificadas como Perfeitas ou Mais-que-perfeitas, de um lado, e as Imperfeitas, de outro. [...] costumam, alguns semânticos alargar o conceito de ASPECTO, nele incluindo valores pertinentes ao verbo ou ao contexto. [...] É o próprio significado dos auxiliares que transmite ao contexto os sentidos INCOATIVO, PERMANSIVO e CONCLUSIVO.” (CUNHA & CINTRA, 1985 : 370 2ª ed.)

Ainda que se reconheçam a existência do *aspecto*, a apresentação do verbo é feita de maneira histórica: tempos e modos. Talvez por isso, a própria definição de *aspecto* seja duvidosa. É o caso da última gramática citada: o ponto de vista do locutor faz antes pensar em modo que em *aspecto*. Basta reler a definição de DUBOIS et. Alii. (1978 : 415): “Modo é

uma categoria gramatical [...] que traduz [...] a atitude do falante com relação aos próprios enunciados.”

Percebe-se, então que o tratamento da estrutura verbal, visto desse ângulo, não só confunde a definição da categoria de *aspecto* com flexão modo-temporal, mas também a descreve através de perspectivas opostas.

Algumas gramáticas se estendem na discussão sobre questões morfológicas, de regência e concordância verbal, limitando-se a uma breve referência quanto ao uso dos auxiliares na formação de perífrases aspectuais. Por exemplo, a definição de *aspecto* como “o momento da ação verbal que não se acha bem definido na divisão geral do tempo presente, passado e futuro” (SEGALLA, 1985 : 556), que confunde esta categoria com uma divisão mais refinada na linha do tempo cronológico, ou seja, *tempos naturais*, que se referem a um fato ocorrido no momento da fala, antes e após esse momento, respectivamente.

Assim sendo, nas análises das descrições dos verbos encontradas nas gramáticas tradicionais, são consideradas apenas as categorias de tempo - momento da realização da ação, expresso pelas flexões – de modo, de voz e de pessoa. A falta de uma diferenciação mais elaborada entre as categorias temporais e suas subdivisões, por um lado, e *aspecto*, por outro, que junto com o modo tem a difícil tarefa de distinguir os *tempos naturais*, nos conduz à necessidade do desenvolvimento de estudos que diferenciem, caracterizem e especifiquem a natureza da categoria de *aspecto*.

A seguir, alguns dos principais trabalhos que tentaram caracterizar e especificar a natureza desta categoria de *aspecto*, em língua portuguesa.

2.2 - CASTILHO (1967) – Introdução ao estudo do aspecto verbal da língua portuguesa.

CASTILHO desenvolveu um trabalho extenso e rico em exemplos, considerado pioneiro por servir de base teórica para outros pesquisadores, como TRAVAGLIA (1985), que será tratado posteriormente. Através da onomasiologia, que investiga as formas – signos – a partir dos conceitos, o autor estuda o quadro aspectual do português e os recursos de que a língua dispõe para sua expressão, sustentando que há processos manifestados pela linguagem, no todo ou em partes (recortes), para refletir o mundo.

CASTILHO apresenta os meios de expressão do *aspecto* em português e, em seguida, analisa os recursos lexicais (o semantema do verbo) e os morfossintáticos (a flexão temporal, os sufixos, os adjuntos adverbiais, as perífrases, o complemento do verbo e os tipos oracionais), definindo o *aspecto* como categoria lexico-sintática “que se reporta aos graus de realização da ação” (CASTILHO, 1967 : 41), bem como à representação espacial do processo, focalizando a relação do processo com os estados que o verbo expressa, e à noção de duração e desenvolvimento.

Na seqüência, o autor diferencia verbos *télicos*, como *matar*, *morrer* e *cair*, que expressam a ação que tende a um fim, de verbos *atélicos*, como *mastigar*, *escrever* e *viver*, que expressam a ação que não tende a um fim. Assim, o processo é determinado a partir das seguintes noções de valores aspectuais básicos: a duração, o completamento, a repetição e a neutralidade. Este sistema de valores admite quatro tipos de *aspectos*: o iterativo, o indeterminado, o imperfectivo e o perfectivo. Os dois últimos apresentam três subtipos cada um (perfectivo: pontual, resultativo, cessativo / imperfectivo: inceptivo, cursivo, terminativo).

Os verbos *télicos*, segundo o autor, são semelhantes ao *aspecto perfectivo* e os *atélicos*, ao *imperfectivo*. No entanto, através dos meios morfossintáticos, existe a possibilidade da ocorrência de uma mudança de classe: o *aspecto* iterativo, seqüência inconsciente de ações repetidas que formam o *hábito*, pode ser perfectivo ou imperfectivo, conforme o tipo de ação – durativo / imperfectiva ou pontual / perfectiva – que compõe a série de repetições. Já o indeterminado é caracterizado como sendo nem perfectivo, nem imperfectivo, como por exemplo as frases onitemporais, que expressam as verdades gerais (*gnômicas*), aforismos e provérbios do tipo:

(2.1) Quem fala o que quer, escuta o que não quer.

2.3 - BACK & MATTOS (1972) – Gramática Construtural da Língua Portuguesa.

Em seguida, a contribuição de BACK & MATTOS, para uma compreensão do verbo em português, sob enfoque semântico.

Os referidos autores buscam a compreensão das noções aspectuais através da semasiologia, método que parte do significante para os significados que ele possa expressar ou que neles possam estar presentes. Para tanto, utilizam uma terminologia diferente, que veremos no decorrer da apresentação.

É preciso, porém, esclarecer o que é *tempo* e o que é *aspecto* dentro dessa teoria. Uma boa explicação desses termos aparece em MATTOS (1987 : 443). Uma língua tem a categoria verbal de tempo quando o momento do diálogo determinar o momento do fato: presente, simultâneo ao diálogo; passado, anterior ao diálogo; futuro, posterior ao diálogo. Ao contrário, uma língua tem a categoria verbal de *aspecto* quando o momento do fato determinar o momento do diálogo: presente, simultâneo ao fato; passado, posterior ao fato; futuro, anterior ao fato.

Ao contrário de CASTILHO, que não atribui um papel semântico determinado às flexões verbais; e de MATEUS (1983) e TRAVAGLIA (1985) nos quais se consideram que as flexões expressam tempo e *aspecto*, BACK & MATTOS sustentam que o *aspecto* é manifesto pelas flexões verbais; e o tempo, pelos advérbios ou contextos: ou seja, morfologicamente, o verbo de língua portuguesa não tem categoria de tempo. Partem da idéia de que o homem é capaz de transformar em palavras tudo o que acontece no mundo, mesmo que este apresente diversidades culturais e características peculiares, causadas por diversos fatores e que, portanto, cada língua humana codifica o seu universo por meio de vocábulos, de maneiras diferentes, através do *nível de codificação do universo*.

Por outro lado, há um outro *nível lingüístico*, que não possui processo significativo correspondente no mundo: *correr*, que codifica um fato no universo, ao passo que o morfema *ia* em *corria*, é considerado, apenas, como um nível lingüístico. Assim, os significados dos morfemas são estipulados de acordo com cada cultura. Para que possamos compreender melhor o *conjunto de morfemas*, é necessário organizá-lo sistematicamente.

Embora existam vários tipos de morfemas que indicam número, pessoa, entre outros, trataremos apenas a classificação dos morfemas aspectuais que respondem “por um limite temporal no vocábulo” (BACK & MATTOS, 1972 : 639). Partindo da afirmação abaixo:

[...] o verbo de língua portuguesa não trabalha com épocas: não se pode confirmar que uma forma indique o fato presente, outra o fato passado, anterior a esse momento, e uma terceira ao fato futuro, posterior a esse momento, por que não existem essas correspondências entre formas verbais e aspecto. A época em que se realiza o fato, é assinalada de duas maneiras: a) pelas circunstâncias da situação [...] b) por vocábulos específicos [...] (Idem, ibidem : 642-3)

percebemos que existe um momento verbal, de suma importância para o estabelecimento de um sistema de formas verbais. Estes momentos verbais são classificados como “a) o *momento de diálogo*, simultâneos com as atividades do emissor ao dirigir-se a seu receptor; noutros termos, o momento do diálogo coincide com a época em que se fala. B) o *momento da cena*, simultâneo aos acontecimentos cotidianos na vivência do período.” (Idem, ibidem : 640)

Os autores se baseiam, então, em um sistema de análise das relações de oposição (antonímia) entre os morfemas, apresentando um conjunto de constantes e variáveis denominadas *semias*. Diferentemente do proposto por REICHENBACH (1974), este sistema de classificação temporal trabalha com dois momentos: o do *diálogo*, em que ocorre a enunciação sobre o evento (processo ou ação), referência fundamental para indicação de tempo, e o da *cena*, que se refere ao tempo de ocorrência do evento, caracterizando o *aspecto*.

Para esses autores, o verbo de língua portuguesa opera com um *aspecto* (acabado e inacabado) e dois modos (possibilidade e eventualidade).

Existem doze morfemas aspectuais distintos por quatro pares de semias:

1) Semia de acabamento do fato: inacabado e acabado.

O inacabado se refere a fatos simultâneos ou posteriores ao diálogo e aplica-se facilmente ao presente e ao futuro. Os verbos podem distinguir-se por privilegiar algum dos três tipos de possibilidade de inacabamento, por poderem indicar o fato que dura, o fato que se repete ou o fato que ainda vai iniciar-se:

(2.2)

a) Durativo: verbo estar – ele está em casa / ele mora aqui.

b) Frequentativo: verbo fumar – ele fuma / ele fuma charuto.

c) Inceptivo: verbo ir – ele vai à Londrina.

É curioso notar que os verbos podem transformar-se em durativos ou inceptivos pelo simples processo de se empregar como auxiliar o verbo *estar* ou o verbo *vir*, tipicamente durativo e inceptivo respectivamente: estar fumando (modalidade durativa do inacabado) / ir fumar (modalidade inceptiva do inacabado).

Existem seis formas simples no campo do inacabado (as formas pessoais vêm citadas pela primeira pessoa do singular): *levo / levava / leve / levasse / levar / levando*.

O acabado assinala o término do fato, indicando assim o fato acontecido e, por isso, deixando indistintas as modalidades de inacabado:

(2.3)

- a) Ele esteve em casa / ele morou aqui.
- b) Ele fumou / ele fumou um cigarro.
- c) Ele foi à Londrina.

Existem também seis formas simples no campo do acabado (as formas pessoais vêm citadas pela primeira pessoa do singular): *levei / levava / levar / levasse / levando / levado*.

Deve-se observar que a pura lógica das coisas nos deixa saber que o fato inacabado mais facilmente aparece no momento presente ou no futuro, enquanto o acabado mais comumente via encontrar-se no momento passado. Entretanto, apenas o *aspecto* de acabado ou inacabado dá conta de todas as possibilidades da língua portuguesa:

(2.4)

- a) Pensou em poupar, comprou aqui.
- b) O que for saindo, saiu. (M. ASSIS)

2) Semia da possibilidade do fato: próximo e remoto.

Ao contrário do próximo, que sugere o fato certo, possível ou provável, o remoto indica alguma impossibilidade que impede que se empregue naquele mesmo contexto a forma próxima correspondente. Na verdade, o próximo poderia chamar-se liberativo e o remoto impetitivo: possibilidade livre / possibilidade impedida. Observemos:

(2.5)

Próximo: O noivo dela mora neste prédio.

Remoto: O noivo dela morava neste prédio.

Próximo: O carro do marido dela é vermelho.

Remoto: O carro do marido dela era vermelho.

Enquanto a forma próxima indica a certeza do fato, a remota marca alguma impossibilidade, trazida por algum impedimento, construído por um fator puramente situacional. Entre esses fatores, podemos contar:

(2.6)

a) Ele não mora mais naquele prédio.

b) Eles desmancharam o noivado: ele continua morando lá.

Dependendo do fato, os fatores de impossibilidade podem ser numerosos:

(2.7)

a) O carro não é mais vermelho.

b) O marido e a mulher trocaram de carro.

c) Ele morreu.

d) Ela morreu.

e) O carro foi vendido.

f) O carro virou sucata.

g) O carro desapareceu.

Nos dois casos de exemplos com forma remota, apenas a primeira letra indica o passado como fator da impossibilidade de o noivo morar naquele prédio ou de o carro do marido dela ser vermelho: ele não mora mais naquele prédio / o carro não é mais vermelho.

A forma próxima é exclusivamente condicionada à situação, como em: *Morreu há meia hora; enterra-se amanhã*. (ASSIS, 1957 : 273). O fato *morrer* é acabado e anterior ao diálogo, enquanto o fato *enterrar* é inacabado e posterior ao diálogo.

Os autores alertam para o fato de que a forma remota não ocorre no momento do diálogo, devido à existência de dois fatores condicionantes: a) A situação, se for considerada improvável ou impossível: *Se eu fosse lá eu o encontraria*. b) O momento da cena, que descreve um fato anterior ao momento do diálogo (passado), referindo-se a acontecimentos determinados. Neste caso, temos uma narrativa que “comporta fatos acabados e inacabados”. (BACK & MATTOS, 1972 : 646).

3) Semia da eventualidade: eventual e efetivo.

O indicativo é absoluto e pressupõe um fato fixo, realizado ou realizável, no momento do diálogo ou do da cena: um fato efetivo. Pode ser perfeito (próximo ou remoto), indo do passado para o presente e indicando um fato anterior ou simultâneo ao momento do diálogo, ou ainda imperfeito (próximo ou remoto), indicando um fato simultâneo ou posterior ao momento do diálogo, indo do presente para o futuro.

4) Semia de circunstancialidade.

A semia de circunstancialidade distingue quatro formas frasais, que se caracterizam por suspenderem a semia de possibilidades (próximo / remoto) e por constituírem na normalidade da língua unicamente orações reduzidas, portanto subordinadas a outra que é plena ou desenvolvida. Apenas em casos especiais, algumas dessas formas podem perfazer orações independentes.

Apresentadas essas quatro semias, trataremos do grupo dos doze morfemas, considerando um verbo irregular que apresenta radicais diferentes, para facilitar a divisão entre as formas acabadas e as inacabadas:

-*digo, diga, dissesse, dizia*: inacabados ou imperfeitos.
-*disse, dissesse, dissesse, disse*: acabados ou perfeitos.
-*dizer, dizendo, dizendo, dito*: formas: formas frasais (nominais).

Curiosamente, ninguém do nosso conhecimento se deu conta de que existem duas formas que constituem homônimos: *dissesse / dizendo*.

O termo *manga*, por exemplo, é um homônimo porque pode associar-se a textos em si irreconciliáveis: descancar uma manga / remendar uma manga. É exatamente isso que acontece com os termos *dissesse* e *dizendo*: cada um deles combina respectivamente com as formas *diga* e *disser*. Como estas duas últimas formas diferem, também devem ser dois os

referentes das primeiras. A pertinência entre as três formas se comprova com facilidade pela possibilidade de troca em muitos contextos:

(2.8) Inacabado eventual		Acabado eventual
É bom querer que meu filho <i>estude</i> .		Se meu filho <i>estudar</i> , tudo fica bem.
Foi bom querer que meu filho <i>estudasse</i> .		Se meu filho <i>estudasse</i> , tudo ficava bem.
É bom querer meu filho <i>estudando</i> .		Meu filho <i>estudando</i> , tudo fica bem.
Foi bom querer meu filho <i>estudando</i> .		Meu filho <i>estudando</i> , tudo ficava bem.

Com a troca das formas verbais da primeira linha acarreta uma nítida inaceitabilidade, segue-se que as formas aparentemente únicas efetivamente são homônimos:

(2.9) *É bom querer que meu filho *estudar*. *Se meu filho *estude*, tudo fica bem.

As duas últimas linhas dos exemplos de eventual, inacabado e acabado, confirma ainda que a forma frasal anula as diferenças entre as formas próximas e as remotas.

As formas *digo*, *dizia*, *disse* e *dissera* pertencem ao modo indicativo, enquanto *diga*, *dissesse*, *disser* e *dissesse* pertencem ao subjuntivo. Partindo dessa divisão, constatamos que as primeiras são consideradas fundamentais; porque incondicionadas, salvo pelas circunstâncias do próprio fato veiculado, enquanto as quatro outras parecem sempre condicionadas a uma forma específica de período (o imperativo) ou ao processo subordinativo. Noutras palavras, as formas subjuntivas são variantes condicionadas das indicativas.

	acabado / anterior		inacabado / posterior	
Liberativo	disse	disser	diga	digo
Impeditivo	dissera	dissesse	dissesse	dizia
Frasal	dito	dizendo	dizendo	dizer
	efetivo	eventual		efetivo

As formas compostas do verbo somam puramente os traços semânticos do verbo auxiliar, em forma finita ou infinita, com os do verbos principal, sempre em forma frasal. Assim, a forma composta *tenho estudado* manifesta o *aspecto* durativo por meio do auxiliar *ter* e o *aspecto* acabado por meio da forma participial do verbo principal.

Considerando todas essas formas verbais, simples ou compostas, que constam na tabela desta página ou se baseiam nela, encerramos a apresentação da contribuição destes autores para o tema *aspecto*.

2.4 – ILARI

Passamos agora em revista a análise desenvolvida por ILARI que, para a interpretação temporal dos verbos, estuda a expressão do *aspecto* pelas formas verbais, procurando relacionar o *aspecto* em português com os três pontos rotulados por REICHENBACH (1947), no que diz respeito à classificação dos morfemas aspectuais.

Discutiremos, a seguir, três momentos importantes da perspectiva do autor mencionado, que também influenciou o desenvolvimento de muitas outras pesquisas igualmente relevantes.

2.4.1 – ILARI (1981) – Alguns recursos gramaticais para a expressão do tempo em português.

Em *Alguns recursos gramaticais para a expressão do tempo em português - Notas de um projeto de pesquisa*, ILARI se propõe a identificar os morfemas que contribuem para a expressão do tempo - os tempos verbais, as construções auxiliares e os adjuntos adverbiais de tempo - levantando hipóteses que, no final, ficam em aberto.

Além de considerar os três pontos, o momento da fala (MF), o momento da referência (MR) e o momento do evento (ME), dos tempos do indicativos com os valores estabelecidos pela gramática tradicional, o autor acrescenta outros fatores às sentenças como, por exemplo, adjuntos e perífrases verbais, constatando que a mesma pode derivar tanto da interpretação do contexto lingüístico quanto do não-lingüístico. A fim de não desviarmos do tema principal deste trabalho, trataremos apenas das características consideradas mais relevantes, ou seja, dos adjuntos adverbiais abaixo discriminados:

a) Interação com morfemas verbais [-durativos] e [-reiterativos] e, geralmente, determinam momentos atrá1985: 65).vés dos três pontos (MF, ME e MR), tomando como base o momento de fala. São considerados processo lexical dêitico porque toma como referência um fato conhecido, e denominado *identificação calêndrica*, típica dos calendários (*hoje, ontem, em 1978...*).

b) Podem ancorar ora no MR, ora no ME de uma oração. Essa ambigüidade, que afeta todos os tempos verbais para os quais ambos M são evidentemente diferentes, há uma solução: “Um adjunto adverbial de tempo em posição tópico (no início da oração e não acentuado) identifica MR; em posição de comentário (em final de oração ou acentuado) identifica ME.” (ILARI, 1981 : 185).

c) Alguns tempos verbais (p.ex. presente do indicativo) acrescidos de adjunto podem mudar de valor:

(2.10)

a) Em 1939, Hitler invade a Áustria. (presente histórico)

b) Amanhã, eu estudo isso. (presente do futuro)

Apesar de sugerir alternativas que melhor representam o valor temporal, ILARI prefere deixar a questão de unicidade de sentido num nível abstrato, em aberto.

2.4.2 – ILARI & MANTOANELLI (1983) - As formas progressivas do português.

No artigo supracitado, ILARI & MANTOANELLI resgatam os casos em que frases gramaticais se originam da ocorrência da perífrase *estar -ndo* e, através deste levantamento, percebem alguns pontos determinantes para a indicação de uma metodologia adequada, bem como apontam algumas restrições cuja explicação fica também como problema em aberto.

Baseados na diferença dos progressivos / não progressivos e nas quatro classes aspectuais de VENDLER (1967), estes autores constataam que há uma necessidade de se

analisarem outros dados do contexto, pois o desenvolvimento de um exame da distribuição das perífrases do progressivo se mostrou insuficiente para os seus propósitos.

Apesar da possibilidade de escolha de um enunciado, com presente simples ou progressivo, variar de acordo com os objetivos temporais - MF, MR e ME - proposto por REICHENBACH, ILARI dirige-se ao *aspecto* como uma categoria que se refere às diferentes maneiras de destacar as fases num mesmo, em que há sempre possibilidades de diferentes interpretações – de tempos com características temporais idênticas – serem aspectuais ou modais.

Ao diferenciar o presente progressivo do simples, ILARI constata, entre outras coisas, que somente o último é compatível com generalizações categoriais. Com relação à oposição de valores na diferenciação, tanto as forma simples quanto as progressivas admitem valores semelfactivo e habitual, pelo menos, em situações em que exija uma constatação ou uma referência a hábitos. Porém, isso não significa que o uso de ambas as formas seja indiferente, visto que apenas o progressivo admite interpretação semelfactiva e, quando conota hábito, estabelecem um limite temporal não presente nos habituais não progressivos.

Um segundo passo foi a apresentação da sistematização do uso do progressivo, considerando a fórmula de condições de verdade de DOWTY (1977), na qual a perífrase progressiva mantém, em todas as suas aplicações, um papel semântico constante, aplicada a bases verbais com estruturas semânticas diferentes; e, a partir dessas premissas, chega a alguns problemas de carácter técnico: “1) A necessidade (ou não) de postular coincidências entre o mundo real e o mundo possível para o segmento de I’que precede I depende do tipo de predicado utilizado, habitual ou semelfactivo [...] 2) Diante do paradoxo do imperfectivo achievements não se comportam de maneira uniforme [...]” (ILARI & MANTOANELLI, 1983 : 56-7)

Fica, porém, fica a dúvida sobre a validade em se continuar o processo de lexicalização a partir de informações lexico-semânticas e sintáticas e não pragmáticas.

Apesar destes problemas, ILARI & MANTOANELLI sugerem que “[...] a investigação na linha de DOWTY, eventualmente com alguns desvios, deve continuar.”(Idem, *ibidem* : 58)

2.4.3 – ILARI (1989) – Sobre os advérbios aspectuais.

ILARI se propõe a desenvolver um estudo sobre a classificação dos advérbios aspectualizadores e locuções adverbiais (p. ex.: *às vezes, vez por outra, sem parar, etc*), considerando advérbios e locuções que expressam tempo (*antigamente, no meu tempo, recentemente*). O autor conclui que estes advérbios formam uma classe extremamente heterogênea, visto que assumem funções sintáticas, bem como ocorrem em ambientes extremamente variados.

A possibilidade de se estabelecerem generalizações - visto que a posição dos advérbios modifica as palavras e o sentido que estabelece a relação predicado / argumento - constatada a partir deste estudo, prova que a língua falada também possui regras. Os advérbios ocupam uma posição que, além de corresponder a várias propriedades de ordem sintática e semântica, também corresponde a advérbios sentenciais, advérbios predicativos intra-sentenciais, operadores discursivos, ou seja, os paradigmas, responsáveis por definir funções dentro de uma sentença onde, geralmente, ocupam posições preferenciais.

Além disso, os advérbios podem ser polissêmicos, ou seja, podemos apresentar uma mesma expressão em vários contextos em que os advérbios assumem as funções destes contextos, ou podem ser reutilizados, multiplicando suas funções. Já a ordem, esta desenvolve o papel de desambigüizar uma sentença.

E, finalmente, o autor alerta para a necessidade de se produzirem mais estudos referentes à ordem dos advérbios em sentenças compostas e complexas, como coordenadas e subordinadas.

A seguir, trataremos do trabalho de caráter comparativo, de MANTOANELLI (1982).

2.5 - MANTOANELLI (1982) – Tempos e Aspecto em Português e Francês.

MANTOANELLI adota a Análise Constrativa para comparar o francês e o português, com o objetivo de buscar na lingüística aplicada (ver CAVALCANTI, 1986) e na psicologia da aprendizagem, subsídios para o tratamento pedagógico de certas dificuldades na expressão de tempo e *aspecto* manifestadas por alunos brasileiros do curso de francês.

Além disso, questiona as possíveis soluções utilizadas em sala de aula, com base nos diagnósticos dos problemas, referentes à violação habitual das normas do sistema aspectual e temporal do francês, com os quais os professores e alunos de francês se deparam (ver CANÇADO, 1991).

Para tanto, ela descreve os sistemas *aspecto*-temporais de ambas as línguas, utilizando uma análise semântica - adentrando sutilmente na pragmática - considerando, através de adaptações indiscriminadas, as vantagens e limitações da teoria contrastiva, desenvolvendo uma comparação sintático-semântico-pragmática.

Num segundo momento, a autora analisa os sistemas temporais e aspectuais das duas línguas, tomando como unidade de análise as proposições de orações simples e de períodos complexos com encaixadas temporais, nas quais não nos aprofundaremos visto que o objetivo deste trabalho não contempla os períodos complexos.

E, finalmente, após abordar o problema da contribuição da lingüística numa gramática pedagógica, sugere os procedimentos didáticos considerados mais adequados para facilitar a aquisição do sistema lingüístico francês.

Baseada na definição aspectual de COMRIE (1976) e na classificação de VENDLER (1967), MANTOANELLI se depara com a primeira dificuldade, visto que o francês não apresenta a forma progressiva morfologicamente marcada, fazendo com que o primeiro critério vendleriano, que diferencia os progressivos dos não progressivos seja excluído.

Um segundo problema diz respeito aos poucos recursos utilizados para diferenciar estados de atividades, partindo de critérios sintáticos, pois os verbos expressam diferentes tipos de processos que, combinados com qualquer dos tempos-*aspectos*, formam o sistema das duas línguas. Assim, enquanto os termos de estado, atividades e *tarefas* (accomplishments) aceitam ambas as expressões (perfectiva ou imperfectiva), os de processos e estados de coisas (os achievements) não admitem o *aspecto* imperfectivo, produzindo efeitos indesejáveis (*paradoxo do imperfectivo*).

No decorrer deste trabalho, que se restringiu ao estudo de algumas questões relativas à expressão do tempo e do *aspecto* verbal, MANTOANELLI percebeu que outras

questões, igualmente importantes para a análise diferencial do sintagma verbal nas duas línguas, como as perífrases, acabavam emergindo sem que a autora se aprofundasse nelas.

Com relação à aquisição de uma segunda língua (ver ALMEIDA FILHO & LOMBELLO, 1989, 1992, 1992; WIDDOWSON, 1991; KRASHEN, 1982), a autora alerta sobre a importância de se proporcionar um prévio conhecimento lingüístico aos alunos, para que eles não incorram em erros como a transposição direta dos idiomatismos de uma língua para outra, mas sim, busquem suas equivalências.

E, finalmente, critica a definição dos conceitos encontrados nas gramáticas tradicionais, pois sugere que os alunos sejam preparados para refletir acerca dos mecanismos lingüísticos, usados na comunicação, que eles operam inconscientemente.

Em seguida, abordaremos a proposta teórica de MATEUS et alii. (1983).

2.6 - MATEUS et alii (1983) – Gramática da Língua Portuguesa.

MATEUS dedica um subcapítulo à categoria lingüística *aspecto*, mas, antes de tratarmos o tema, é necessário citar alguns pontos considerados relevantes e esclarecedores. O primeiro ponto discutido, a *tipologia dos estados de coisas*, tem como critério básico de classificação o Intervalo de tempo (I) e apresenta esta subdivisão:

- a) **Estados**, que indicam uma *posição* em que não ocorre mudança no intervalo de tempo [-dinâmico].
- b) **Eventos** (ações).
- c) **Processos** (atividades), [+dinâmicos]

Vejamos alguns exemplos apresentados na gramática de MATEUS:

(2.11) a) O João está deitado. (estado)

Embora (a) seja Estado – pois o sujeito não sofre nenhuma alteração no intervalo de tempo no qual ocorre o fato – fica difícil entender tal caracterização devido à falta de uma classificação verbal. Além disso, MATEUS caracteriza Eventos e Processos considerando apenas as mudanças no intervalos de tempo, como podemos constatar a seguir:

(2.12)

b) Ana **escreveu** um romance. (evento)

b') Ana **escreve** um romance. (estado)

b'') Ana **escrevia** um romance. (estado de coisas)

(b) é um Evento por um estado P, no intervalo de tempo anterior para outro estado P', no intervalo de tempo imediatamente posterior. (b') é uma Estado, porém sugere também uma atividade (ação de escrever), e novamente a necessidade de uma classificação verbal para evitar essa ambigüidade. (b'') é considerado, pela autora, como um *estado de coisas*. O problema é que (b') e (b'') possuem o mesmo verbo de (b). No entanto, são situações nitidamente diferentes que, se justificadas apenas pela mudança no intervalo de tempo, poderiam ser classificadas como um Evento.

Todavia, não podemos afirmar que em (b') houve uma mudança de um estado P para um estado P', pois o ato de escrever não é finalizado, o que mudaria a situação. Pela definição de MATEUS, não podemos denominá-lo de Processo, pois é considerado *um fazer específico, delimitado por dois Eventos: começar algo e terminar algo*. Também a última sentença não pode ser classificada como um Processo, pelas razões que não pode ser um Evento e não corresponde de maneira alguma a um Estado.

O segundo ponto é a noção de *tipologia de predicadores*, função do tipo de estado de coisas analisadas que apresenta dois tipos de predicadores: os estativos [-dinâmicos], que correspondem a um Estado de coisas X, e os não-estativos [+dinâmicos], que correspondem a Eventos e Processos:

1) Somente os sintagmas verbais com predicadores não-estativos podem ter como substituto anafórico *acontecer* (MATEUS, 1989 : 420)

2) Tipicamente, só predicados não-estativos podem ocorrer em resposta à pergunta: *O que é que aconteceu?* (Idem, *ibidem*)

3) Só predicadores não-estativos podem ocorrer em pseudo-clivados de *acontecer* (Idem, *ibidem*)

Porém, os testes que verificam a ocorrência destes elementos que diferenciam os estados de coisas, bem como a contraposição estativos [-dinâmicos] vs. não-estativos [+dinâmicos] sugeridos não são suficientes para opor Estados às outras categorias. No entanto, MATEUS se apóia nesta distinção para tentar diferenciar também os Eventos dos Processos, atribuindo aos predicadores as seguintes propriedades: Processos [+durativos] e Eventos [-durativos]. Com relação aos advérbios, MATEUS propõe o que segue:

1) Predicado ‘processos’ admitem advérbios temporais durativos, mas Predicados ‘eventos’ não. Entretanto, os próprios exemplos de MATEUS provam que este teste não se sustenta:

(2.13)

- a) Ana escreveu um romance durante um mês.
- b) O Gonçalo deu carinho à Ana durante toda a vida.

2) Devido à impossibilidade de os Eventos receberem advérbios durativos, a lógica determina que os mesmos admitam advérbios pontuais.

(2.14)

- a) O Gonçalo deu o disco à Ana às 15 horas. (Evento).
- b) *O atleta correu às 15 horas. (Processo).
- c) Eles pararam de dançar agora. (Processo).

As explicações acima deixam confusa a classificação de uma sentença como a (b). Além de tudo, essa sentença parece ser aceitável no sentido de que a corrida começou a “tais” horas. Mesmo considerada outra situação, igualmente classificada como Processo, a sentença (c) fica perfeitamente aceitável, desde que acompanhada de um advérbio pontual.

3) O último teste referente à distinção entre Eventos e Processos, estabelece que, ao tomarmos uma construção perifrástica *parar + de + verbo*, teremos predicadores processo, não-predicadores evento.

Lembramos que não faz parte deste estudo o tratamento de perífrases, nem esgotar os testes sobre *tipologia dos predicadores* propostos por MATEUS. Os que aqui discutimos foram suficientes para confirmar que a definição proposta de estado de coisas, além de não responder às muitas questões que foram lançadas, dificulta a tentativa de compreensão do que seria o *aspecto* no português.

Embora em língua portuguesa haja uma lexicalização clara de *aspecto* com os verbos *ser* e *estar*, este assunto geralmente não é apontado nas gramáticas e, apesar dos vários problemas insolúveis, o estudo aqui analisado foi um dos pioneiros sobre este assunto. Por isso torna-se improtante uma releitura da proposta da autora examinando, cautelosamente, suas argumentações, principalmente por servirem de base para a sua definição geral de *aspecto*, conforme apresentada a seguir:

Uma definição da categoria *aspecto* deverá:

- i) Fazer apelo à tipologia dos estados de coisas e dos predicadores, [...]
- ii) Recorrer ao conceito de intervalo de tempo e às operações de quantificação sobre o intervalo de tempo, para dar conta da duração do estado de coisas descritos e da singularidade / pluralidade da sua ocorrência.
- iii) Incluir a referência às fronteiras inicial e final de um intervalo de tempo, bem como a intervalos de tempo imediatamente anteriores e imediatamente posteriores ao intervalo de tempo relevante.

Assim, chamaremos *aspecto* à categoria que exprime o modo de ser (interno) de um estado de coisas descrito através de expressões de uma língua natural, (i) por seleção de um predicador pertencente a uma dada classe; (ii) por quantificação do intervalo de tempo em que o estado de coisas está localizado, e / ou (iii) por referência à fronteira inicial ou final desse intervalo, ou a intervalos adjacentes. (MATEUS, 1983 : 90)

Assim sendo, para obtermos o valor aspectual de um enunciado necessitamos da união destes três fatores: a *classe aspectual* que está subordinada à *classe do predicador* e a forma aspectual está relacionada ao *intervalo de tempo*. Os processos de expressão do *aspecto* são considerados lexicais (classe aspectual e formação de palavras) e gramaticais (formas verbais, verbos aspectuais, e advérbios).

Entretanto, ocorre confusão com relação à aplicação do conceito de intervalo de tempo, quando este ocorre em mais de um estado de coisas em uma mesma sentença. Como esta questão é ampliada na definição de *aspecto* acima mencionada, torna-se necessário discorrermos mais um pouco sobre este assunto.

A autora atribuiu um ponto importante ao intervalo de tempo: a tarefa de diferenciar os predicadores que, por sua vez, tem como função distinguir o *aspecto* nas sentenças conforme a seguinte observação. Segundo ela:

- as relações expressas pelo predicador Evento (Pev) se encontram em um subintervalo de tempo (It) de pouca duração;
- as relações expressas pelo predicador Processo (Pproc) se encontram em todos os subintervalos de It, mas não precisam ser verdadeiros em todos eles;
- os predicadores Estados (Pe), como os Pproc se encontram em todos os subintervalos de It com a diferença que devem ser verdadeiros em todos os subintervalos por serem [-dinâmico]. (FINAU, 1995 : 10)

MATEUS propõe alguns testes para verificar a existência das referidas distinções aspectuais e pra se analisar estes testes é necessário observar as sentenças em que a diferença aspectual ocorre devido à *classe dos predicadores*. A partir daqui, utilizamos os exemplos resgatados do trabalho de FINAU (1995):

(2.15)

- a) João esteve *deitado*. (O predicador (P) *deitado* é da classe dos Pe (estados)).
- b) O Pedro *comeu imenso*. (O predicador (P) *comer* é da classe dos Pproc(processos)).
- c) A Joana *nasceu* em fevereiro. (O predicador (P) *nascer* é da classe dos Pev (eventos)).

(a) é considerada Pe, pois o predicador *deitado* pertence à classe dos Estados que são válidos para todos os subintervalos de It. Por outro lado, não podemos acreditar que este fato ocorra, exclusivamente, por causa do predicador, se assim considerarmos, devemos, então, aceitar que a sentença 1 a seguir também é um Pe, nem que a sentença 2 seja duvidosa quanto à sua classificação e, no entanto, pode ser classificada como Estado:

(2.16)

- 1) O João *comeu deitado*.
- 2) O Pedro *come* muito.

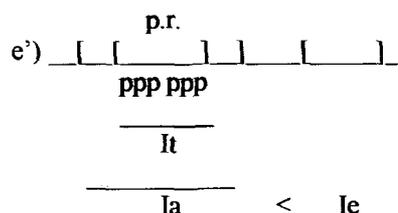
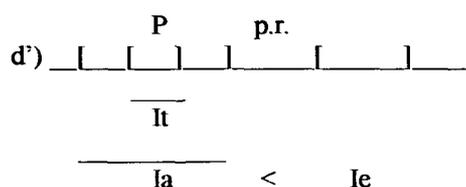
Estes exemplos serviram apenas para ilustrar o fato de que não basta considerarmos apenas a classe dos predicadores para determinar o *aspecto* expresso pelas sentenças.

Outro problema é o uso de critérios diferentes para a classificação de cada proposição, que são considerados pela *forma verbal* para a distinção aspectual, como ocorre com os exemplos abaixo:

(2.17)

- d) O Luís **estudou** até tarde.
- e) O Luís **estudava** até tarde.
- f) O Luís **tem estudado** até tarde.
- g) O Luís **estuda** até tarde.

De acordo com MATEUS o It em (d) é considerado *acabado*. Já na segunda sentença, o It é considerado *inacabado* por ter ocorrido *n* vezes surgindo a idéia da inclusão do conceito de *ponto de referência* para resolver este “paradoxo”. Entretanto, não há maiores esclarecimentos com relação a este conceito, nem quanto ao seu comportamento, como podemos observar nos esquemas dos exemplos (d) e (e):



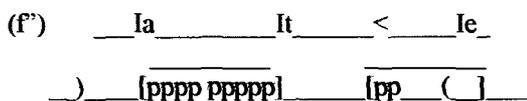
Assim, no exemplo (d') o ponto de referência é a fronteira final *acabada* do intervalo de tempo e, em (e'), está incluído no intervalo de tempo indicando um *processo plural inacabado*, distinção aspectual determinada pelas formas verbais *pretérito perfeito* e *imperfeito*, respectivamente. Porém, podemos modificar a situação apenas trocando as formas verbais:

(2.18)

- 4) O Luís estudou muito quando era garoto.
- 5) O Luís estudava muito quando era garoto.

Aqui, a semelhança dessas duas proposições, na expressão de uma ocorrência *acabada*, e o intervalo de tempo assim considerado, dificultam a distinção de Eventos e Processos, situação se complica ainda mais quando MATEUS tenta solucionar os exemplos (f) e (g) acima citados.

No primeiro caso, (f), a autora argumenta que o processo permanece *inacabado* por ocorrer *n* vezes em um intervalo de tempo (It), cuja a fronteira esquerda é Ia e $It < Ie$ com subintervalos contidos em Ie, conforme ilustrado em f', a seguir:



MATEUS estabelece, então, que o *pretérito perfeito composto* marca o início do estado de coisas descrito em Ia, mantido em Ie. Neste momento, é importante ressaltar que, embora não mencione REICHENBACH - cap. 1 - como autor consultado, sua proposta lembra a do autor no que se diz respeito aos pontos de evento, de fala e de referência.

Deste modo, a proposição (f) não indica valor aspectual habitual, mesmo que ocorra até o momento de Evento, como em (g), no qual um processo ocorre *n* vezes em It que é simultâneo a Ie em um subintervalo Ia.

O Presente, ocorrendo em todos os subintervalos contidos em It, possui valor aspectual *gnômico*, como a última interpretação em que o sujeito tem a propriedade de ser estudante em todos os subintervalos contidos em It. Se assim for, a expressão aspectual não poderá ocorrer apenas com forma verbal.

A partir das perífrases, MATEUS explica os valores aspectuais, distinguindo basicamente duas possibilidades denominadas de pontual e durativo, retomando a posição estruturalista, fundamentando a análise aspectual em um elenco de *Aktionsarten* / parâmetros / traços semânticos, elaborando uma hierarquia de *Aktionsarten*.

- Pontual (Eventos) = Incoativos (~p T p); Inceptivo; Cessativo; Causativo (x causa (~ p T p)); Conclusivo.
- Durativo (Estados e Processos) = Cursivo; Permansivo; Gnômico; Frequentativo; Iterativo (p..p..p..).
- Acabado ([p]) p.r
- Inacabado ([p]) p.r.

Ao analisar os valores aspectuais, constatamos que, para a autora, os pontuais descrevem eventos (ocorrem num momento ou num It de “curta duração”) (MATEUS, 1983 : 134). Já o incoativo seria a passagem de um dado estado para um outro em que MATEUS utiliza a fórmula de VON WRIGHT (1963, 1968), obviamente seguindo DOWTY, (1977): ~p Tp. Os incoativos devem ser “não causativos de um lugar com o argumento 0” (Idem, ibidem), (em que o argumento 0 é o objeto direto). Interessante notar que, nas fórmulas propostas para os acabados / inacabados, a autora introduz a noção de *pontos (end points)* fechados e abertos respectivamente, porém não apresenta nenhuma definição dos mesmos.

Este trabalho não tem a intenção de esgotar o estudo de todos os valores aspectuais propostos na gramática de MATEUS, mas sim, tentar mostrar que a autora não realiza sua proposta inicial de analisar o *aspecto* como processos lexicais e gramaticais, quando afirmava que os meios (*processos*) utilizados para a expressão do *aspecto* em português eram basicamente de dois tipos: os lexicais (classe aspectual e morfologia derivacional) e os gramaticais (morfologia flexional, verbos aspectuais e advérbios).

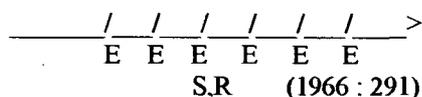
Em outras palavras, apesar de se propor a considerar as classes aspectuais na sua análise (cf. a definição dada por MATEUS : 125, *item (i)*), na verdade, a autora não o faz. Por outro lado, tenta utilizar os conceitos estruturalistas de traços semânticos e conjugá-los com conceitos da lógica temporal.

A atribuição de características diferentes a cada proposição, na tentativa de explicá-las, faz que seu estudo seja falho, pois todas as vezes em que houve mudanças no tempo verbal de uma sentença, além de sua proposta teórica não se manter, ela se mostrou insubstancial devido à fraca estrutura argumentativa.

Conforme mencionamos anteriormente, apesar de muitas vezes não citar, MATEUS tem seu trabalho totalmente influenciado por outros pesquisadores que já haviam tratados dos pontos que foram aqui discutidos: por exemplo, REICHENBACH, VON WRIGHT e DOWTY, com relação à aplicação da expressão de um estado de coisas no

intervalo de tempo. É o que podemos observar ao a explicação de REICHENBACH (1966 : 290). A definição do valor aspectual *iterativo*, de MATEUS, foi tomada a REICHENBACH:

The extended tenses are sometimes used to indicate, not duration of the event, but repetition. [...]which indicates repetition or duration, with the emphases os repetition... This tenses is represented by the diagram:



A autora também incorpora à sua noção de valor aspectual o cálculo formal de estado com o operador T adicionado, extraído do cálculo de predicadores da lógica de VON WRIGHT (DOWTY, 1979 : 74). Na fórmula de VON WRIGHT não entram intervalos nem de longa nem de curta duração, ou seja, a fórmula é bem mais abrangente e serve, na verdade, para todos os valores aspectuais *pontuais* de MATEUS.

Isso explica as coincidências encontradas na gramática aqui analisada, pois a autora é claramente influenciada por DOWTY que, por sua vez, sofre influências de VON WRIGHT e REICHENBACH. Tanto a definição de *aspecto* dada por MATEUS quanto a de DOWTY, são baseadas em COMRIE, como veremos a seguir:

[...] since aspect in linguistic terminology is usually understood to refer to different inflectional affixes, tenses, or other syntactic “frames” that the verbs can acquire (aspect markers), thereby distinguishing ‘different ways os viewing the internal temporal constituency of a situation’ (COMRIE, 1976 : 3) [...] *Aspect* is distinguished from tense from the point of view of semantics in that tenses (like the ten operators of standard tense logics) serve to relate the time of a situation described to the time of speaking (as in past, present and future tenses), whereas aspect markers serve to distinguish such things as whether the beginning, midle or end of an event is being reffered to, whether the event is a single one or a repeated one, and whether the event is completed or possibly left incomplete.

[...] If is necessary to distinguish the two uses of aspect, we can (following JOHNSON : 77) distinguish *aspectual class* of a verb (the Aristotelian class to which the basic verb belongs) from the *aspectual form* of the verb [...] (DOWTY, 1979 : 52).

Uma das razões pela qual ambos autores propõem a mesma definição para o *aspecto* é o fato de seus trabalhos serem baseados no conceito de valor de verdade, aplicado a um intervalo de tempo para classificar os estudos de mundos possíveis, principalmente para diferenciar Eventos e Processos, como podemos observar a partir das seguintes afirmações:

[...] Statives can be judge true or false of an individual by reference to the state of the state the world at only a single movement of time (while other classes of verbos require 'information' about more the one possible world). (Idem, ibidem : 71)

[...]When we say *It took John an hour to draw that circle*, we clearly do not mean that the tenseless atomic sentence *John draws that circle* was true at all moments during some interval of hour's duration; on the contrary, the tenseless sentence is clearly not true of any interval of less than one hour's duration. It this "independence" of the truth of a tensed sentence at an interval from the truth of its constituent sentence(s) at all moments within the interval that traditional tense logic is not equipped to deal with. (Idem, ibidem : 138)

Além destes, há outros pontos abordados igualmente pelos dois autores, mas os que foram aqui mencionados são suficientes para percebermos o aproveitamento das pesquisas deles. A partir de tudo o que foi exposto podemos perceber nitidamente alguns problemas com relação à aplicação dos conceitos, propostos pela autora. Como MATEUS se apóia em DOWTY, é evidente que as falhas deste se repetem nas pesquisas dela.

2.7 - TRAVAGLIA (1985) - O aspecto verbal no português.

A seguir, passaremos em revista os valores aspectuais apresentados por TRAVAGLIA, trabalho que se destacou em 1985.

Influenciado por CASTILHO (1967), TRAVAGLIA estuda detalhadamente as características desta categoria, utilizando a onomasiologia como método de trabalho para apresentar uma descrição detalhada e completa sobre o *aspecto*, destacando seus vários meios de expressão.

Para tanto, TRAVAGLIA estabelece um quadro de *aspectos*, apresenta um elenco de noções aspectuais e descreve as possibilidades da expressão do *aspecto* em português, a partir da organização de um grande número de eventos baseados em suas intuições. Assim sendo, define *aspecto* como: "Uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e / ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação." (TRAVAGLIA, 1985 : 53)

Com o objetivo de apresentar uma taxionomia de *aspectos* em português, TRAVAGLIA assim como CASTILHO, conta com um elenco pré-estabelecido das noções

aspectuais e, deste modo, apresenta os vários meios de expressão do *aspecto* (as flexões, o semantema verbal, os adjuntos adverbiais, o tipo oracional, as perífrases, os complementos do verbo, as preposições, a repetição do verbo, a ênfase entonacional). Os meios de expressão do *aspecto* conjugados às noções aspectuais leva o autor a formular uma *lista de aspectos* que nos “permite uma análise aspectual melhor, por ser mais simples e completa a análise com um menor número de elementos.” (Idem, *ibidem* : 86), contendo 15 elementos.

Ambos os autores concordam que o núcleo do *aspecto* em português é o verbo, *completado e influenciado* por outros elementos. No entanto, para CASTILHO, embora a noção aspectual se concentre na flexão verbal, esta é, na maioria das vezes, considerada indeterminada. Já TRAVAGLIA, sustenta que a flexão verbal é um fator determinante da noção aspectual. Porém, ambos sustentam alguns parâmetros, os considerados *tipológicos* por TIMBERLAKE (1981), referentes à classificação dos verbos como *télicos e atélicos*. Além de apresentar como noções aspectuais básicas as fases do desenvolvimento da ação, TRAVAGLIA também considera as noções de duração / não duração. Estas noções nada mais são que os traços semânticos aspectuais, ou seja, os parâmetros quantitativos propostos pelos estruturalistas, sugerindo, portanto, uma releitura dos *Aktionsarten*, o que também é feito por MATEUS. Como TRAVAGLIA define *aspecto* de forma mais ampla, não vê a necessidade de distingui-lo de modo de ação (*Aktionsart*) e afirma que prefere, uma vez definido o *aspecto*, eliminar outras noções que não se encaixem na definição dada, visto que o *aspecto* está melhor definido como categoria do que modo de ação.

Podemos concluir, então, que para as teorias funcionalistas, tanto o *aspecto* quanto o modo de ação pertencem ao escopo semântico da aspectualidade, havendo, pois, uma necessidade de se fazer uma distinção sistemática dos traços semânticos dos *Aktionsarten*, a fim de produzir uma descrição mais adequada da codificação do *aspecto* na morfologia, segundo a definição dada anteriormente em MATEUS.

TRAVAGLIA trabalha com um conjunto de propriedades previamente estabelecidas e avalia a combinação destes parâmetros, considerados estáticos, com o intuito de se chegar ao conjunto dos *aspectos*.

Apesar da grande influência de CASTILHO no seu trabalho há muitas vezes uma discordância, ao interpretarem a aspectualidade de uma mesma sentença, devido a uma

grande quantidade de alternativas de *aspectos* considerados pelos autores, e à escolha de sua lista com base em um elenco de parâmetros *intuitivamente avaliados*, por exemplo:

(2.19) **Desatou** a chorar convulsivamente. (CASTILHO, 1967 : 65; TRAVAGLIA, 1985 : 87)

para CASTILHO, na sentença acima há *aspecto* Imperfectivo, Inceptivo propriamente dito, cuja duração é interpretada segundo o *pressentida* do falante. TRAVAGLIA, que discorda completamente dessa classificação, alerta para que não haja confusões entre estas situações, referenciais e narradas, para não incorrerem em falsas análises “ou ficaremos diante de problemas de análises insolúveis” (TRAVAGLIA, 1985 : 88). Para este autor, não podemos considerar que haja *aspecto* Imperfectivo “porque aí não há duração, mas pontualidade”(Idem, ibidem : 88) e, sendo assim, “teríamos, na verdade, *aspecto* Perfectivo”(Idem, ibidem : 89).

Com isso, torna-se claro que esta e outras conclusões se devem ao fato de a análise não ter nenhum fundamento teórico sólido por ser guiada, basicamente, pela intuição.

Para melhor ilustrarmos, a partir daqui trataremos de alguns pontos comuns entre o estudo de TRAVAGLIA e de MATEUS, comparando apenas algumas características aspectuais.

Em seus estudos, TRAVAGLIA não considera os *aspectos causativos* ou *resultativos* que aparecem quando uma determinada entidade *x* proporciona a transformação de uma entidade *y*, de um estado ($\sim p$) para outro estado (p). Assim: X CAUSAR Y ($\sim p$ t p).

Com relação ao valor *incoativo*, podemos observar que a *pontualidade* da proposição acima implica o *processo gramatical*, ou seja, a morfologia flexional. Graças à esta definição feita por MATEUS, recupera-se o chamado *paradoxo do imperfectivo*, discutido por DOWTY (1977), do qual extraímos o seguinte exemplo:

(2.20)

2) João **desenhou** um círculo.

3) João **está desenhando** um círculo.

Ao considerarmos o momento em que estas duas proposições são enunciadas, diferentemente da primeira, a segunda proposição não nos esclarece se houve ou não uma

mudança de estado. Este valor aspectual ou *aspecto* não é mencionado nos estudos de TRAVAGLIA.

MATEUS e TRAVAGLIA são unânimes com relação à existência do *inceptivo* que “se caracteriza por apresentar a situação em seu ponto de início ou seus primeiros momentos” (MATEUS, 1983 : 112). Para formalizar este valor aspectual MATEUS propõem: $\sim p$ [p , ou seja, “[...] um estado de coisas (p) localizado num dado It e diferente do que ocorrera no It' anterior adjacente a It ($\sim p$) é apresentado como começado a ocorrer em um It .” (Idem, ibidem : 134).

A partir disso, podemos perceber que a fórmula abordada pela autora não se relaciona à interpretação dada e, conforme GODOI, a fórmula mais exata seria algo como:

$\exists It' ('p) t \exists It (p)$, onde $It' \subseteq m_1, m_2, \dots, m_n$ e p é V apenas em m_1, m_2, \dots (1992 : 130)

Outro valor aspectual denominado *terminativo* por TRAVAGLIA, *conclusivo* para MATEUS, que o considera *pontual*, é representado por p $\sim p$. Neste caso, apenas os últimos momentos são considerados dentro do intervalo It' , ou seja:

$\exists It' (p) T \exists It (\sim p)$, em que, $It' \subseteq m_1, \dots, m_{n-2}, m_{n-1}, m_n$ e p é V em... m_{n-2}, m_{n-1}, m_n . (Idem, ibidem)

MATEUS atribui valor *conclusivo* aos verbos *acabar*, *chegar*, *concluir*, *terminar*, e, é interessante observarmos que ela, novamente, em princípio se propõe a trabalhar com o enunciado, assim, “O valor aspectual *pontual* caracteriza enunciados que descrevem eventos” (Idem, ibidem : 134), quando se propõe a trabalhar com enunciados, mas acaba contrariando sua própria afirmação de que, como vimos anteriormente, nos meios *processos* de expressão do *aspecto* entram os *processos* lexicais e os *gramaticais*. É importante observar que todos os verbos, acima citados, se referem à uma situação acabada.

O *terminativo* de TRAVAGLIA tem o mesmo valor que o *conclusivo* de MATEUS, que, como no caso do *inceptivo*, não precisa ser pontual, bastando apenas “apresentar as situações nos seus últimos momentos ou em seu momento de término.”(TRAVAGLIA, 1985 : 113)

Do ponto de vista de TRAVAGLIA, o *aspecto habitual* tem “duração descontínua ilimitada” (Idem, ibidem : 104). As interrupções na sua duração sugerem uma noção de repetição (iteração). Partindo desse princípio, o autor propõe que o *iterativo* e o *habitual* têm, ainda, a possibilidade de serem diferenciados pela noção de duração limitada, quando o verbo for *iterativo*, e ilimitada, quando o verbo for *habitual*.

Além disso, a repetição da iteratividade, é uma situação gramaticalmente marcada pela presença dos adjuntos adverbiais, como, por exemplo, *muitas vezes, todos os dias, sempre, aos domingos*, entre outros. O único problema é que estes mesmos advérbios são utilizados, nos exemplos daquele autor, para identificar o valor *habitual*, por isso há a necessidade de se descobrir se a duração é *limitada* ou *ilimitada* na determinação do *aspecto*, o que TRAVAGLIA não nos esclarece muito bem.

Já o *aspecto cursivo*, para ele, é caracterizado “[...] por apresentar a situação como já ter passado os seus primeiros momentos e ainda não ter atingido seus últimos momentos.” (Idem, ibidem : 90), *não acabado* é caracterizado “[...] por apresentar a situação após seu momento de início e antes de seu momento de término”(Idem, ibidem : 92), e, portanto, não difere do imperfeito.

Podemos, também, constatar a semelhança do conceito de *gnômico*, apresentado por MATEUS, (“[...] um estado de coisas (p) localizado num dado It’ ocorre em todos os subintervalos de It.” (1983 : 136)), com o *aspecto indeterminado*, proposto por TRAVAGLIA. Com relação a esta definição, ela poderia ainda ser útil na discriminação de outros valores do valor aspectual *durativo*.

A autora avalia os valores *acabado* e *incabado*, utilizando critérios diferentes dos que foram propostos para outros valores: por exemplo, para o primeiro é utilizado o ponto de referência e fronteira final de It’ e, para o segundo, a preferência é pelo interno It.

Com esse paralelo traçado entre MATEUS e TRAVAGLIA, constatamos que a primeira, para caracterizar os valores aspectuais fixados, faz uso de critérios diferentes juntamente com uma análise combinatória dos valores, o que faz que o trabalho de ambos os pesquisadores seja semelhante em essência.

Como o objetivo desta discussão foi simplesmente traçar um paralelo entre os princípios teóricos e metodológicos dos dois estudos, não nos aprofundaremos em maiores detalhes.

2.8 - LOPES (1987) – As categorias verbais de tempo e aspecto no Português: dos valores básicos ao uso.

Em seguida, apresentaremos de maneira sintética, as conclusões de LOPES (1987), sem nos aprofundarmos nas questões que envolvem o tratamento de perífrases.

LOPES intenta apresentar uma definição dos valores temporais e aspectuais - manifestos pela morfologia flexional, básicos ou gerais, das formas verbais (FV) do presente e do pretérito do indicativo do português (com excessão das formas verbais do futuro) e das locuções verbais (LV) de *ser*, *estar e ter*, sustentando que o *aspecto* está presente em todas as formas que expressam tempo: FV, LV e participípios que acompanham *ter + do*. O segundo objetivo é mostrar que os valores tempo-aspectuais básicos das FV e LV subjazem aos vários usos das respectivas formas.

Neste estudo, a fundamentação teórica adotada procura relacionar os três momentos (de fala, de realização do evento e o de referência), postulados por REICHENBACH (1947) para a interpretação temporal dos verbos, os quais podem ser simultâneos ou não. Assim, as FV usadas coloquialmente apresentam MR e ME como simultâneos e expressam enunciados modalizados.

Para LOPES, o uso do pretérito perfeito, ao invés do mais-que-perfeito, não está relacionado ao nível de formalidade do texto, pois: “Sua função é destacar algum fato passado, do fundo da narrativa, que tem uma relevância maior para o narrador por ter contribuído para o desencadeamento de outros fatos. Todos os usos das FV e LV apontados são perfeitamente compatíveis com os valores tempo-aspectuais básicos dessas formas.” (LOPES, 1987 : 98)

Além disso, Lopes também utiliza os morfemas aspectuais do português propostos por BACK & MATTOS (1972) e a conclusão de CORÔA (1985) que afirma ser o *aspecto* uma categoria morfologicamente marcada nas FV do indicativo do português.

LOPES concorda com a denominação de PONTES (1972) ao definir os valores temporais e aspectuais básicos das FV e LV através da análise semântica do morfema verbal (*tempo-aspecto*). Deste modo, descarta os outros elementos do contexto que acompanham e interagem com o verbo na língua em uso. Seguindo CÂMARA (1970), que não acredita no método de fixar, concretamente, cada emprego das FV; e JAKOBSON no que diz respeito a: “[...] o problema das significações gerais das formas gramaticais constitui evidentemente a base do teoria do sistema gramatical de uma língua[...]” (apud LOPES, 1936 : 240)

LOPES conclui ser mais adequado atribuir uma significação geral para cada uma das formas. A autora considera, basicamente, o *aspecto* perfectivo e imperfectivo, como membros opostos, pois são resultantes, puramente, de um processo morfológico. Apresenta não só o *aspecto* verbal, como as noções semânticas a ele relacionadas e com ele, muitas vezes confundidas.

Para LOPES, as categoria de tempo e *aspecto* estão intimamente relacionadas, e uma definição adequada de verbo não pode omitir o fato de que essa classe gramatical expressa o tempo dêitico (*tempo*) e o tempo não-dêitico (*aspecto*) da situação. Também há a necessidade de incluir a noção semântica de duração na descrição das LV formadas por auxiliares, conforme a citação: “Dizer que uma FV ou LV expressa tempo significa dizer que ela expressa tempo dêitico da situação (*tempo*) e o tempo não-dêitico da situação (*aspecto*), ambos marcados pelo mesmo morfema da flexão verbal.” (Idem, ibidem : 96)

Essa distinção de tempo e *aspecto* esbarra na manifestação do fato vindouro, dado que o tempo futuro de uma FV ou LV não expressa claramente o tempo dêitico de uma situação e certamente não expressará o tempo não-dêitico, pois este tempo é incapaz de conotar noção de tempo “puro” (sem modalização) e *aspecto*.

A autora sustenta que, desde PONTES (1972), o *aspecto* vem sendo considerado como categoria verbal e atenta para a importância de se desenvolver uma descrição semântica do verbo português, na qual a noção de *aspecto* tenha a mesma relevância que a noção de tempo, pois ambas estão presentes no mesmo morfema verbal - o morfema de *tempo-aspecto* - e, portanto, intimamente relacionadas, contribuindo igualmente, para a significação do verbo.

2.9 - COSTA (1990) – O aspecto em Português.

Na seqüência cronológica, apresentamos um esboço da proposta desenvolvida por COSTA (1990).

Para COSTA (1990), apesar da categoria *aspecto* verbal não ser valorizada fora do mundo acadêmico, é utilizada com grande freqüência, como as categorias de Gênero, o Número, a Voz, o Tempo, o Modo e Pessoa – com letras maiúsculas para diferenciar de *tempo*, definido pelo dicionário como “sucessão dos anos, dos dias, das horas [...]”.

A autora analisou, aproximadamente, vinte e quatro horas de gravação de diálogos informais que integram o corpus do projeto NURC / SSA (Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta), de 1983 a 1986, com o objetivo de esclarecer as diferentes maneiras de empregar cada elemento lingüístico. Porém, não visa obter regras para o uso correto da categoria de *Aspecto*, mas, sim uma visão panorâmica da língua falada, baseada em exemplos reais, o que muitas vezes se torna um árduo exercício.

Os termos *fato* ou *fato verbal* podem se referir à vários conceitos (como *situações* - termo usado por LYONS - estados, acontecimentos, atividades, processos, atos) expressos não só por verbos.

Podemos perceber, a partir das seguintes comparações, que a autora sofre uma grande influência de autores como COMRIE (1976), LYONS (1979), CASTILHO (1968) e BACK & MATTOS (1972), ao definir e utilizar seus termos, por exemplo, o *Aspecto*, considerado categoria lingüística que informa se o falante leva em consideração a *constituição temporal interna* (COMRIE) dos fatos enunciados, ou não. Esse tempo interno independe do ponto espacial e temporal em que o falante está situado no momento da fala, isto é, o ponto dêitico.

Assim, a autora sustenta que, do ponto de vista semântico, Tempo é uma categoria dêitica que se refere ao tempo externo, e *Aspecto*, categoria não-dêitica referente ao tempo interno. Além disso, acredita na existência de algumas características importantes, atribuídas ao *Aspecto*, que podem ser percebidos através dos seguintes traços:

- a) a não-referência à localização no tempo;
- b) a constituição temporal interna;
- c) a vinculação da categoria a situações, processos e estados;
- d) a “representação espacial”.

Isso torna a categoria *aspecto* semelhante ao *Aktionsart* (modo de ação) – cap.1 - pois ambos marcam a possibilidade do tratamento da *constituição interna* de um fato enunciado.

Sendo assim, COSTA afirma que a melhor maneira de se analisar a aplicação do *Aspecto* nos enunciados do português, é responder à pergunta: “[...] o fato expresso está referido no enunciado de modo global, como um bloco inteiro, ou, ao contrário, o fato está referido levando-se em conta que ele tem uma constituição temporal interna, que está no caso sendo marcada?” (Idem, *ibidem* : 37)

Após a aplicação deste teste, obteremos distinção perfectivo e imperfectivo, em que o primeiro se refere ao fato como um todo, que não marca a *constituição temporal interna*. Já no imperfectivo, além do fato marcar sua de sua constituição temporal interna, restrito a lexemas que incluam traços [+ durativos], apresenta outras cinco possibilidades:

- em curso;
- de fase inicial;
- de fase intermediária;
- de fase final;
- resultativo. (Idem, *ibidem* : 38)

Para COSTA, a categoria *aspecto* está presente não só em formas dos tempos verbais e locuções perifrásticas, mas, também, em outras classes de palavras passíveis de portar marca aspectual, como, por exemplo, os substantivos, os adjetivos, alguns advérbios, algumas conjunções e morfemas derivacionais (afixos), que podem trazer incluídos a referência à constituição temporal interna do fato.

As possibilidades de expressão aspectual no português poderão ser melhor explicitadas a partir do exemplo da autora, no qual ela usa um construção perifrástica contendo um verbo [+ durativo]:

Forma perfectiva ativa - escreve
Forma imperfectiva ativa - está escrevendo
Forma perfectiva passiva - é escrito
Forma imperfectiva passiva (estado) - está escrito
Forma imperfectiva passiva (processo) - está sendo escrito (Idem, ibidem : 57)

Podemos perceber, que no exemplo, a autora admite a denominação *estativo*, que faz referência ao valor semântico, e sugere a denominação de auxiliares aspectuais aos elementos de construção das perífrases aspectuais. Os termos *ativo* e *passivo*, são denominados por LYONS de *estáticos* e *dinâmicos*, respectivamente.

Finalmente, a autora apresenta um quadro de *conjugação aspectual* contendo as possíveis ocorrências e conclui que não se deve tratar diferentemente a categoria de *Aspecto* reservando-a à morfologia e à sintaxe.

Revisaremos, a seguir, a análise de IKEDA (1992), que traça um estudo comparativo entre as línguas portuguesa e japonesa.

2.10 - IKEDA (1992) - O pretérito imperfeito (A importância da superestrutura na sua compreensão).

IKEDA trabalha paralelamente com as línguas portuguesa, inglesa e japonesa, partindo do pressuposto de que existem línguas, como as duas últimas, que não possuem uma forma especificamente correspondente ao pretérito imperfeito (I) do português, o que acarreta uma difícil tarefa, para o falante destas línguas que tentam compreender e produzir tal diferenciação.

Por isso, a autora busca um maior esclarecimento a cerca das características do (I), com o intuito de saber em que tipo de informação se apóia o tradutor para obter o significado adequado, considerando apenas uma forma de passado.

Assim sendo, (I) se baseia no esquema temporal de REICHENBACH, que descreve o inglês, semelhante ao japonês, examinando minuciosamente o significado de ambas as formas verbais, a fim de se obter os pontos divergentes, conforme os itens:

- tempo: ambos expressam passado;

- *aspecto*: ambas apresentam a característica de durabilidade que deriva do seu próprio significado;
- *evento* (acabado / inacabado): ambos dependem do tipo de verbo, considerando a existência dos verbos que conotam eventos acabados no pretérito perfeito e inacabados no (I), bem como dos verbos que expressam o oposto (cf. TRAVAGLIA, 1985).

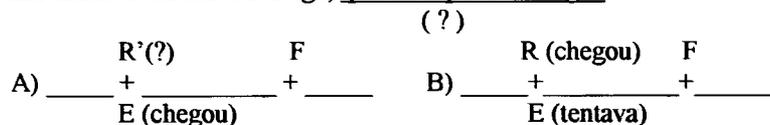
Ao perceber que este método se demonstrou insuficiente, IKEDA desvia sua atenção do significado do verbo e parte para a análise do ponto de referência (R) como um transportador da posição temporal, considerando a natureza dêitica (anafórica) dos marcadores temporais.

Segundo a autora, a tentativa de atribuir características ao (I) é um assunto de grandes controvérsias, visto que (I) apresenta uma multiplicidade de empregos. Em seguida faremos uma breve apresentação dos itens que compõem as características de (I), utilizando os próprios exemplos da autora:

- a) (I) marca a coincidência entre um processo (E) e um R que é passado, anterior a F, por exemplo pode ser assim esquematizado:

(2.21)

Ele **tentava** esconder a droga, quando a polícia chegou.



Neste exemplo, o R coincide com o R' que indica anterioridade em relação a F e presentificação do (I) em relação a R.

- b) as condições de verdade para as proposições no (I) são diferentes das condições para as proposições enunciadas em outros tempos;

- c) o (I) conota situações não delimitadas no tempo;

O primeiro item aborda as condições de verdade do fato relatado no (I) e, o segundo, apresenta as delimitações deste fato, ou seja, um item depende do outro:

(2.22)

Ele se pôs a descer a colina. Ele avançava com preocupação.

	R (pôs-se a descer)	F
_____	+	_____
	E (avançava)	

Segundo IKEDA, o exemplo acima apresenta o caráter predicativo do tempo verbal, dado com precisão pelo (I), quando este relata um fato utilizando o perfeito, assim, “[...] O (I), então, presentifica-se em relação ao R, ao mesmo tempo em que o especifica, num processo que poderíamos chamar de ancoragem do I em R.” (IKEDA, 1992 : 53). Na verdade, o mais importante é o que ocorre no espaço de tempo restrito pela situação relatada (perfeito), pois a partir do momento em que (I) ancorar em um R, ele se delimita em relação à essa referência.

Além disso, a autora lembra DECLERCK (1979), no que diz respeito à simultaneidade obrigatória em que os eventos apresentam um tempo não determinado.

d) a exigência, não absoluta, da necessidade de um ponto de referência (R) independente, representante de uma situação que corresponda a uma fase no (I). Analisemos e seqüência de exemplos:

(2.23)

* A porta se abria. O ministro saía de sua casa. Ele atravessava o jardim e entrava no carro.

A porta se abriu. O ministro saiu de sua casa. Ele atravessou o jardim e entrou no carro.

No primeiro exemplo, os eventos se coincidem. O (I) não engloba o final dos intervalos produzindo o que a autora chama de resultado bizarro. Outra questão é que os (I)s apresentam traços [+ progressivo] que, por sua vez, exigem R individuais. O mesmo efeito não é observado no segundo exemplo, em que o perfeito causa uma aceleração do texto por englobar os fatos.

Para melhor esclarecer estas situações, IKEDA parte para narrativas, não mencionadas neste trabalho, analisadas a partir de testes aplicados nos alunos do Curso de tradutores da Aliança Cultural Brasil-Japão, concluindo que o fenômeno da ancoragem é o traço que distingue (I) de (P), levando o tradutor a buscar nas superestruturas o tempo verbal mais adequado, contribuindo, assim, para se obter uma distinção entre perfeito e (I). Outrossim, é a questão do número de palavras conhecidas pelo tradutor, pois, segundo constatado em sua pesquisa, quem tinha “pequeno conhecimento do léxico” (Idem, ibidem : 68) não conseguiu desenvolver uma tradução adequada.

EM SÍNTESE...

Como pudemos perceber através do que foi aqui discutido, para a gramática tradicional, a flexão verbal é vista como marca de tempo e de modo.

Há, por parte dos autores *tradicionais*, uma tentativa de introduzir em suas gramáticas os conhecimentos da lingüística referentes ao *aspecto*. No entanto, estes autores não promovem uma revisão em suas fundamentações teóricas, tornando a abordagem da gramática tradicional inadequada por tratar de maneira homogênea (flexão = modo / tempo) o que é heterogêneo, além de ignorar outras perspectivas que demonstram que a flexão não indica tempo, mas sim *aspecto*.

CASTILHO (1967) não atribui um papel semântico determinado às flexões verbais. TRVAGLIA (1985) e MATEUS et alli. (1983), sustentam que as flexões expressam não só tempo, mas também *aspecto*. Já CORÔA (1985) discute apenas os meios de expressão da noção temporal em português. E, finalmente BACK & MATTOS (1972) tratam o *aspecto* sob a ótica estruturalista, como contrapartida semântica de um conjunto de marcas morfológicas no português, considerando que o *aspecto* e o modo são indicados pela flexão verbal.

Outros estudos, como, por exemplo, ILARI (1981), LOPES (1987), IKEDA (1992), entre outros, procuraram relacionar o *aspecto* em português com os três momentos postulados por REICHENBACH (1947) para a interpretação temporal dos verbos. Além da utilização desse sistema de pontos temporais (momentos), há também os que adotam a classificação dos morfemas aspectuais do português, como BACK & MATTOS em sua proposta de (1972). Percebemos que o tratamento do *aspecto* pelas flexões verbais se mostrou variável e que este tipo de estudo necessita de uma discussão mais abrangente, permanecendo uma questão em aberto.

Atentamos também para o fato de que a *aspectologia* da língua portuguesa não sofre influência de ARISTÓTELES, adotada pelos adeptos do modelo “ocidental”, que desenvolveram uma lógica de base, conduzindo ao modelo de decomposição lexical em traços

semânticos, como, por exemplo, o modelo de DOWTY (1979), a partir do qual relacionamos tempo e *aspecto*. Ou seja, em geral, os trabalhos de língua portuguesa tratam o *aspecto* com base na tradição eslava, denominada “oriental”.

No entanto, quando se leva em conta os momentos temporais para desenvolver uma análise, observamos que estas propostas acabam por não levar em conta a relação entre estes momentos e as classes aspectuais, conforme aponta RUIZ em sua proposta de (1992) *Aspecto: um estudo de sua expressão pelas flexões verbais*.

Partindo destes pressupostos, veremos que, para dar conta da categoria verbal *aspecto*, de todas as línguas, é necessário fazer certas alterações no sistema proposto por REICHENBACH e na classificação vendleriana, além de admitir que o conceito de classe aspectual só pode ser aplicável a situações, conforme constataremos, a seguir, a partir das definições de classes aspectuais propostas por GODOI (1992), em sua teoria de caráter universal, a qual será adotada para a checagem dos dados coletados, que serão apresentados no capítulo 4.

CAPÍTULO 3.

O DESENVOLVIMENTO DAS TEORIAS ASPECTUAIS EM LÍNGUA JAPONESA.

Semelhante ao que ocorre no português, em muitas descrições gramaticais japonesas, o *aspecto* quase nunca é mencionado, ou, então, é discutido de maneira confusa referindo-se a unidades morfológicas e suas funções para a formação de um sintagma verbal, com significados temporal e / ou aspectual. Do ponto de vista aspectual, não são consideradas as características semântica dos verbos ou sintagma verbal, o que não significa que esta categoria seja irrelevante, sendo muitas vezes tratada com base em diferentes interpretações, traduzida por terminações, juntamente com o tempo, dentro de uma categoria de auxiliar que inclui voz e modalidade, o que significa que este conceito pode ainda não estar concretizado.

Para fins inteiramente didáticos, YAMASAKI SÊIKO nos apresenta um excelente resumo do verbo de língua japonesa.

Resume, ekzistas du *verbotempoj* en la japana: prezenco kaj preterito. Futuro ne ekzistas: la prezenco estas uzata por futuro. Estas du aspektoj por ciu tempo: simpla (unuvoja, perfekta, au "punkta" lau sinjoro SAKA Tadasi, esperanta gramatikisto japana) kaj durativa (kontinua, durativa, "linia" lau Saka). La simpla preterito estas do aoristo, au *passé simple* franca, la *imparfait* estas esprimata per preterito durativa. (1996 : 37)

Nas línguas eslavas, este conceito, que opõe perfectivo / imperfectivo, é categoricamente diferente de tempo. Em russo, o passado pode coexistir com estes *aspectos*, conforme o seguinte exemplo:

(3.1)

Ja porabotal vcêra (perfectivo) ou Ja rabotal vcera. (imperfectivo).
Eu trabalhei ontem. Eu trabalhava / trabalhei ontem.

independendo de o trabalho ter sido completado ou não, ou durar por um tempo, ou não.

3.1 – Gramática Tradicional.

De acordo com os gramáticos tradicionais, entre eles MIYATA e TOKIEDA (apud SEKINE, 1983 : 8-20), a forma *-te* é constituída pela partícula *-te* adicionada à “raiz polida” (= *renyookei*) dos verbos, produzindo várias mudanças fonológicas nessa raiz.

Posteriormente, MIKAMI (apud SEKINE, 1983 : 18), KUNO (1973), e SUZUKI (apud SEKINE, 1983 : 18), que veremos mais detalhadamente, propuseram duas “raízes modelos”: a presente, da qual deriva a forma *-ru*, e a do passado, a partir das formas *-ta* e *-te*.

KINDAICHI em *Kokugo Doosi no Ichi-bunrui* (Uma proposta para classificação de verbos japoneses) e *Nihongo Doosi no Tempo to Aspekuto* (Tempo e Aspecto de verbos Japoneses) (apud SEKINE, 1983 : 16-18), foi o precursor na tentativa de subclassificar os verbos a partir de suas características aspectuais, estimulando a produção de mais trabalhos nesta área que analisa os verbos com base em três fenômenos:

- 1 - o significado do próprio verbo;
- 2 - a possibilidade de o verbo coocorrer, ou não, com a forma *-site iru*;
- 3 - o significado da forma *-site iru* do verbo.

De acordo com esta classificação, o verbo pode ser estativo, ação / processo (que também pode ser durativo ou pontual) e o que ele denomina de *tipo quatro*, conforme mostra o esquema abaixo:

Verbo	estativo (1)	
	ação / processo	durativo (2)
		pontual (3)
	tipo quatro (4)	

Porém, esta classificação, parcialmente baseada no significado da forma *-site iru* que denota progressivo, estado resultante, estado simples e iteração, pode ser problemática,

pois um verbo pode apresentar duas características e, portanto, mais de um significado em vários contextos sendo classificado como um verbo diferente:

- **durativo** (2) e **pontual** (3) = *kuru* / 'vir', *iku* / 'ir', *hairu* / 'entrar', *deru* / 'sair', *noboru* / 'subir', *kudaru* / 'descer';
- **pontual** (3) e **tipo quatro** (4) = *magaru* / 'curvar';
- **durativo** (2) e **pontual** (3) = *yomu* / 'ler' - também considerado como verbo estativo (1).

A princípio, os verbos estativos não deveriam aceitar *-site iru*, no entanto, os verbos que admitem esta forma são agrupados na categoria *tipo quatro* e tratados como não-estativos, causando a “famosa” lista de homônimos.

Similar ao estudo desenvolvido por VENDLER (1967), KINDAICHI (1950) se baseia em um esquema de tempo cronológico (*tempo*) para desenvolver uma classificação verbal, tratando algumas similaridades no comportamento superficial dos verbos em japonês, comparando com os de inglês, sugerindo uma classificação básica de significado aspectual, que é igualmente relevante para ambas as línguas, se não para todas.

Na classificação de KINDAICHI (1950), os verbos se apoiam no comportamento de um único afixo: *-te iru* que às vezes expressa progressivo, outras o perfeito (COMRIE, 1976 – evento como um todo), dependendo do significado do verbo principal e outros fatores contextuais.

Assim, embora envolvam significados estativos, os verbos estativos e do *tipo quatro* diferem entre si de acordo com a obrigatoriedade ou não da forma *-te iru*.

Os continuativos diferem dos instantâneos por contraste puramente semântico, ou seja, se o evento ocorre ou ocorreu por completo. Alguns verbos do *tipo quatro* se originaram de elementos de classe ‘instantânea’ em que *-te iru* perdeu referência a qualquer evento, dando origem a um estado, indicando simplesmente o próprio estado. Então, certos usos de *magatte-iru* (*magaru* / ‘curvar’) não acarretam nenhum evento de tornar-se curvo (*miti ga magatte-iru* / ‘A rua é curva’).

De acordo com KINDAICHI (1950), existem verbos instantâneos usados como verbos continuativos (em 1955, ele muda seu conceito para iterativo progressivo (*hanpuku sinkootau*) como forma distinta do progressivo). As construções iterativas têm como característica o sujeito no plural ou um tipo de advérbio temporal indicando uma pluralidade

de ocorrência. Em ambos os casos, uma série de eventos ocorrendo no tempo fazem parte de um único evento traçado sobre o tempo. Para KINDAICHI, as construções iterativas representam uma série de eventos instantâneos.

A seguir, um esquema de equivalências entre ambas as terminologias:

KINDAICHI	VENDLER
Stative	State
Tipo four	Activity
Continuative	Accomplishment
Instantaneous	Achievements

Podemos observar que a categoria accomplishment VENDLER não tem um correspondente específico em KINDAICHI, pois são compostas por uma atividade que culmina num ponto terminal, correspondendo a um evento instantâneo expresso por achievements.

Existe uma afinidade em geral entre accomplishments e atividades, pois poucas atividades não podem, em algum contexto, ser associadas a algum tipo de objetivo e, correspondentemente, há poucos *-te iru* progressivos ue não possuem sua contraparte *-te iru* perfeita, lembrado que o locativo *o* favorece o *-te iru* progressivo e o locativo *ni*, a leitura perfeita.

No entanto, estas leituras não dependem só da presença dos advérbios ou partículas. Há até uma interpretação não teológica de atividade e, talvez, o exemplo mais próximo de uma atividade não teológica pura seria: *iki o site-iru* / ‘estar respirando’, para o qual não seria difícil encontrar um contexto requerendo uma interpretação perfeita.

O fato de existir uma correlação entre as categorias não significa que os itens lexicais possam ser exatamente traduzidos de uma língua para outra, por exemplo: *siru* / ‘saber’ requer a forma *-te iru* / *-site iru* para poder expressar o sentido estativo do inglês. Isso porque *siru* adequa o verbo dentro da categoria instantânea no japonês (vir a saber), ou seja, *motu* / ‘adquirir, segurar’, que requer *-te iru* (*motte-iru*) para expressar o estativo *have* na contraparte lexical em inglês.

E assim, ambas as classificações propostas por VENDLER (1967) e KINDAICHI (1950) apresentam três categorias fundamentais de *aspecto* verbal: estados, atividades (continuativo), e achievements (instantâneos). A categoria accomplishment é igualmente relevante para o japonês e o inglês, mas pode ser considerada uma categoria composta de atividades e accomplishments e, portanto, não constitui uma categoria primitiva na sua classificação revisada. Os estados e as atividades possuem uma característica importante e comum, distinguindo-os dos achievements ao representarem um estado de coisas homogêneo no sentido de continuidade imutável no tempo. Isto sugere uma dicotomia mais fundamental, subjacente aos três modos de categorização propostos acima, entre predicados que representam tais estados de coisas homogêneos e os que não.

Assim sendo, existem duas saídas principais para um significado perfeito do tipo esperado em construções intransitivas com *-te iru*, dada a correlação entre transitividade e significado aspectual observado por KINDAICHI (1950). Uma é a vista em construções intransitivas intencionais, que permitem o mesmo significado progressivo como fazem as várias construções transitivas. Isto constitui outra das numerosas similaridades já observadas entre verbos intransitivos intencionais e verbos transitivos superficiais, atribuíveis ao caráter reflexivo dos intransitivos intencionais. A possibilidade de ambos os significados perfeito e progressivo serem vistos como fornecedores de um papel duplo de agente e objeto semântico desempenhado pelo sujeito em uma construção intransitiva intencional, paralela com a presença daqueles papéis em construções superficiais transitivas, realizadas em duas entidades distintas no último caso.

O significado perfeito é sistematicamente resistente em construções intransitivas intencionais, contudo, o objeto semântico (sujeito sintático), por sua vez, passa por uma mudança iterada, incapaz de aplicar uma interpretação perfeita. Esta diferença ocorre devido a mudanças associadas ao objeto semântico (sujeito sintático) consistindo em um único evento. O caráter progressivo, por outro lado, pode ser correlacionado com uma saída de um significado perfeito presente mesmo em construções intransitivas não intencionais em que o objeto semântico passa por uma mudança iterada. O significado iterativo recai naturalmente no significado intencional progressivo e pode ser visto como ocupando uma posição intermediária entre o caráter mínimo dos eventos achievements e os de caráter homogêneo de

estados e atividades verdadeiros. A colocação de ambos os significados iterativo e progressivo em uma única forma morfológica *-te iru* é, pois, uma reflexão direta de uma íntima afinidade semântica entre os dois significados.

MIKAMI (1953), valoriza mais o contraste binário, perfectivo (*kanryoo*) = não-estativo (*kanseiteki*) / imperfectivo (*mikanryoo*) estativo (*mikanseiteki*), realizado pelo significado dos tipos de verbos, uso dos auxiliares ou, em alguns casos, da própria, modificando, o modelo de KINDAICHI:

Verbo	imperfectivo	estativo
	perfectivo	durativo
		pontual
		especial (durativo-estativo, para Martin, 1975)

Para MIKAMI, um verbo no passado, indicando uma ação completa possui *aspecto* perfectivo, de outro modo é imperfectivo. Embora esteja no passado, verbos como *aru* / ‘existir’, na sentença a seguir, é considerado imperfectivo:

(3.2)

Kinoo kizyoo ni syoohin ga atta.

Ontem tinha / teve um prêmio em cima da carteira.

pois existe, neste caso, uma possibilidade semântica de o prêmio ainda estar sobre a carteira, portanto:

- um verbo neutro com relação ao significado de “completação”, é imperfectivo.
- um verbo (progressivo ou resultativo) unido à *-te iru*, é perfectivo.
- um verbo na forma não-passado, que se refere ao presente, é imperfectivo.
- um verbo na forma não-passado, que se refere ao futuro, é perfectivo.

De acordo com MIKAMI, as noções de perfectivo / imperfectivo e passado / não-passado são muito diferentes e, portanto, podem não estar associadas, pois o tempo, aparentemente, está vinculado à característica semântica inseparável do verbo. Esta dicotomia é similar à explicação dada por LYONS (1979), que estabelece que o perfectivo implica ação completa, ao passo que o imperfectivo é mais duvidoso.

COMRIE (1976), que cita exemplos de muitas línguas, sustenta que não se pode afirmar que as formas perfectivas indicam uma situação completa, pois se referem à sua inepção. Por outro lado, não se pode utilizar o perfectivo para descrever uma situação limitada, oposta a uma não-limitada, com duração. Além disso, ambas as formas podem ser usadas para a mesma extensão de tempo.

Entretanto, como MIKAMI não foi além do modelo de KINDAICHI, acabou por não resolver o problema inerente àquele modelo.

Ao contrário desta proposta, outros gramáticos descreveram a noção de *aspecto* observando o desenvolvimento dos estágios de uma ação ou evento (processo, inepção, continuação, terminação, resultado, repetição...). Este tratamento diz respeito ao fenômeno de tempo passado / não-passado, relacionado com as noções de *kanryoo* (perfectivo) e *mikanryoo* (imperfectivo) respectivamente, bem como, da aproximação de MIKAMI.

FUJII (apud SEKINE, 1983 : 19-29) tentou solucionar o problema utilizando o modelo de KINDAICHI de uma maneira menos completa, apresentando a categoria verbal *resultativo*, oposta aos verbos *pontual* e o *durativo*, como mostra o esquema a seguir:

	durativo	pontual
Ressultativo	<i>otiru</i> / 'cair' <i>kiru</i> / 'usar'	<i>kekconsuru</i> / 'casa' <i>owaru</i> / 'terminar'
não-resultativo	<i>yomu</i> / 'ler' <i>kaku</i> / 'escrever'	<i>okoru</i> / 'ocorrer' <i>mokugekisuru</i> / 'testemunhar'

O contraste resultativo / não-resultativo, depende do contexto lingüístico em que aparece a forma *-site iru* e não do significado do verbo. Esta descoberta contribuiu para o desenvolvimento da análise do significado desta forma, que utiliza uma série de advérbios, ou seja, a escolha de uma categoria em construções *-te iru*, distinta das construções perfeitas, que coocorrem com advérbios como *ima made ni* / 'até agora', *izen* / 'no passado' e *sono toki* / 'a tempo', e não com advérbios como *genzai* / 'no presente'. Porém, esta diferença não está clara, pois o advérbio *ima made ni* / 'até agora' se torna completamente aceitável no contexto a seguir:

(3.3)

Anohito wa ima made ni nandomo kekkon-site-iru.
Aquele pessoa tm até agora por muitas vezes casar-se perf.
Aquele pessoa tem se cadado muitas vezes até agora.

Assim sendo, cada modelo de coocorrência com advérbios pode servir como um esquema de compreensão. Como provavelmente não existem dois advérbios que exibam um modelo distribucional idêntico, tal estratégia necessita, em último caso, de uma categoria de predicado separada de cada advérbio. Por esta razão, provavelmente, poucas distinções feitas por FUJII sobre a base de coocorrência adverbial se mantiveram nas pesquisas posteriores.

De maneira independente, TAKAHASHI (apud SEKINE, 1983 : 20), também chegou ao contraste resultativo / não-resultativo, comparando as formas aspectuais *-site iru* vs. *-site aru*, o que se assemelha à dicotomia dos verbos não-progressivos / progressivos, proposta por VENDLER (1967).

Conforme SAGAWA (apud SEKINE, 1983 : 8), *-site iru* apresenta três funções diferentes: progressivo, habitual / iterativo e resultativo. Ou seja, existem dois *-te* que tratam dos múltiplos significados da forma *-site iru* atribuído ao mesmo verbo: um que deriva da forma *-ru*, para as duas primeiras funções, e outro da forma *-ta*, para a última função.

3.2 – SUZUKI (1972) - Nihon Bumpoo Kenkyuu (The study of Japanese Grammar).

SUZUKI fala das três das conjugações verbais do japonês. Entretanto, a título de ilustração, neste trabalho trataremos apenas da primeira conjugação sobre a qual o autor propõe a seguinte classificação:

Forma negativa, que necessita de verbos auxiliares por ser inexpressiva.

(3.4)

Kaka-nai.
escrever não
Não escreve.

Forma continuativa, que, com o auxiliar *-masu*, é usada como um conectivo para formar palavras compostas. Utilizada sem o auxiliar, apresenta duas características:

a) pode ser usada no final da cláusula indicando, ao mesmo tempo, a cláusula seguinte:

(3.5)

Zi o kaki, hoñ o yomu.
letra escrever, livro ler
Eu escrevo letra e leio livro.

b) pode ser usada como um substantivo:

(3.6)

Yomi.
Leitura.

Forma dicionário, que é facilmente identificada. Denomina-se base *-u*, pois todos os verbos assim terminam. Pode ser usada:

a) na forma típica listada em dicionários;

b) sozinha, no final de sentenças:

(3.7)

Yama ga aru.
montanha existe
Existe uma montanha.

c) para modificar o substantivo que a segue:

(3.8)

Gakkoo e iku miti.
escola ir caminho
Ir para a escola.

Forma condicional, que se faz pelo acréscimo de *-ba* à cláusula:

(3.9)

Kyoo ikeba imasu.
hoje certamente ficaria
Hoje ele certamente ficaria.

Forma imperativa, que se usa sozinha:

(3.10)

Sugu ike.
próximo ir
Vamos logo.

Forma volitional, que se usa sozinha:

a) chamando alguém para uma atividade em conjunto:

(3.11)

Saa ikoo.
Então vamos (ir).

b) mostrando a determinação de alguém que começa uma atividade:

(3.12)

Moo kaeroo.
agora voltar
Já volto.

Forma perfectiva (forma *-ta*) que acarreta mudanças fonéticas no final dos verbos de primeira conjugação, dependendo da sílaba final da forma dicionário. Somente a primeira conjugação (*-su*) tem forma perfectiva regular perfeita (*hanasita / hanasu-iku* / possui forma perfectiva irregular *-tta*, ao invés de *-ta*).

Forma -te, que acarreta mudanças fonéticas nas formas perfectivas dos verbos de primeira conjugação. Esta forma é utilizada em sentenças subordinadas, seguidas de um verbo que complete a declaração:

(3.13)

Tokyoo e itte, kore o kaimasita.
Tóquio ir este comprar
Indo à Tóquio, compro mais um.

Lembramos que os verbos da segunda conjugação que também terminam em *-iru* ou *-eru*, cuja raiz da forma imperativa é seguida por *-ro* ou *-yo*, apresentam características semelhantes aos dos verbos da primeira conjugação. Com esta classificação tipicamente estruturalista encerramos a contribuição de SUZUKI (1977) para o tema *aspecto*.

3.3 – KUNO (1972) – The Structure of Japanese Language.

Para KUNO existem dois tipos de verbos:

- **Estados:** lexicalmente [+estativos], característica de todos os adjetivos, substantivo adjetivos e verbos como: *wakaru* / ‘compreender’, *dekiru* / ‘estar apto a’, *kikoeru* / ‘ouvir’, *mieru* / ‘ver’, *iru* / ‘necessitar’, *aru* / ‘existir’, *aru* / ‘ter’, *samui* / ‘estar frio’, *akai* / ‘estar vermelho’, *hoshii* / ‘querer’, *urayamashii* / ‘ter ciúmes de’, *sizuka(da)* / ‘estar tranquilo’, *yukai* / ‘estar casado’, *suki(da)* / ‘estar fundamentando em’.

- **Ações:** [-estativos], característica da maioria dos verbos, como em: *kuru* / ‘vir’, *yomu* / ‘ler’, *hanasu* / ‘falar’, *simu* / ‘morrer’, *otiru* / ‘cair de’, *deau* / ‘encontrar’.

Esta divisão lembra a proposta de ARISTÓTELES, em *Metafísica IX*, que distingue os verbos de estados dos verbos de processos, como vimos no capítulo 1.

Segundo KUNO, os verbos em japonês são semelhantes aos do inglês, ou seja, os verbos [+estativos] no presente, apresentam *aspecto* presente, já os [-estativos] no presente, se referem ao futuro, a menos que representem ações habituais ou genéricas (*aspecto* presente), ou presente histórico (*aspecto* passado). Conforme os exemplos resgatados da obra do autor (KUNO, 1972 : 136-7):

(3.14)

a. John wa Mary ga suki da.

John tm Mary gostar

John gosta de Mary.

b. John ga kuru.

John vir

John está vindo. / John virá.

c. John wa mainiti koko ni kuru.

John tm todos os dias aqui vir

John vem aqui todos os dias.

d. Ningen wa osokare-hayakare sinu.

homens cedo ou tarde morrer

Os homens morrem mais cedo ou mais tarde.

Na sequência de exemplos (3.14), a. representa o *aspecto* presente; o b. se refere ao *aspecto* futuro; c. e d., com verbos [-estativos], indicam respectivamente ação habitual e genérica, com *aspecto* presente.

Os exemplos [+estativos] ou “excepcionais” possuem forma presente com *aspecto* presente e se comportam como adjetivos e como adjetivos nominais¹, que, em japonês, flexionam como verbos, ligando frases numa só forma de gerúndio:

(3.15)

John wa nihongo ga wakaru.

Japonês entender

John entende japonês.

Verbos transitivos [+estativos] como em (3.14) a., anteriormente mencionado e, (3.15) acima marcam seu objeto com a partícula *ga*. Os derivados em geral adquirem o traço atribuído ao seu afixo derivacional, ou seja, o potencial *-(r)e*, *-(r)are* e o desiderativo *-ta*, e são [+estativos]; o causativo *-(s)ase* e o passivo *-(r)are* são [-estativos]. Vejamos o que segue (KUNO, 1973 : 138-9):

¹ Vale ressaltar que o adjetivo, em japonês, se flexiona com verbo, ligando frases numa só forma de gerúndio, sem precisarem de verbo de ligação (ver NAGANUMA e MORI, 1962; INAMOTO, 1972; KOKUBO e SAITO, 1975; YASUO, 1973; FUKUMA, 1989)

(3.16)

John wa nihongo o / ga hanas-(r)e-ru.

tm Japonês falar-poder

John pode falar japonês.

As partículas *ga* e *o* marcam o objeto com verbo derivado [+estativo]. Em (3.16), *o* é usada para objeto *nihongo* / ‘japonês’ com verbo *hanas* / ‘falar’ [-estativo]; e *ga* é usada *hana-(r)e* / ‘estar apto a falar’ [+estativo], não aceitando afixo derivado [-estativo]. Segundo KUNO, a escolha se efetua de acordo com a intuição lingüística do falante, o que nos faz lembrar das propostas de CASTILHO (1967) e TRAVAGLIA (1987), tratados no capítulo 1. Quando os afixos estão vinculados, influenciam a marca de caso do objeto das formas derivadas. No exemplo (3.15), anteriormente citado, a forma *-(r)e* esta vinculada e não pode ser usada como verbo independente.

De acordo com KUNO, existem quatro tipos de verbos [+estativo] e [-estativo]:

1) Verbos semanticamente [+estativo]

Marcam seus objetos com o *ga* (*deki* / ‘estar apto a’) e os [-estativo] marcam seus objetos com o (*yom* / ‘ler’).

2) Dependendo da natureza dos verbos aos quais estejam vinculados, os compostos derivados com as formas livres as *-(r)e*, *-(r)are* (poencial), *-ta* (desiderativo), *-(s)ase* (causativo), *-(r)are* (passivo) poderão ser [+estativo], marcando seu objeto com o *ga*, ou [-estativo], marcando seu objeto com *o*.

3) Dependendo da natureza dos verbos aos quais estejam vinculados, os compostos derivados com formas livres *iru* / ‘estar no estado de’, *miru* / ‘tentar’ poderão ser [+estativo] ou [-estativo], sem influenciar a marca de caso do objeto.

4) Existe pelo menos um componente verbal (*sugi-iru*) com estatividade neutra e o verbo derivado composto será [+estativo] ou [-estativo], dependendo do tipo de verbo vinculado.

Além de determinar a marca de caso (*ga* ou *o*) de um verbo transitivo (tipo 1 ou 2), o traço semântico [+estativo] determina também a interpretação do tempo presente de um verbo [-estativo], que não pode se referir a um *aspecto* presente sem representar uma ação genérica ou habitual.

KUNO (1973 : 144) propõe alguns testes para diferenciar os [+estativo] dos [-estativo]:

1 – Somente verbos [-estativo] podem ser usados em passivas neutras e adversativas:

(3.17)

a. John wa, kodomo ni byooki ni nar-(r)are-te. komatta.
tm criança pela doença -mente tornar-passivo ter problema
John teve problemas porque as crianças adoeceram.

b. *John wa, seito ni zibun yori umaku nihongo o hanas-(r)e-rare-te, yowatta.
tm estudantes por próprio do que melhor Japonês falar-poder-passivo ter problema
John tinha problemas porque seus estudantes podiam falar japonês melhor do que ele.

Apesar dos verbos *byooki ni nar-u* / ‘ficar doente’ representarem ação involuntária, o exemplo (3.17) a. é gramatical. Já o b. é agramatical porque *hanas-(r)e-ru* / ‘estar apto a falar’ representa ação (Idem, ibidem : 145).

2 – Em geral, as cláusulas relativas no presente, com os verbos principais no passado, possuem *aspecto* passado. Esse uso é limitado aos verbos [+estativo]:

(3.18)

a / b. John wa, densya no naka de, sinbun o yonde iru / -ita hito ni hanasikaketa.
tm trem do dentro em jornal lendo estar / estava pessoa falar
John conversou com um homem que está lendo um jornal no bonde.

O verbo *yonde iru* / ‘estar lendo’ em (3.18) a. e b., no presente, apresenta *aspecto* passado de acordo com o verbo principal *hanasikaketa* / ‘falado’ e continua gramatical.

3 – Verbos [+estativos] são importantes na interpretação de *ga* como marcador de sujeito (Idem, ibidem : 148)

(3.19)

a. Sora *ga aoi*.

céu azul

O céu é azul.

b. John *ga gakusei desu*.

estudante ser

John é um estudante.

ga em (3.19) a. torna a sentença ambígua devido a ser [-estativos] a natureza de seu predicado, proporcionando uma “descrição” do tipo *Oh, veja, o céu é azul!*, ou algo do tipo “lista exaustiva” como *Entre as coisas que discutimos somente o céu é que é azul*, ao passo b. [+estativos] só recebe interpretação tipo “lista exaustiva”.

4 - Os predicados que representam as ações, genéricas ou habituais, se comportam como [+estativos], como em (Idem, ibidem : 148):

(3.20)

John *ga hon o yonde iru*.

livro lendo está.

John está lendo um livro.

-te iru, em (3.20) é [+estativos] e se refere ao *aspecto* presente, podendo funcionar como [-estativos], sendo tanto descrição quanto “lista exaustiva”.

5 – Os adjetivos [+estativos] no presente têm *aspecto* presente. Por outro lado, alguns podem ser [-estativos] com relação à interpretação do sujeito da partícula *ga*, como em (3.19) a., cuja ambigüidade se deve ao fato de o céu poder assumir muitas cores e o azul do céu, no presente, representar apenas um estado temporário.

Outra característica sintática importante, além da estatividade, é o fato de alguns verbos poderem representar ações ou eventos automarcados, controlado pela vontade

do sujeito, podendo ser igualado a um verbo volitional. Por exemplo, *kuru* / ‘vir’, *yomu* / ‘ler’, *hanasu* / ‘falar’, e *simu* / ‘morrer’, são [+autocontrolados], enquanto *otiru* / ‘cair’, *deau* / ‘encontrar’, *kyuuisuru* / ‘morrer subitamente’, bem como os verbos [+estativos] são [-autocontrolados].

1 - Os sufixos causativos-(s)*ase* podem ser adicionados somente aos verbos [+autocontrolados] como em (Idem, ibidem : 149):

(3.21)

John wa Mary ni hon o *yomu*-(s)*ase*-ta.

livro ler-causar

John fez Mary ler o livro.

2 - A forma *-mai* + verbos no presente constitui o composto negativo *Eu não farei*. (intencional negativo) ou *Eu suponho...não...* (suposicional negativo). Com sujeito na primeira pessoa, a interpretação intencional negativa terá verbo [+autocontrolados], e a interpretação suposicional negativa terá verbos [-autocontrolados] (Idem, ibidem : 150):

(3.22)

a. Ore wa nanimo *suru* mai.

Eu tm nenhuma coisa fazer[+autocontrolados]

Eu não farei nada.

b. Ore wa nanimo *wakaru* mai.

Eu tm nenhuma coisa entender[-autocontrolados]

Suponho que eu não entendi nada.

A diferença dos verbos de (3.22) a. *suru* / ‘fazer’ [+autocontrolado], e b. *wakaru* / ‘compreender’ [-autocontrolado] é a responsável pela mudança de significado de *mai* nas duas sentenças.

Finalmente, conforme KUNO, as formas imperativas, assim, como muitos outros tipos de construções, só são possíveis com verbos [+autocontrolado] e cláusulas finais terminadas com *yoo to* / ‘a fim de que’, ou *tame ni* / ‘a propósito de’.

3.4 – TERAMURA (1973) – An introduction to structure of japanese: Workbook 2.

A proposta de TERAMURA apresenta a forma *-site iru* em níveis diferentes das formas *-ru* e *-ta*. O primeiro é observado como parte de um sistema de conjugação verbal, o segundo, como uma combinação da “raiz polida” (*renyookei*) do verbo e o morfema *-ta*, conforme o esquema:

-site + i -- ru --> site iru
-- ta --> site ita

Para este autor, existem dois tipos de *aspectos*: o primário (*Aspecto 1*) composto pela forma *-site* de um verbo e um verbo auxiliar, e o secundário (*Aspecto 2*) que consiste da “raiz polida” (*renyookei* / perfectiva) do verbo principal e um auxiliar. Além disso, TERAMURA formalizou a ordem na qual os verbos aspectuais e o tempo são percebidos:

Base + *Aspecto 2* + *Aspecto 1* + Tempo

E, finalmente, este autor também contribuiu para descoberta de mais um significado da forma *-site iru*: uma expressão narrativa de eventos passado ou atividades, tema no qual não nos aprofundaremos para não desviarmos do objetivo central.

Similar à proposta de TANEMURA, a proposta de YOSHIKAWA (apud SEKINE, 1983 : 21), é considerada um dos mais completos estudos sobre *aspecto* verbal em japonês, desenvolvido de maneira detalhada e com fartura de exemplos. Este autor parte do esquema de FUJII, que trata apenas da forma *-site iru* e avalia vários verbos aspectuais que, junto com outros verbos, compõem esta forma verbal. Além disso, considera também os advérbios como um sério fator envolvido em sua análise.

Baseada nos critérios de KINDAICHI (1950, 1955), a classificação de YOSHIKAWA nos permite desenvolver dois tipos de estudos:

a) tratar o fenômeno com bases filosóficas traçando formas linguísticas, como KINDAICHI;

b) estudar as formas lingüísticas para clarear o conceito de *aspecto* (YOSHIKAWA apud SEKINE, 1983 : 23), direcionando para os problemas do japonês como língua estrangeira, através dos critérios propostos anteriormente por KINDAICHI:

- 1 - o significado inerente do verbo;
- 2 - as características sintáticas do verbo (compatíveis, ou não, com a forma *-site iru*) e
- 3 - as funções da forma *-site iru* do verbo.

O autor parte da dicotomia (*-iru* / 'ser': sujeito animado / *-aru* / 'ser': sujeito inanimado) dos não-estativos ou dinâmico (demais verbos), subdividindo os últimos verbos em durativos (*taberu* / 'comer', *utawu* / 'cantar') ou pontuais (*mokugekisuru* / 'testemunhar', e *hazimaru* / 'começar'), dependendo do significado inerente do verbo.

A terceira categoria, envolve tanto o significado inerente do verbo quanto a função da forma *-site iru*. Além disso, os verbos dinâmicos podem ser resultativos ou não-resultativos. Os primeiros denotam um estado resultante (Base + Aspecto1 (*-ta* / achievement) + Aspecto2 (*-site iru*)) ou mudança no estado do sujeito do verbo (*agaru* / 'subir', *otiru* / 'cair'). No segundo caso, o estado do sujeito não muda depois da situação do verbo que denota ação completa (Base + *-site iru* progressivo + *-ta* (final da situação)) (*yomu* / 'ler', *kaku* / 'escrever'), ou seja:

Verbo	estativo	
	dinâmico	resultativo / não-resultativo
		durativo
		pontual

Este tipo de classificação, essencialmente igual à de KINDAICHI, nos conduz aos já mencionados resultados indesejáveis:

- os verbos estativos, compatíveis com a forma *site iru*, são tratados como não-estativos ou dinâmicos e classificados de maneira diferente;

- a distinção [+ / - resultativo] depende da habilidade em se determinar as funções de *-site iru* de um verbo, tarefa um tanto difícil para estudante estrangeiros que aprendem o japonês, por ser baseada na intuição do falante. Com relação à “mudança de estado do sujeito do verbo”, somente no caso de verbos intransitivos o critério envolve a forma *-site iru*.

Em síntese, YOSHIKAWA apresenta as seguintes funções de *-site iru*:

Aspecto progressivo, que trata de uma ação ocorrendo ou processo de um verbo (durativo).

(3.23)

Minna ga soto de asonde imasu.
todos fora loc brincar (passado polido)
Todos estão se divertindo lá fora.

Estado resultativo, que implica a mudança resultante de uma ação completa ou processo (verbos resultativos intransitivos) – sujeito agente:

(3.24)

Tokorodokoro ni, taiboku ga taorete iru.
aqui e lá loc altas árvores cair existe (*aspecto*)
Existem árvores altas que caíram aqui e lá.

Estado simples, que se deriva da função acima mencionada, cuja mudança não afeta o sujeito do verbo como podemos observar a seguir:

- (a) verbos que não denotam processo (mudança) = *mieru* / ‘parecer’, *tigawa* / ‘ser diferente’;
- (b) expressões idiomáticas = *katati o site iru* / ‘ter um (adj.) formato’;
- (c) verbos compostos por onomatopéias = *gasagasa suru* / ‘roçar, sentir áspero’;
- (d) verbos que denotam processo = *haeru* / ‘crescer’ e *tuzuku* / ‘continuar’;
- (e) verbos incoativos = *...ni naru* / ‘tornar...’.

(3.25)

Kono miti wa magatte iru.
esta rua curva ser (*aspecto*)
Esta rua é curva.

Experiência, que é função derivada do estado resultativo que indica fatos passados (experiências ou lembranças) expressos no presentes por verbos pontuais ou durativos:

(3.26)

Kare wa fuzi san ni nobotte iru.
ele Mt. Fuji loc subir (aspecto)
Ele subiu o Monte Fuji.

Iteração, que é derivada do *aspecto* progressivo e indica uma série de ações ou processos repetidos, por um ou múltiplos sujeitos, com verbos pontuais (*simu* / ‘morrer’) ou durativos (*uru* / ‘vender’; *yomu* / ‘ler’):

(3.27)

Ima, yuumeizin ga dondon sinde iru.
agora famosa pessoa uma depois da outra morrer (*aspecto*)
Pessoas famosas morrem / estão morrendo uma após outra.

3.5 – ALFONSO (1980) – Japanese Language Patterns.

ALFONSO desenvolve um estudo comparativo das línguas japonesa e inglesa, sustentando que a primeira apresenta, basicamente, dois grupos de verbos:

Dinâmicos, em que há ação expressa por um agente livre - homem ou animal agente.

Não-Dinâmicos, em que se expressa um estado de coisa.

Podemos comparar esta proposta com a de KUNO (1972), que separa os verbos de acordo com a noção de estatividade (*ação* e *estado*) e adota a noção de autocontrolabilidade, que se parece muito com o agente livre do primeiro autor.

Esta divisão, proposta por ALFONSO, é fundamental, visto que um grupo é mais aceito em certos tipos de estruturas, não em outras, ou usado com um significado diferente. Os exemplos que usaremos a *seguri* foram resgatados da obra do autor:

(3.28)

a. Kanji o kakimasu. / ‘Escreve kanji’. = Verbo dinâmico de atividade e agente humano.
b. Umi ga arimasu. / ‘O mar existe’. = Verbo não-dinâmico, o mar simplesmente é.

Nos exemplos acima, os auxiliares *-masu* e *-desu*, no final da sentença, não adicionam um significado concreto ao verbo principal, marcando simplesmente o grau de polidez utilizado, geralmente, pelos estrangeiros. Ao contrário dos verbos não-dinâmicos, muitos dinâmicos, se não todos eles, marcam o objeto com partícula *o*, no entanto, a dificuldade está na determinação dessas categorias. A princípio, verbos transitivos, de movimento e permissivos, são todos dinâmicos. Por outro, os verbos intransitivos, potencial, passivos e adjetivos são todos não-dinâmicos; e os intransitivos, potencial, passivos e adjetivos são todos não-dinâmicos. Porém, existem um grande número de verbos como, *suru* / ‘fazer’, que podem pertencer a ambas categorias, devido sua grande variedade de uso e aplicação, e mais uma vez aparece a lista de homônimo.

Conforma mencionado anteriormente em SUZUKI (1972), as formas verbais da base-*I* e base-*A*, são classificados como *-eru*, *-iru* e demais verbos. Exemplos de verbos terminados em *-eru* e *-iru*:

base -U	base -I	base -I + te	base -I + ta
<i>tab-eru</i> / ‘comer’	<i>tab-e</i>	<i>tab-e-te</i>	<i>tab-e-ta</i>
<i>m-iru</i> / ‘ver’	<i>m-i</i>	<i>m-i-te</i>	<i>m-i-ta</i>

Exemplos de outros verbos regulares:

<i>shi-nu</i> / ‘morrer’	<i>shi-ni</i>	<i>shi-n-de</i>	<i>shi-n-da</i>
* <i>shi-ru</i> / ‘saber’	<i>shi-ri</i>	<i>shi-t-te</i>	<i>shi-t-ta</i>

Exemplos de verbos irregulares:

<i>s-uru</i> / ‘fazer’	<i>sh-i</i>	<i>sh-i-te</i>	<i>sh-i-ta</i>
<i>k-uru</i> / ‘vir’	<i>k-i</i>	<i>k-i-te</i>	<i>k-i-ta</i>
<i>i-ku</i> / ‘ir’	<i>i-ku</i>	<i>i-t-te</i>	<i>i-t-ta</i>

Embora apresentem terminação em *-eru* e *-iru*, existe um grupo de verbos que não segue esta regra, por exemplos: *shi-ru* / ‘saber’, *hai-ru* / ‘entrar’, etc. Igualmente em *Japanese Croom, Descriptive Grammar*, HINDS (1986 : 274), que trabalha em termos de

aspecto relacionado com formas de passado / não-passado, dividindo as formas do perfeito em:

(a) uma situação que se tinha mantido pelo menos uma vez, indicando algo que aconteceu uma vez no passado ou que ainda ocorre;

(b) uma situação que começa no passado e ainda continua;

define-se o *tempo* gramatical e o *aspecto* por meio da distinção formal entre as formas *-ru* e *-ta*, fornecidas de maneira apropriada para cada classe de verbo, conforme abaixo listado:

Verbo não-passado		Passado	Dicionário	
Classe	(citação)			
I		Taberu	tabeta	eat
II	(A)	Matsu	matta	wait
	(B)	Yomu	uonda	read
	(C)	Kaku	kaita	write
	(D)	Osu	oshita	push
Exceções		Kuru	kita	come
		Suru	shita	do
		Iku	itta	go
Adjetivos		Akai	akakatta	be red
Cópula		Da	datta	be (não polido)
		Desu	deshita	be (polido)

Segundo ALFONSO, a forma progressiva do japonês difere do inglês em muitos casos, por exemplo:

(3.29)

Ação progressiva em geral:

Ima ame ga fut-te imasu. / It's raining now.

agora chover-ndo cair estar

Está chovendo agora.

(3.30)

Ocupação habitual:

Otooto wa daigaku ni it-te imasu. / My younger brother goes to college.

irmão mais novo tm faculdade ir

Meu irmão mais novo vai à faculdade.

(3.31)

Verbos usados normalmente na forma *-te*:

Watashi wa okane o mot-te imasu. / I have / *having some money.

I tm dinheiro algum ter

Eu tenho dinheiro.

ALFONSO sustenta que, algumas vezes, em inglês, podes-se usar o presente simples na forma progressiva, que em japonês, está localizado no final de cada sentença da estrutura. No exemplo (3.29), a sentença tem a mesma estrutura em inglês indicando que uma ação está acontecendo ou aconteceu em um período de tempo e, mesmo estando no presente afirmativo, outras formas são possíveis. Em (3.30) permite-se o uso do progressivo e do presente simples ao passo que em japonês utilizamos sempre a forma progressiva.

Há poucos casos em que o verbo, em (3.31), é usado na forma *-te imasu*. Já em inglês, este tipo de verbo, normalmente, é usado no presente simples ou passado (não no progressivo), conforme o seguinte exemplo que indico a maior flexibilidade do inglês:

(3.32)

Yokohama ni sunde imasu. / I live / I'm living in Yokohama.

loc morar-progressivo estar / estar morando

Eu moro / estou morando em Yokohama.

Para ALFONSO, em japonês, usamos o progressivo para descrever ações *acontecendo ao longo de um período de tempo*. O seguinte uso da forma *-te imasu* não tem contraparte na estrutura do inglês, por exemplo:

(3.33)

A ação está feita e permanece do mesmo modo:

Atarashii hon wa mise ni de-te imasu. / The new book have / has appered in the shops.

novo livro tm loja loc aparecer

*Tem aparecido / *Apareceu o livro novo na loja.

(3.34)

A ação ainda não aconteceu:

a. Densha wa mada kite imasen. / The train hasn't come yet.

trem tm ainda vir não estar

O trem ainda não veio.

b. Densha wa moo kite imasu. / mada kite imasen.

trem tm já vir ainda vir não

O trem já veio / ainda não veio.

Nos verbos acima, *-te imasu* expressa *ocupação habitual e completa*, não ações progressivas. Embora as expressões em inglês sejam as mesmas, existe uma pequena diferença de nuance em japonês, difícil de explicar em termos de equivalência. A forma *-te imasen* indica uma negação, enquanto *-te imasu* marca um estado presente, porém, com um verbo de movimento, *-te imasen* refere-se a negação simples de *-te imasu*, como em (3.34) b. Para ALFONSO, estas sentenças implicam três estágios no curso da ação:

lugar A _____ > lugar B _____ > lugar C
Começar parar para fazer algo e seguir seu caminho

Portanto, os exemplos na estrutura significam:

(3.35)

Let's just have a look at the circus and continue on our way.

Vamos dar uma olhada no circo e continuar nosso caminho.

Há casos em que *kuru* e *iku* equivalem a 'transformar'. Vejamos:

(3.36)

Saa, de kakemashoo ka? Sora ga kimashita yo / Hmm, what do you say we leave now? The sky is cleared.

partir vamos céu clarar passado

Hmm, o que você acha de irmos agora? O céu clareou.

Segundo ALFONSO, pode-se observar o modo diferente de expressar a ideia de *come to be* / 'vir a ser', *come to about* / 'tornar-se', como mostra a cláusulas acima em inglês. *Iku*, também indica tornando-se ou acontecendo e de agora em diante, ou seja, depois do tempo do falante. Além disso, uma oração com *kore kara* indica uma noção mais explícita.

Vejam agora a contribuição de SEKINE (1983) para o esclarecimento de aspecto em japonês.

3.6 – SEKINE (1983) – The aspectual verb system of japanese: The site iru form.

SEKINE tem por objetivo apresentar uma nova classificação do sistema verbal japonês, predizer os verbos que apresentam significado aspectual na forma *-site iru* e sistematizar os advérbios que coocorrem com estes verbos. Baseada em uma análise de traços, SEKINE utiliza a oposição sintática (+ *-site iru*) e (+ *-ru*), e a oposição semântica [+estativo], [+durativo], e [+resultativo], que considera de fácil compreensão para estudantes de japonês como língua estrangeira. A autora segue a proposta de YOSHIKAWA, separando os verbos estativos incompatíveis com a forma *-site iru* (1), os incompatíveis com *-ru* (2) e os compatíveis com ambas formas (3). Conforme abaixo relacionado:

- 1 - (- *-site iru*, + *-ru*) = verbos estado
- 2 - (+ *-site iru*, - *-ru*) = always (sempre)
- 3 - (+ *-site iru*, + *-ru*) = SO (A autora não explica o que significa esta sigla)

Além disso, esta autora esquematiza os quatro tipos de verbos não-estativos:

- 1 - (+durativo, +resultativo): *otiru* / 'cair'
- 2 - (+durativo, -resultativo): *siru* / 'saber'
- 3 - (-durativo, +resultativo): *owaru* / 'acabar'
- 4 - (-durativo, -resultativo): *siriau* / 'encontrar', *itibetsuru* / 'olhar de relance'

É extremamente curioso que, na *Plena analiza gramatiko de esperanto*, de KOLOCSAY-WARINGHIEN (1980 : 145-148), aparece a mesma classificação do verbo, embora sem a quarta classe: duração e resultado, duração sem resultado, resultado sem duração. De resto, a quarta classe parece ser um engano da autora, mesmo porque é difícil imaginar um tipo de fato (significado genérico do verbo) a que falte simultaneamente alguma duração e algum resultado. Os exemplos aduzidos pela autora o comprovam: 'encontrar' tem resultado da coisa ou da pessoa encontrada, enquanto 'olhar de relance' tem o resultado da

coisa ou da pessoa vista rapidamente. Um fato sem duração nem resultado seria imperceptível aos sentidos humanos.

SEKINE admite as quatro funções existenciais da forma *-site iru* (sem advérbios de estado explícito) - progressivo, estado resultativo, estado simples, e iterativo - e a função experiencial, sem alterar as definições estabelecidas, acrescentando a função *continuidade*, que se relaciona com as funções do progressivo e iteração, conforme o exemplo a seguir:

(3.37)

a. Ane wa gohan o tabete iru.
minha irmã mais velha tm refeição comer estar
Minha irmã mais velha esá comendo uma refeição.

b. Ani wa toudai ni itte iru.
meu irmão mais tm velho Univ. de Tokyo loc. ir
Meu irmão mais velho vai à universidade de Toquio.

Em (3.37) a., a noção de progressividade envolve uma ação ou evento como um todo, já em b., a noção de continuidade se refere a algo de natureza habitual (não necessariamente um hábito) de uma situação no presente, na qual uma ação ou evento se repete por um período mais longo do que na iteração, que ocorre por poucos segundos no tempo durante um dia ou menos frequentemente.

Com relação às funções da forma *-site iru* com advérbios de estado explícito (*ima* / 'agora', *sudeni* / 'já', *mae ni* / 'antes', e *mada* / 'ainda'), existe uma função perfeita, identificada em todos os casos compatíveis com o advérbio *sudeni*, exceto os verbos denominados *Always* que se referem a ação ou evento, estando completos antes do momento presente, focalizando o sentido de ação completa. Já a função de estado resultativo focaliza o estado presente, sendo concluído.

E, finalmente, a função de lembrar eventos ou atividades passados e relatar esses acontecimentos é designada sem advérbios de estado explícito, enquanto a *função perfeita* é indicada pela presença do advérbio *sudeni* no contexto lingüístico.

3.7 – SOGA (1983) Tempo and Aspecto in Modern Colloquial Japanese.

SOGA tenta clarear a noção de tempo e *aspecto* e descrever as funções e usos dos marcadores de tempo gramatical, reanalizando os traços semânticos tratados por KINDAICHI (1950), KUNO (1973) e MARTIN (1975), relacionando estatividade e durabilidade do verbo, sintagma ou sentença, com controlabilidade, permanência, repetição, e outros processos relevantes para este tema.

O tempo, categoria gramatical dêitica através da qual se dá a relação de tempo de fala (S) e tempo de evento (E), por meio de um tempo de referência (R), indica se um evento ocorreu, ocorre ou vai ocorrer, conforme o ponto egocêntrico do falante. O termo *fala* em *momento da fala* ou *tempo do ato de fala* representa uma codificação de situação típica e pode ser dividido em básico ou primário (dependendo das relações de S e R) e relativo ou secundário (dependendo das relações entre R e E), representados como relações posicionais sobre um eixo de tempo e seguindo a generalização abaixo, proposta por REICHENBACH (1967), como se disse no capítulo 1, agora modificada por SOGA (1983):

- a. If R precedes S, it is 'past'.
- b. Otherwise, it is 'non-past'.
- c. If E precedes R, it is 'anterior'.
- d. If E follows R, it is 'posterior'.
- e. If E and R coincide, it is 'simple'.
- f. If E extends over R, it is 'extended' or 'progressive'.

Semelhante ao inglês, o futuro em japonês, para este autor, também é considerado modalidade volicional, além de considerar dois tipos de categoria básicas: passado e não-passado, que em japonês são expressas pela oposição sistemática formal dos marcadores de tempo *V-ta / V-ru*.

No sistema de tempo relativo, E é observado de R em termos de anterioridade, posterioridade ou simultaneidade (qualificado como tempo simples). Passado anterior ou futuro posterior combinam com a noção de tempo básico e relativo e com os pontos tempo.

Na ótica do narrador, tempo é interpretado em termos de sistema básico, gramaticalmente mais fixo. De um ponto de vista mais amplo, pode-se interpretar, inclusive, o sistema relativo. Às vezes, em japonês e inglês, a forma tempo passado pode ser relacionada

ao *aspecto* passado, e uma forma tempo não-passado pode ser usada em relação ao passado de um tempo de referência ou do evento.

Há várias razões para estas diversidades, sendo importante notar que as formas temporais, normalmente, tem significados especiais além dos pontos de tempo. Problemas de *aspecto* ou modalidade são, freqüentemente, confundidos em formas superficiais de verbos em tempo passado ou não-passado.

Aspecto

Em geral, o *aspecto* se refere ao status de uma ação, evento ou estado, de acordo com sua duração e pontualidade, categorias intrinsecamente relacionadas que podem ser tratada de duas maneiras diferentes:

a) situação vista como uma entidade não analisável, apresentando *aspectos* perfectivo e imperfectivo, já detectados por ARISTÓTELES (1048), sem distinção formal explícita em japonês, por exemplo:

-*Aspecto* completivo - sem análise (pontual / terminal) - perfectivo.

-*Aspecto* progressivo - análise parcial da duração de um evento - imperfectivo.

b) estágio de desenvolvimento de uma situação que apresenta *aspecto* progressivo, completivo, resultativo, etc, por exemplo:

-Variação das categorias, conforme a divisão em diferentes seções de ações ou eventos;

-Maneira de agrupar as categorias, nas diferentes línguas.

Os *aspectos* progressivo, resultativo e ‘pseudo-resultativo’ – progressivos / não-progressivos VENDLER (1967) - deveriam ser agrupados em uma super-categoria de *aspecto* ‘completivo’ ou ‘realizado’, pois além de serem expressos por *V-te iru*, são confundido como um único fenômeno mesmo por falantes nativos. Entretanto, indicam estágios diferentes, conforme abaixo mencionado:

-*Aspecto progressivo*, indica situação pré-terminativa,
-*Aspecto resultativo* / ‘pseudo-resultativo’, que indicam situação pós-terminativa,

Ou seja, para agrupar os progressivos em certas categorias aspectuais, a *situação* é mais significativa do que sua ‘completação’. Além disso, para SOGA, apesar de existirem restrições semânticas gramaticais, há uma ordem aspectual:

Verbo + (*Aspecto 1*) + (*Aspecto 2*) + Tempo

É regra semelhante à utilizada em TANEMURA (1973a) e sustenta que um ou outro, nenhum deles ou os dois *aspectos*, podem ocorrer, devendo esta ordem ser compreendida como uma generalização, visto que há casos em que ela pode até ser violada.

Tempo e Aspecto

Antes de tratar uma forma perfeita em termos de perfectividade, SOGA analisa as características semânticas do perfeito, bom como as do progressivo que deve ser posto dentro da categoria de aspecto. Já as características temporais podem ser representadas como ‘presente anterior’, ou ‘passado anterior’, mas não servem para diferenciar aspectualmente ‘existencial’ de ‘universal’, ou ‘estativo’ de ‘existencial’.

Similares às formas perfeitas no inglês, as resultativas em japonês (não-passado = *sinde iru* / passado = *sinde ita*) podem ser consideradas aspectuais, um tipo diferente de *aspecto* (perfectivo / imperfectivo), relativo a um “estado existente” que resulta de uma ação ou evento passado, associado à noção de durabilidade e continuidade e, portanto, com imperfectividade. Embora sejam expressas pelas formas *-ta*, as noções temporais de ‘passado’ e ‘completiva’ com têm funções gramaticais e conteúdos semânticos diferentes:

1 - A primeira diferença diz respeito aos advérbios:

moo / ‘already’+ *-ta* = completivo (*Moo tabeta* / ‘Eu já comi’).

mada / ‘already’+ *-ta* = forma tempo não passado (*Mada tabenai* / ‘Eu ainda não comi’).

yuube / ‘last night’+ *-ta* = forma tempo passado (*Yuube tabeta* / ‘Ontem à noite eu comi’).

yuube / ‘last night’+ *-ta* = forma tempo não passado (*Yuube tabenakatta* / ‘Eu não comi na noite passada’).

2 – A segunda aparece com a forma *-ta* (*benkyoo-site ita* / ‘estava estudando’), que não indica *aspecto* completivo. O fato de o sintagma estar no passado é irrelevante para a completção.

3 – A terceira trata do *aspecto* completivo, que nem sempre é indicado pela forma *-ta*, por exemplo:

(3.38)

To ga aku to sensei Haitte kita.

Porta abrir professor entrar vir passado

Quando a porta abriu o professor Tanaka entrou.

Para SOGA, o tempo não-passado é completivo e verbo precedente, na cláusula encaixada, deve sempre estar em sua forma não-passado ou *-ru*. Assim, enquanto *-ta* pode ou não indicar *aspecto* completivo, *-ru* na superfície pode ser relevante para o *aspecto* completivo. Embora isto possa ser associado com perfectivo, há algumas incompletivas que também se associam e, por isso, esta noção de completção mencionada, está à parte do perfectivo, conforme mencionado em ALFONSO (1987), que descarta a hipótese de a noção de perfectividade estar vinculada a noção de passado / não-passado. Assim, embora a sentença abaixo seja incompleta, devemos associá-la com perfectivo:

(3.39)

Itu yomi-hazimeru ka.

quando ler começar

Quando você começará a ler?

Tratado em termos de uma ampla noção como inceptivo, completivo, perfeito, resultativo e assim por diante, o *aspecto* deve também se tornar um tanto diferente nas formas que expressam duração, pontualidade, habitualidade, iteratividade, entre outras. Então, o *aspecto* tem dupla função: uma limitada e restrita e outra ampla, incluindo as categorias mencionadas, em que a primeira é subjetiva e a última é objetiva. A consideração de tais categorias variadas conduz ao famoso *Aktionsart*.

Os marcadores progressivos, em inglês (*be + V-ing*) e em japonês (*V-te iru*), podem ser considerados lexicais e gramaticais, no sentido de estarem vinculados ao

As noções A e E são relevantes para *Aktionsart* e os círculos e as flexas para os *aspectos* perfectivos e imperfectivos, respectivamente. Assim, A é relevante para progressivo futuro (*Ele está morrendo*); B para inepção (*Ele começa a trabalhar*); C para estruturas progressivas ou adjetivas (*Ele está estudando* ou *É vermelho*); D para completação (*Ele terminou seu trabalho* ou *Ele alcança o litoral*); E para resultado (*Ele está morto*). Ou seja, para um verbo pontual C não existe e B e D são simultâneos. Por outro lado, B, C e D podem estar dentro do mesmo círculo.

Tanto o passado progressivo quanto o presente perfeito tem conceitos de tempo e *aspecto*. Embora sem marcador aspectual explícito, o *aspecto* está semanticamente subjacente, e sentenças no passado simples ou não-passado simples apresentam marcador de *aspecto* formal. Por outro lado, os marcadores aspectuais são indicados na superfície com suas próprias diferenças de tempo. Tomamos o diagrama proposto por SOGA (1994 : 32-33), que apresenta algumas categorias aspectuais do japonês por ele mencionadas:

(3.41)

a. Kare wa kekkon-site iru. he tm marry is i. "He is married".	Asp. O..... → Tns. E _____ S,R
ii. "He has been married (for two years so far, for exemple.)"	Asp. —→ Tns. E _____ S,R
iii. "He has been married (before, but is not married now.)"	Asp. O > Tns. E _____ S,R
b. Kare wa benkyoo-site iru. he tm study i. "He is studying."	Asp. —→ Tns. _____ E _____ S,R
ii. "He has studied. (for the past two hours, for exemple.)"	Asp. —→ Tns. E _____ S,R
iii. "He has studied. (before but is not studying now.)"	Asp. O > Tns. E _____ S,R
c. Kare wa kekkon-site ita. he marry i. "He was married (then.)"	Asp. O... —→ ... Tns. E _____ R _____ S _____
ii. "He had been married (for two years up to then, for exemple.)"	Asp. —→ Tns. E _____ R _____ S _____
iii. "He had been married. (before, but was not married then.)"	Asp. O ... > Tns. E _____ R _____ S _____

Sob este enfoque, o progressivo e resultativo deveriam ser divididos em duas subcategorias, tais como repetitivo e sucessivo, não só o progressivo e perfeito, mas também o resultativo. Embora os *aspectos* perfectivos e imperfectivos sejam diferentes das categorias acima mencionadas, podem ser consideradas ‘supercategorias’, visto que aquelas devem ser associadas a uma das duas.

A durabilidade (que pode ser imperfectiva) e pontualidade (perfectiva) também são ‘supercategorias’, além de ser característica inerente de alguns itens lexicais. Pré-inceptivos, progressivos, resultativos e outros podem pertencer ou à categoria durativa ou à pontual.

A completiva (resultativos e perfeitos) e incompletiva (pré-inceptivos, progressivo...) são supercategorias. A estas deve-se adicionar os *aspectos* realizado e não-realizado em japonês, que fazem parte na formação de categorias como completiva, progressiva, resultativa, perfeita, ou qualquer outras categorias relevantes para estágios pós-inceptivos em desenvolvimento. Esta categoria pode apresentar similaridades entre os *aspectos* progressivos e resultativos que em japonês são expressos por *-te iru*. Também considerados subjacente ao verbo dependendo do aspecto completivo.

Por fim, a categoria ‘não realizada’ inclui todas as categorias aspectuais relevantes para o estágio pré-inceptivo da situação, que podem, em sentenças negativas, ser consideradas igualmente relevantes para a categoria não realizada, que pode, inclusive, ser relacionada com o *aspecto* incompletivo.

A classificação acima apresentada se assemelha à classificação de HINDS (1986) no que tange à duração do verbo (perfectivo, imperfectivo, habitual, contínuo, progressivo, ingressivo, terminativo, semelfactivo, pontual e simultâneo e outros *aspectos*, divididos em: *attempting* / ‘tentativa’ e télico.)

3.8 – IKEGAMI (1985) – Activity, - Accomplishment – Achievement – A language that can’t say ‘I burn it, but it didn’t burn’ and one that can.

A seguir, trataremos do estudo de IKEGAMI que, baseado na classificação verbal quadripartita da VENDLER (1967), cujo critério, de ordem distribucional distingue os

achievements dos accomplishments, concentra sua atenção nos três últimos tipos verbais acima citados, comparando o comportamento dos verbos em inglês e japonês .

O autor discute as propriedades semânticas dos verbos, se referindo à ação do objeto direto da sentença, do tipo *to make a telephone call to a person*, lembrando que, diferentemente do japonês, *to call a person* em inglês americano implica tanto o ato de operar o aparelho quanto o de realizar o diálogo pelo telefone. A seqüência de exemplos abaixo, foram extraídos da obra de IKEGAMI (1985), que aplica os testes propostos por VENDLER (1967) em língua japonesa:

(3.42)

John-ni denwa-o shita keredomo rusu datta.
Para telefonar-obj pass ma não estar passa.

(I) called John, but he was out.

Eu telefonei para John, mas ele não estava.

Embora *to call* se refira somente à ação de fazer a chamada, a expressão acima mencionada indica ambos: a ação e a realização do objetivo, enquanto sua contraparte em japonês focaliza a ação em si. De acordo com a classificação vendleriana, verbo *to call* só é possível na sentença II, abaixo. Já em japonês todas são possíveis apesar de II e a III, abaixo serem um pouco estranhas:

I - How long did he _____?

(3.43)

a. *How long did you call him?

b. John-ni nampun hodo denwa-o shimashita ka. (próximo à activity)
por quantos min. sobre tel-obj fazer-pass
Durante quanto tempo você telefonou para ele?

II - How long did it take to _____?

(3.44)

a. How long did it take to call John? (focaliza o achievement-realização)

b. John-ni denwa-o suru no ni nampun hodo kakarimeshita ka. (acc. ação)
por tel-obj fazer nom. em quantos min. sobre levar pass.
Quanto tempo levou para telefonar para John?

III - He was _____ing for an hour?

(3.45)

- a. ?He was calling John for an hour.
b. John-ni denwa-o shite imashita. (acc. próximo à ativ.)
por tel.-obj. fazer pass.
Ele telefonou para John durante uma hora.

Segundo IKEGAMI, o termo ambíguo *achievement* pode referir-se tanto ao critério de classificação vendleriano, quanto à ação do objeto direto, que pode ou não atingir seu objetivo. Assim, *making a telephone call to a person* em (3.45) a. e b. possui duas referências verbais: em japonês contém verbo atividade (*denwa o suru*) e em inglês implica a realização do objetivo se comportando-se como *achievement (to call)*, considerados aceitáveis, embora interpretados de modos diferentes.

Através das comparações referente à ação realizada ou não do objeto direto, o autor tenta demonstrar que o contraste sistemático se deve a característica tipológica da estrutura profunda de cada língua, conforme abaixo exemplificado:

I - A realização do objetivo implícita em ambas as línguas. Exemplos considerados contraditórios:

(3.46)

- a. *John killed Mary, but Mary didn't die.
b. *John-wa Mary-o koroshita keredomo Mary-wa shinanakata.
tm obj matar pass. mas tm morrer neg. pass.
*John matou Maria, mas Maria não morreu.

II - A seguir, a realização do objetivo não implícita em nenhum dos verbos.

(3.47)

- a. John invited Mary, but Mary didn't come.
b. John-wa Mary-o shotaishita keredomo, Mary-wa konakatta.
tm obj convidar mas tm vir neg. pass.
John convidou Maria, mas Maria não veio.

III - A realização do objetivo implícita somente em inglês.

(3.48)

- a. *I burned it, but it didn't burn. (claramente contraditória)
b. Moyashita keredo, moenakatta. (com omissão do sujeito e objeto)
queimar pass. mas queimar neg pass
Eu queimei (isto), mas (isto) não queimou.

IV - A realização do objetivo implícita somente em japonês.

* Sem exemplos.

Portanto, há sempre uma diferença entre as realizações do objetivo dos verbos correspondentes na língua inglesa, a qual se concentra na realização do objetivo (*achievement*), enquanto a japonesa focaliza a ação (*atividade*). Pode-se caracterizar esta comparação, que funciona de vários modos e em outras partes do sistema lingüístico, em termos da relação entre ação / *achievement*, processo / resultado, imperfectivo / perfectivo, partitivo / holístico, envolvido parcialmente afetado / envolvido totalmente afetado, etc, contraste fundamental que ocorre entre *toward* / 'em direção a' e *to* / 'para'.

Segundo IKEGAMI, uma ação pode ser interpretada tanto no *aspecto* que precede ao objetivo *em direção a* (imperfectiva, partitiva ou processo / ação-orientada) quanto no de *atingir* seu objetivo. A relação entre o movimento e a ação para o qual o movimento é direcionado, é paralela à ação e o objetivo ao qual a ação é direcionada.

Ambas relações representam transitividade ou objeto direto conclusivo, com movimento direcionado ao objetivo, sem que algo o impeça de atingí-lo. A tendência de interpretar uma ação é mais manifestada em inglês que em japonês que considera a relação do status do sujeito e o objeto, e a relação da falta de contraste entre definição (verbotransitivo seguido por objeto) e indefinição. No caso do verbo transitivo direto, o objeto representa algo afetado pela ação. Este autor afirma que em inglês, ao contrário, o objeto é obrigatório e, salvo raríssimas excessões, não pode ser omitido. A falta do objeto acarreta uma intransitivização ao verbo transitivo, mudando-o de uma escala para outra e, assim, enfraquecendo o significado de ação objetiva direta para uma ação simples.

Finalmente, o comportamento contrastivo entre os verbos de ação inglês e japonês é mais interessantemente comparável pelos verbos de movimento nas duas línguas. Os

verbos em inglês, em geral, podem ser combinados com uma expressão-objetivo (implicando a possibilidade de chegada), e os correspondentes em japonês são usados do mesmo modo, isto é, para se obter uma expressão natural, o verbo de movimento em japonês deve ser sustentado por ambos verbos *iku* / 'ir' (*go*) ou *kuru* / 'vir' (*come*).

(3.49)

a. John ran to the station.

?John-wa eki-e hashitta.
 tm estação-para correr pass.
 John correu para a estação.

b. John-wa eki-e hashitte itta.

tm estação-para correr ir pass.
 John foi correndo para a estação.

O autor tenta dar conta do comportamento do verbo em japonês dizendo que ele não representa um movimento de algo atingindo o objetivo, mas mais como um processo que pode ou não conduzir ao objetivo, conforme o esquema a seguir:

	Inglês	Japonês
Verbos de movimento	atinge o objetivo	processo (sem necessariamente atingir o objetivo)
Verbos de ação	atinge o objetivo	atividade (sem necessariamente atingir o objetivo)

O contraste entre o inglês e o japonês pode ser, então, resumido como o contraste entre objetivo orientado e processo orientado. Em japonês, o poder de opção pelo sujeito serve, por um lado, para enfraquecer a noção de agentividade (autocontrolabilidade), se algum agente está envolvido. Por outro lado, o sintagma preposicional do objetivo não precisa necessariamente ser expresso, tampouco a noção do objetivo sendo atingido terá um efeito de enfraquecimento. Em contraste, os verbos de movimento em inglês são afetados por ambos os fatores. A implicação de seu objetivo atingido está de acordo com a tendência geral do inglês, direcionado a intensificação da noção de agentividade (tanto que, freqüentemente, se transforma em causatividade). E, assim, percebemos como certas características da linguagem podem afetar o significado do verbo de um modo súbito e delicado.

A seguir, a proposta de MILLER para o tema *aspecto* verbal.

3.9 – MILLER (1985) – Nihongo in defence of Japanese.

MILLER avalia tempo cronológico (*time*) como fator biológico que indica um fenômeno importante do mundo real: a progressão diurna e noturna, fora da qual podemos identificar, de maneira ordenada e natural, os estágios, períodos de tempo progressivamente mais extensos - mês, estações, anos - as gerações e eras do próprio homem.

Tempo gramatical (*tense*) é o meio pelo qual certos sistemas lingüísticos empregam sua arbitrariedade em estruturas lingüísticas. Essa arbitrariedade, às vezes problemática, é gramatical e se relaciona com tempo ao longo de um eixo de intersecção semântica, o que não significa que tenha qualquer significado semântico ou traço idêntico a outro sistema lingüístico.

A arbitrariedade do tempo produz o gênero, característica gramatical responsável pela convenção passado, presente, futuro, muitas vezes considerado absoluto e imutável.

Como vimos anteriormente, o tempo cronológico em russo não é o evento mais importante para verbos contendo atividade e ação ao longo do vetos semântico. Há uma série de relações semânticas associadas à este *aspecto* definido como categoria semântica cuja atividade ou uma ação pode se completar ou permanecer incompleta. Além disso, existem poucas ou nenhuma observação específica para a relação entre tempo cronológico e o que é ou foi feito.

O japonês não emprega as categorias verbais correspondentes à todas as idéias de passado, presente e futuro. Estas geralmente se relacionam com a possibilidade de uma ação ou um estado contínuo se completar ou não, ponto em que tempo cronológico toma seu lugar. Esta preferência pelo *aspecto*, mais do que tempo, é característico no japonês moderno que apresenta nove categorias semânticas, de verbos e adjetivos, relacionadas a traços morfológicos, conforme abaixo relacionado:

Ex.: KAK-

1 - Imperativo - *Kake* / escreva!

2 - Provisional - *Kakereba* (desde que 'alguém' escreva. Condição para a ação - presente, futuro)

3 - Condicional - *Kaketara* (sob condição de que 'alguém' escreva. Parcido com o anterior - passado, presente, futuro)

4 - Alternativo - *Kaitari* (escreve tão bem quanto faz outra coisa simultânea ou alternativamente)

5 - Nomes Deverbais - *Kaki* (escrever - usado como substantivo para tomar lugar de uma ação ou a existência de um estado, ou na sintaxe de certos níveis estilísticos. Ex.: escrever e... (não no final de sentenças))

6 - Gerúndio - *Kaite* (empregado principalmente em estruturas sintáticas análogas ao segundo emprego dos nomes deverbais, ou parecido com ele.)

7 - Substantivo passado ou categoria imperfectiva - cuja a forma indica uma ação contínua, incompleta, sem marca semântica específica para passado, presente, futuro (*Kak-* também usado para indicar infinitivo e forma dicionário - 'Presente')

8 - Passado completo ou categoria perfectiva - cuja a forma indica uma ação completa, terminada e geralmente irreversível. Com marca semântica específica de presente, passado - *Kaita* - escreveu - 'Passado')

9 - Substantivo passado, presumptivo ou categoria tentativa - ações que ainda não se realizaram. A realização depende do grau de decisão do falante (*Kekeyoo* - grande variedade de interpretação: Vamos escrever, devemos escrever? Talvez ou quem sabe eu escreva - 'Futuro').

Esta classificação é semelhante às propostas por KUNO (1973), ALFONSO (1980), HINDS (1986), entre outros, por ser tipicamente estruturalista.

Enquanto no Japão, a incerteza ou falta de decisão inerente no componente semântico do verbo, formaliza uma atitude polida de respeito, gerando uma afetuosa e simpática responsabilidade no falante. No ocidente, essa falta de segurança e indecisão causa, no mínimo, uma confusão.

Muitos japoneses, estudantes de língua estrangeira, sustentam que o passado em sua língua é semelhante ao passado completo ou perfectivo em inglês e assim por diante. E assim, para especificar as referências a um tempo futuro simples, às vezes, utilizam o imperfectivo não-passado somado a um substantivo usado como advérbio, dando uma indicação lexical explícita de tempo futuro (*ashita* / 'amanhã', *rainen* / 'no próximo ano', *gogo* / 'antes do almoço').

Segundo o autor, podemos empregar o verbo *ikimasu*, (imperfectivo não-passado) / 'alguém vai', em qualquer ponto do tempo cronológico a partir do momento da fala, que pode variar conforme o contexto, se equivaler a '(alguém) está indo agora' ou '(alguém) está indo então, irá no futuro' etc. Para indicação de futuro, acrescentamos *ashita, ikimashoo* / '(alguém) irá amanhã' às mesmas formas verbais não-passado. Tais substantivos, empregados com mais frequência, não com o não-passado simples, mas com o presumptivo-tentativo (*Ashita, Ikimashoo* / '(alguém) possivelmente, muito provavelmente, poderá ir') designam um

futuro duvidoso atribuindo grande consideração aos sentimentos, sensibilidade ou status social do interlocutor.

Os problemas com relação a essas categorias verbais, aparecem na tradução de uma língua estrangeira, principalmente em se tratando dos presumptivos-tentativos com sua grande conotação de dúvida e falta de determinação positiva, que são usados para representar futuros em outras línguas.

3.10 – SAITO (1980) – A Contrastive Study of Japanese and Portuguese.

SAITO desenvolve um estudo comparativo entre as línguas portuguesa e japonesa, tarefa considerada difícil se o modelo de descrição for a gramática tradicional na qual, as categorias de tempo, modo e *aspecto*, de ambos sistemas verbais, não estão claramente reconhecidas, tratando, portanto, de casos de uso específicos.

Tense is seen here as indicating the time of the action in reference to t° (time of zero - the moment of conversation). *Modality* refers to factors such as intention, possibility or obligation. *Aspect* indicates continuance or completion of an action or states. (It should be noted that a single morpheme may represent more than one of these categories.) (SAITO, 1987 : 97)

O tempo e *aspecto* em língua portuguesa são *as relações cronológica* expressas por formas verbais, como o verbo *estudar*, abaixo esquematizado (Idem, ibidem : 97):

	Tempo cronológico não-progressivo	Aspecto progressivo
em ou incluindo t°	não-completado (estudo) (imperfectivo)	não-completado (estou estudando) (imperfectivo)
antes de t°	não-completado (estudava) (imperfectivo)	não-completado (estava estudando) (imperfectivo)
	completado (estudei) (perfectivo)	completado (estive estudando) (perfectivo)
antes de um momento anterior a t°	completado (estudara / tinha estudado) (perfectivo)	completado (tinha estudado) (perfectivo)

SAITO concorda LYONS (1977), e outros linguistas, sobre o tempo futuro ser melhor tratado em termos de modalidade, devido à possibilidade de prognóstico, intenção ou modalidade envolvida neste tempo.

Além disso, para indicar uma relação cronológica entre o tempo de ação e o momento fala, as formas verbais em português, frequentemente, dão idéia de modalidade, como, por exemplo as sentenças (Idem, ibidem : 97):

(3.50)

- a. Por este preço, eu **compro** agora mesmo.
- b. Por este preço, eu **comprava** agora mesmo

nas quais a diferença não é de ordem cronológica, mas sim, de intenção.

Já as formas modais são indicadas pelos seguintes verbos (Idem, ibidem : 98):

intenção ou possibilidade não-remota	<i>estudarei</i> <i>estudo</i> (com algumas restrições)
possibilidade remota	<i>estudaria</i> <i>estudava</i> (com certa restrição)
Contrafactivo	<i>teria estudado</i>

De acordo com o esquema acima, percebemos que a autora se vale dos mesmos argumentos encontrados em BACK & MATTOS (1972), para explicar o fenômeno indicado pelo exemplo dado.

Em suma, nem todos os verbos podem ser usados no tempo presente para indicar intensão, bem como, no passado imperfectivo para indicar possibilidade remota. Estas restrições são denominadas por LYONS de *caráter aspectual do verbo*, como por exemplo os verbos estativos, que estão sujeitos à estas restrições.

Antes de tratar dos tempos em língua japonesa, a autora lembra dos três níveis de formalidade da fala, fortemente marcados nas formas verbais: o mais formal (o mais polido), o formal (o polido) e o informal (o comum). O estilo *Keigo* (*palavras com respeito*) usado para falar com pessoas de alto nível social, foi excluído pela autora que prefere adotar exemplos do estilo informal.

Para SAITO, a maneira de expressar contemporaneidade (t°) e anterioridade, com relação ao momento da fala (t°), não afeta a distinção entre *aspecto* perfectivo e imperfectivo. Contudo, não existe uma forma específica para indicar anterioridade de um momento antes do momento da fala (*tinha estudado*), conforme abaixo esquematizado (Idem, *ibidem* : 99):

Tempo cronológico	<i>Aspecto</i>	
	Não-progressivo	Progressivo
Em ou incluindo t°	<i>benkyoosimasu</i> ((eu) estudo)	<i>benkyoositeimasu</i> ((eu) estou estudando)
anterior a t°	<i>benkyoosimasita</i> ((eu) estudei)	<i>benkyoositeimasita</i> ((eu) estava estudando)

O esquema a seguir nos mostra como o tempo futuro é melhor tratado em termos de modalidade, em ambas as línguas (Idem, *ibidem*):

Certeza	<i>benkyoosimasu</i> / certamente estudarei
intenção ou possibilidade próxima	<i>benkyoosurudeshoo</i> / estudarei
possibilidade remota	<i>benkyoositadeshoo</i> / estudaria
Contrafactivo	<i>benkyoositeitadeshoo</i> / teria estudado

Mais uma vez percebemos a influência de BACK & MATTOS (1972) também no que diz respeito aos momentos de tempo. E com isso encerramos a contribuição desta autora para o estudo comparativo de *aspecto* entre as línguas japonesa e portuguesa.

3.11 – NAKAU (1994) – The evolution of Grammar: Time, Tense and Modality.

NAKAU tenta explicar os vários fenômenos - temporal, aspectual e modal - envolvidos em cláusulas, independente e dependente, da língua japonesa observando fatos limitados e as generalizações que os subjazem. Porém, nesta síntese abordaremos apenas o que diz respeito às cláusulas independentes relativas a tempo e *aspecto*.

Segundo NAKAU, existe, em japonês, um conjunto de elementos dentro da categoria sintática tempo, que exhibe o mesmo comportamento sintático. Por outro lado, o termo *aspecto* está refletido em várias formas sintáticas, incluindo, entre outros, tempo (se refere semanticamente a tempo ou *aspecto*) e forma verbal.

As três noções temporais de presente, passado e futuro, são sintaticamente importantes e se refletem nas diferentes formas de tempo, porém, não podem ser determinadas somente em forma de tempo, pois são determinadas em termos de propriedades ação / estado de predicados (i. e., verbos, adjetivos, e adjetivos-nominais, e a cópula), e em uma sentença declaração genérica ou específica – HINDS (1983).

Muitos verbos designam ação, estado, e ainda, os verbos estativos que apresentam comportamento sintático ou semanticamente diferente – *tipo quatro* de KINDAICHI.

A seguir o autor apresenta uma série de condições de ocorrência distinguindo, basicamente, as formas verbais de tempo passado e não-passado:

1 – A forma de tempo passado, e todos os tipos de predicados, designam ação ou estado e representam *aspecto* passado:

(3.51)

Kare wa, kodomo no koro, eigo ga deki-ta.
Ele tm criança tempo inglês poder pass.
Na sua infância ele foi proficiente em inglês.

2 – O *aspecto* não-passado (i.e., presente e futuro), por contraste, está sintaticamente refletido nas diferentes formas de tempo predicado, variando conforme sua designação de ação ou estado. O tempo não-passado de todos os predicados estativos se refere ao *aspecto* presente, como ilustrado a seguir:

(3.52)

Kare wa, (ima) gakkoo ni i-ru.
Ele tm (agora) escola loc. Estar pres.
Ele está na escola agora.

3 - A forma de tempo não-passado de verbos de ação se refere ao *aspecto* presente, somente no seu uso habitual, iterativo ou genérico, como em:

(3.53)

- a. Boku wa, mai asa roku zi ni oki-ru.
Eu tm todas as manhãs seis horas às acordar pres.
Eu me acordo às seis todas as manhãs.
- b. Tikyuu wa, taiyoo no mawari o mawar-u.
terra tm sol redor girar pres.
A terra gira ao redor do sol.

4 - A forma tempo não-passado de verbos de ação, se refere ao tempo futuro, como em:

(3.54)

- (Asa) kitto ame ga hur-u.
(amanhã) ir chuva chover pres.
Certamente vai chover (amanhã).

O fenômeno aspectual perfectivo, durativo, progressivo e resultativo está refletido, sintaticamente, em certos elementos específicos, entre eles, os marcadores de tempo passado simples e não-passado *-ta* e *-ru*, as formas verbais do progressivo *-te-ita* / *-ru* e a forma verbal preparatória *-te-ata* / *-te-aru* / *-te-oku*. Assim sendo, os tempos do passado simples e não-passado funcionam como indicadores de *aspecto* perfectivo / imperfectivo do presente, bem como indicadores de *aspecto* passado / não passado, e segundo, que tempo dos progressivos indicam diferentes tipos de *aspecto*, dependendo de que classe de verbos imediatamente os precedem.

O *aspecto* presente perfeito pode ser representado pelo passado simples da forma *-ta*, sufixionada aos verbos de ação, tornando ambígua (3.55) a. com relação à interpretação aspecto-temporal:

(3.55)

- a. Boku wa, ano hon o yon-da.
Eu tm aquele livro ler pass.
- b. Eu li aquele livro (ontem).

Particularmente notável, é o fato de que referências ao presente ou não-passado, estão envolvidas numa interpretação aspectual de (3.55) a., indicando que passado simples *-ta* de verbos de ação podem representar *aspecto* presente perfeito, designando uma ação que é perfeita no momento da fala, e que *-te-inai* representa o *aspecto* presente designando uma ação que não é perfeita no momento da fala.

Predicados não estativos de qualquer tipo podem ser usados para expressar *aspecto* perfeito / imperfeito sob eles mesmos; do contrário, eles podem ser usados sozinhos para expressar *aspectos* durativos, conforme abaixo exemplificado:

(3.56)

Taroo wa, ikkagetu mae kara ie ni i-ru.
Taroo tm mês passado desde casa em está
Taro tem estado em casa desde o mês passado.

Em (3.56), *i-ru* indica um estado que dura por um certo período de tempo se estendendo de um certo ponto no passado até o presente momento. Então, o *aspecto* presente durativo pode ser refletido, sintaticamente, na forma não-passado simples combinado com predicados estado, que não pode ocorrer com progressivo *-te-i-(ru)*. No entanto, alerta para a existência de estativos que podem coocorrer com *-te-i-(ru)*, conforme mencionado no trabalho de KINDAICHI, entre outros, causando a indesejável “lista de homônimos”.

De acordo com NAKAU, a forma *-te-iru*, atada a certos verbos de ação, representa *aspecto* presente progressivo, indicando uma ação em precesso no presente momento, vejamos:

(3.57)

- a. Boku wa, (ima) tegami o kai -te -i-ru.
Eu tm (agora) carta escrever -ndo estar
Estou (agora) escrevendo uma carta.
- b. Taroo wa, Ziroo o nagut -te -i-ru.
Taroo tm Ziroo surrar -ndo estar
Taroo está surrando Jiro.

As sentenças acima possuem diferentes subclasses de verbos de ação; então, *kai-te-i-ru* / ‘ser escrito’ se refere a um único evento específico, enquanto *nagut-te-i-ru* / ‘ser

surrado' e a forma *-te-i-ru* se referem a uma série de ações repetitivas. Cada uma dessas formas verbais, designam uma ação que está ocorrendo no momento da fala.

A forma *-te-i-ru*, sufixada a outros tipos de verbos de ação, representam o *aspecto* presente resultativo, designam um estado resultante da perfeição de ações envolvidas.

Em síntese, o *aspecto* presente resultativo está envolvido na forma *-te-i-ru* de a., enquanto o progressivo está na mesma forma de b. Portanto, estas observações sugerem a existência de casos nos quais o predicado todo participa na determinação das diferentes interpretações aspectuais.

Foi mostrado que a forma tempo não-passado simples, de adjetivos estativos e adjetivos nominais, expressam *aspecto* presente durativo; porém, o *aspecto* perfectivo presente e resultativo são representados pelo tempo passado simples, forma *-ta* de adjetivos e adjetivos nominais, verbalizados pelo incoativo *-nar-u* (isto é, *utukusi-ku-nat-ta* / 'tornar-se belo'), ou pelo tempo não-passado progressivo, forma *-te-i-ru* dos mesmos adjetivos e adjetivos nominais (KUNO, 1973), ou seja:

(3.58)

Hanako wa, hatati ni nat-te, utukusi-ku-nat-ta.
Hanako tm vinte tornar-se bela passado
Hanako, que tem vinte, tornou-se bela.

Finalmente, para NAKAU (1976) *Tense aspect and Modality*, assim como HINDS (1986), o tempo passado simples de um verbo de ação pode significar *aspecto* perfectivo, admitindo apenas advérbio pontual ou de ação.

O *aspecto* imperfectivo ocorre com verbos durativos, estativos, existenciais e universais (SOGA, 1983). Segundo o autor, deveria estar evidente que *aspecto* resultativo, que vincula a ação envolvida, foi ou será perfeito até certo ponto no passado ou no futuro respectivamente.

Em resumo, podemos dizer que duas faceas estão envolvidas no *aspecto* resultativo, ou seja, a perfeição de uma ação e o resultado do estado de uma ação perfeita.

3.12 – SHIBATANI (1992) – The transitive Structure of Events in Japanese – Transitivity and Aspect.

SHIBATANI (1992) intenta mostrar a relação entre o significado dos verbos transitivos e intransitivos e os diferentes usos do afixo aspectual *-te iru* (*-site iru*) que aparece na linguagem através da relação entre o fenômeno transitivo e o significado temporal em japonês. Parte do pressuposto de que o *aspecto* diz respeito, em geral, às propriedades temporais dos eventos e situações ao passo que o tempo se refere às suas ordens referentes a outros eventos e situações. Assim sendo, o significado aspectual deriva de três fontes interdependentes:

- do significado inerente dos verbos ou predicados,
- modificações de significados pelos afixos verbais (auxiliar),
- modificações futuras baseadas nas contribuições semânticas, advérbios e outros itens lingüísticos, presentes na sentença.

Os afixos são verbos auxiliares que também funcionam como verbos independentes, sufixos de gerúndio ou formas infinitivas (*renyookei*), idênticos às formas compostas, com significado diferente do original. Assim, o verbo em construções aspectuais V1 e V2 depende do verbo auxiliar que o segue, em suas formas nominais, com *-te*, segundo KUNO (1973) e SOGA (1983), conforme o esquema morfológico aspectual proposto por SHIBATANI:

- Construções do tipo compostas.
- Formas substantivas (cabeças), interpretadas na sentença como um todo.

Tempo

Passado – *-site tokoro (bakari)-da* / ‘have just done’.

Progressivo – *-site iru tokoro -da* / ‘estar em processo de fazer’.

Não-passado futuro – *-suru tokoro (bakari) -da* / ‘be just about to do’.

- Forma volicional *-yoo + -site iru*

siyoo to site iru / ‘be about to do, be trying to do’ (+ *tokoro -da* / ‘be about to do)

site iru / *-te iru* combinam dois significados aspectuais que recebem expressões totalmente distintas em outras línguas: progressivo e estado perfeito ou resultativo, dependendo da integração do significado do afixo com a característica aspectual inerente no verbo vinculado.

- Forma de advérbios e outros elementos.

Segundo SHIBATANI (1992), o significado aspectual varia conforme as possibilidades do significado inerente ao predicado principal e qualquer afixo associado e, embora não possam ser ignoradas, a característica aspectual inerente ao predicado prova ser de difícil compreensão para lingüistas e estudantes de línguas.

Na ausência do marcador morfológico explícito e da determinação do significado das categorias inerentes em um predicado, o comportamento combinatório do predicado com afixos, advérbios e outros verbos contribui para o significado aspectual superficial.

SHIBATANI (1992) baseado na crítica de OKUDA (apud SHIBATANI, 1992), considera a mais completa da estrutura de KINDAICHI (1950), discute sobre algumas modificações na teoria deste autor, confirmando que a propriedade de um verbo ser ‘continuativo’ não é parte do seu significado lexical inerente, mas uma qualidade de esses verbos possuírem uma característica lexical inerente apresentada na sua forma *suru* / ‘nua’, bem como suas formas *-te iru*, necessitando uma interpretação mais futura ou iterativa do que presente, o que indica que eles representam mais eventos do que processos contínuos. Afirma que, na verdade, a única maneira de se produzir um significado continuativo é usar a forma *-te iru* como a própria responsável pelo significado.

Uma outra crítica diz respeito às análises lexicais equivocadas dos verbos denominados por KINDAICHI (1950) de instantâneos, tais como *hutoru* / ‘engordar’, *yaseru* / ‘emagrecer’, que têm leitura perfeita com *-te iru* e não podem, sob qualquer análise real lingüística, conduzir a significados instantâneos. A mesma coisa pode ser dita para *kuru* / ‘vir’ e *iku* / ‘ir’, que não se manifestam como instantâneos e, no entanto, são meramente tratados como instantâneos (cf. YOSHIKAWA, 1973).

SHIBATANI (1992) afirma que uma classificação com base na duração pode conduzir a uma questão sem sentido, por exemplo: se o verbo *kekkon-suru* / ‘casar-se’ representa ou não um evento instantâneo. Por outro lado, concorda com a classificação proposta por FUJII (1966) e TAKAHASHI (1969) que diferencia os verbos resultados / não-resultados, agrupados em duas categorias independentes, uma das quais apresenta um evento como a atividade empreendida por um sujeito (*aruku* / ‘caminhar’, *hasiru* / ‘correr’ e *tobu* /

‘voar’ = processos / atividades sem mudança) e, a outra, um evento com uma mudança causada no sujeito (*simu* / ‘morrer’, *yaseru* / ‘emagrecer’ e *hutoru* / ‘engordar’).

A representação lingüística de um evento real, que envolve um processo acompanhado de algum tipo de mudança, depende de quais destes dois aspectos do evento sobressai, sendo que os primeiros verbos correspondem à ‘continuativa’ de KINDDAICHI (1950) e os últimos, à ‘instantânea’. Essas classes parecem basear-se no mesmo fator de autocontrolabilidade, proposto por KUNO (1973).

Esta distinção lingüística não obscurece o fato de que os processos-atividades e mudanças são simplesmente dois lados de um fenômeno unificado de eventos, o que SHIBATANI (1992) considera natural, pois alguns verbos permitem uma interpretação perfeita ou progressiva com *-te iru*, visto que o processo-atividade e a mudança têm ao mesmo tempo significados opostos e, ainda, juntos formam uma unidade diferente das categorias ao acaso dos verbos resultados e continuativos, tratados em estudos como de YOSHIKAWA (1973). Afirma também que o defeito mais sério da teoria de KINDAICHI (1950) é a falha ao tratar uma correlação entre significado perfeito e o progressivo em *-te iru* e a transitividade do predicado vinculado.

Transitividade e o significado de *-te iru*.

KINDAICHI (1950) propôs uma correlação entre o caráter transitivo do verbo e o seu significado com *-te iru*, dividindo os verbos em pares morfológicos. Os intransitivos (*kimaru* / ‘estar - ser decidido’) receberam um significado perfeito com *-te iru* e os transitivos (*kimeru* / ‘dicionar’) significado progressivo – podendo se transformar em perfeito, pois expressam atividades e servem para interpretar accomplishment. Mesmo assim, na ausência de contexto, a leitura progressiva é mais natural e, pelo fato de permanecerem intransitivos, são incapazes de receber a mesma leitura progressiva da sua contraparte transitiva.

Embora reconheça a existência desta correlação, KINDAICHI (1950) não explica estrutura subjacente sua classificação verbal. Segundo, OKUDA (apud SHIBATANI, 1992), numa construção típica transitiva, o sujeito (agente) e o objeto de um evento são, ao mesmo tempo, a atividade de um sujeito e a origem da mudança no objeto. Já a intransitiva

correspondente possui um objeto transitivo elevado à posição de sujeito e oposto a um sujeito ativo.

A relação entre o caráter transitivo de um verbo e o significado aspectual de *-te iru* pode ser vista através do modelo lingüístico de COMRIE (1981), que sustenta a relação freqüente nas línguas entre voz passiva e *aspecto* perfeito - categoria aspectual que concorda com um estado que resulta de um evento anterior focalizando construções que sofreram uma mudança de estado, isto é, o objeto semântico (paciente) focaliza o papel do sujeito – por um lado, e entre voz ativa e o que ele chama de *aspecto* prospectivo por outro. Já o *aspecto* imperfectivo é um caso especial de significado progressivo, categoria imediata entre o *aspecto* perfeito e o prospectivo, referente à orientação de agentes que relaciona o significado progressivo com construções onde há agentes de sujeitos.

Porém, isso não responde à questão a respeito dos tipos aspectuais que deveriam ser expressos em japonês pelo mesmo afixo morfológico *-te iru*, considerada por SHIBATANI (1992) como acidente morfológico, pelo fato de que o nativo japonês é freqüentemente surpreendido dizendo que estes afixos exibem diferentes significados. A tarefa seguinte será compreender ambas as unidades e as aparentes diversidades das funções aspectuais e estes afixos.

A análise unificada do significado de *-te iru*.

Para SHIBATANI (1992), línguas como japonês deveriam dar uma expressão morfológica unificada para as categorias aspectuais perfeitas e progressivas. Assim sendo, parte da proposta de KINDAICHI (1950), lembrando que, embora as construções perfeitas em *-te iru* se refiram a um estado resultativo de um evento prévio, é possível a ocorrência de mudança de foco em certos eventos um estado resultativo de um evento prévio, havendo casos em que é impossível a ocorrência de tais eventos. Então, o estado de ‘estar aberto’ em (3.59) não deveria ter-se originado em um evento real de ‘abrir’, apesar do fato de a forma *-te iru* em questão estar vinculada ao predicado *aku* / ‘abrir’:

(3.59)

Ano mise wa nizyuuyozikan aite-iru.
aquela loja tm vinte e quatro horas abrir perf.
Aquela loja fica aberta vinte e quatro horas.

Em geral, esta é uma característica de construções estativas, como aquelas que podem ser predicados de ambos instantes ou intervalos de tempo:

(3.60)

Ano mise wa hatizi kara gozi made aite-iru.
aquela loja tm 8:00 desde 5:00 até abrir-perfeito
Aquela loja está aberta das 8:00 até as 5:00.

Nos casos em que um estado é predicado de um intervalo, VENDLER (1967) e outros sustentam que o estado também deve ser verdadeiro em cada e qualquer instante que constitui o intervalo. Assim sendo, em (3.60), qualquer instante, em particular entre 8:00 e 5:00, a loja está aberta.

Generalizando, o autor supõe que não se trata de um instante constituindo um intervalo, mas de subintervalos, contidos dentro de um intervalo, que aproximam instantes em tamanhos menores. Supõe-se também que seja verdadeiro para um dado intervalo de tempo, somente no caso de o evento ou o estado de coisas ser verdadeiro para cada subintervalo contido no intervalo. Apesar de não citar nenhum autor, SHIBATANI (1992) entende que o tempo de referência é idêntico ao tempo da fala quando o tempo é não-passado, e anterior ao tempo de fala quando o tempo é passado. E, assim, se refere a este intervalo de tempo simplesmente como *intervalo -te iru*.

A condição de verdade acima, admite que qualquer estado de coisas seja homogêneo para o intervalo *-te iru*, incluindo o próprio estado, bem como as atividades, mesmo que estas sejam igualmente verdadeiras para um intervalo de tempo no caso em que sejam verdadeiros para qualquer subintervalo dentro daquele intervalo.

Rigorosamente falando, esta observação se mantém somente para atividades homogêneas idealizadas que, segundo SHIBATANI (1992), são raras. Porém, ignora as complicações do mundo real e se limita a observar as atividades ideais.

A noção de mudança de intervalo apresentada é uma que já foi proposta nas teorias de intervalo semântico, por exemplo DOWTY (1979), que formaliza esta noção em termos de operador semântico. Entretanto, para SHIBATANI (1992), tomar a presença do operador semântico *Become* para definir a característica dos achievements e, por extensão dos accomplishments, incluindo um componente achievement no seu significado, certamente não

resolveria todas as dificuldades². No caso dos achievements envolvendo sucessivamente os altos níveis de certas propriedades, (*hutoru* / ‘engordar’ e *tukareru* / ‘ficar cansado’), pode ser difícil determinar uma única mudança de intervalo como seria para localizar uma única mudança de estado.

Porém, dificuldades aparecem na tentativa de identificar um intervalo correspondente ao componente achievement de accomplishments. Além disso, os verbos com componentes achievements em seus significados falham ao se tentar encontrar as condições de verdade, propostas por SHIBATANI (1992) para *-te iru*: que um achievement por definição não pode adiar cada subintervalo de um dado intervalo e, de fato, pode adiar no máximo um intervalo – o único intervalo *Become*. A única tentativa de manter o achievement verdadeiro por algum intervalo de tempo ou instante à exceção do intervalo *-te iru* é vincular *-te iru* a um verbo achievement. Se é anterior ou posterior ao intervalo *-te iru*, depende da existência de uma atividade associada a um achievement que seja por si capaz de receber uma interpretação progressiva com *-te iru*. Para a ocorrência de um achievement será necessário seguir um intervalo progressivo *-te iru* em que exista uma atividade que crie uma interpretação progressiva, o que dá conta de uma leitura – progressiva – de accomplishment como *hon o kaite-iru* / ‘estar escrevendo um livro’.

O achievement, segundo SHIBATANI (1992), corresponde a um livro vindo a existir, neste caso há, ainda, ocorrência de um ponto não especificado do futuro. A outra leitura dividida com os *pure achievements* de RYLE (1949) (‘tinha escrito’ / ‘escrevera um livro’) é a accomplishments que só podem ser interpretados por meio da ocorrência de achievements antes do intervalo *-te iru* - isto é, a perfeita - pois não se associam a qualquer atividade com interpretação progressiva. É o caso de verbos intransitivos com a forma *-te iru* espontânea, como *densen ga kirete-iru* / ‘as linhas telefônicas estão (têm estado) cortadas’. Na ausência de qualquer possibilidade do intervalo *-te iru*, admite-se um intervalo progressivo. Este, ao contrário, representa um intervalo estativo resultando de um evento-achievement.

² DOWTY (1979) para o tratamento de mudança com predicados vagos como *cool* (aplicável também a *gordo* e *cansado*) em que a vagueza é sucessivamente resolvida direcionando e definindo a propriedade em questão.

De acordo com SHIBATANI (1992), para se obter uma interpretação perfeita em *-te iru* é necessário a ocorrência de alguma mudança na entidade sujeito. Esta exigência parece ser confirmada pela diferente interpretação associada com a forma *-te iru* de um verbo transitivo e intransitivo. Os últimos designam uma entidade submetendo-se a uma mudança de foco no papel do sujeito e são mais propensos a interpretações perfeitas com *-te iru* do que as expressões transitivas correspondentes. Por outro lado, mudanças em alguns atributos ou propriedades do sujeito podem ser a forma mais saliente de mudança, mas não a única, capaz de motivar uma interpretação perfeita em *-te iru*. O exemplo seguinte, com *-te iru* perfeito, não exige mudança em atributo ou propriedade do sujeito envolvida:

(3.61)

Hon o yomihazimeta to omottara moo yonde-iru
 Livro ac ler começar-pass quot pensar-cond já ler-perf
 Você acha que ele já começou a ler um livro e ele já (terminou) o leu.

Em (3.61), o advérbio *moo* / 'já' reforça a interpretação perfeita mas essa interpretação é igualmente possível sem esse advérbio. Os verbos *hajimaru* / 'começar' e *owaru* / 'acabar', podem ser usados de modo independente ou como auxiliares aspectuais com outros verbos, mas em todo caso eles requerem uma interpretação perfeita com *-te iru*:

(3.62)

- a. Kare wa sigoto o owatte-iru.
 ele tm trabalho ac terminar-res.
 Ele termina / terminou seu trabalho.
- b. Ano hon wa yomi-owatte-iru
 aquele livro tm ler-terminar-res.
 Você termina / terminou de ler aquele livro.

(3.63)

- a. Kare wa sigoto o (moo) hazimete-iru.
 ele tm trabalho ac já começar-res.
 Ele (já) começa / começou a ler aquele livro.
- b. Ano hon wa (moo) yomi-hazimete-iru
 aquele livro tm já ler-começar-res.
 Você (já) começa / começou a ler aquele livro.

Para SHIBATANI (1992), o principal elemento que distingue uma interpretação perfeita de uma progressiva é a possibilidade de uma atividade ou evento

expresso ser vista como qualidade homogênea, e portanto, se estendendo sobre o intervalo *-te iru*, ou de sua ocorrência, como entidade mínima codeterminando um único intervalo ou instante de tempo, incapaz de ser estendido daquele modo.

Existe uma tendência de encaixar atividades dentro de unidades mínimas com um começo e um fim, conduzindo aos accomplishments, refletida no fato de que atividades (*asobu* / ‘brincar’, *hashiru* / ‘correr’, *yomu* / ‘ler’,...) recebem mais interpretações de tempo futuro do que presente em sua forma de citação não-passado, assemelhando-se mais aos achievements do que estados.

Os dois significados aspectuais de *-te iru* - perfeito e progressivo – pode-se dizer que surgem da interação da do afixo *-te iru* com predicados compatíveis ou incompatíveis com esta qualidade. Os últimos - accomplishments e achievements de VENDLER (1967) e verbos instantâneos de KINDAICHI (1955) - expressam eventos que conseqüentemente indicados por uma posição temporal fora do intervalo de tempo associado com *-te iru*, originando, no caso de *puro achievements*, uma leitura perfeita. Isso se deve ao fato de *-te iru* não vincular verbos estativos que possuem a mesma qualidade homogênea como apresentada em *-te iru*.

Assim sendo, SHIBATANI (1992) afirma que a resposta para a questão inicial é que não há necessidade de dar uma característica homogênea a um predicado que já tem esta característica. Verbos estativos são diferentes dos atividades quanto a capacidade de entrar em uma oposição de significados homogêneos vs. não-homogêneos, manifestados pela presença ou ausência de *-te iru*, uma oposição impossível com verbos estativos.

Verbos Intransitivos que permitem leituras progressivas *-te iru*.

Cada um dos pares de sentenças seguintes ilustram um verbo morfologicamente intransitivo, capaz de interpretação perfeita, como em a., ou progressiva, ilustrado b.:

(3.64)

a. Syorui ga zinzika ni mawatte-iru rasii
documentos nom pessoal-divisão loc ir-em volta-perf. parecer
Os documentos parecem ter ido (em volta) para a divisão do pessoal.

b. Karada o atatameru tame ni hi no soba de guruguru mawatte-iru.
Corpo ac quente propósito dat fogo gen perto loc dar voltas ao redor-prog
(Ele) está dando voltas ao redor do fogo para se esquentar.

(3.65)

a. Kaseki ni wa kodai no nazo ga kakurete-iru
fossil loc tm antiguidade gen mistério nom esconder-perf
Mistérios da antiguidade estão escondidos em fósseis.

b. Kodomotati wa yabu no naka ni / de kakurete-iru
crianças tm mata gen dentro loc / loc esconder-prog
As crianças estão escondidas na mata.

(3.66)

a. Zimen ni garuhu booru ga korogatte-iru.
chão loc golfe bola nom rolar-perf
A bola de golfe está parada no chão (depois de rolar)

b. Kodomo ga tanosioo ni sibahu no ue o attikotti korogatte-iru
crianças nom felizmente loc grama gen sob ac aqui-ali rolar-prog-pass.
As crianças estão rolando aqui e ali alegremente sob a grama.

Os exemplos anteriores contrastam com verbos morfologicamente intransitivos, tais como os em (3.67), incapazes de interpretações progressivas como os exemplos b., acima.

(3.67)

a. Oni ga kimatte-iru.
isto nom be-decidir-perf
Foi decidido de quem é isto.

b. Doa ga aite-iru
porta nom abrir-perf
A porta está aberta.

c. Denki ga tuite-iru
luz nom acender-perf
As luzes estão acesas.

Existe uma grande diferença entre os verbos transitivos em (3.67) a., e. e c. Os da primeira categoria é capaz de atrair sujeitos intencionais, enquanto os da última categoria não. Isso sugere que a presença de intencionalidade, mais do que de transitividade, é uma condição necessária para se obter significados no progressivo. Em termos de uma análise transitiva intencional, a possibilidade de leitura progressiva nos itens b., de (3.64) a (3.66) ocorre devido ao fato de que o sujeito funcionar com duplo papel semântico, de agente e

objeto, concedendo a estas sentenças o caráter reflexivo, enquanto o sujeito das construções dos itens a., de (3.64) a (3.66, bem como (3.67) funcionam com um papel semântico singular de objeto. Além disso, diz SHIBATANI (1992), a condição intransitiva intencional é semelhante à grande variedade de construções transitivas e, para estender a análise da habilidade de ambas construções, aceitando o significado progressivo com *-te iru*, podemos contar com fato de que os intransitivos intencionais são reflexivos - e portanto transitivos - no significado da sua estrutura subjacente. Sua própria transitividade explícita, manifestada no objeto locativo acusativo, é morfologicamente possível com certos verbos intransitivos intencionais tais como os itens b., de (3.65) e (3.66).

Considerados em termos puramente aspectuais, o papel de agente presente nas construções intransitivas intencionais cede a estas o caráter de uma atividade que pode se estendida homoganeamente sobre o intervalo *-te iru* originando, um significado progressivo. Os transitivos não-intencionais espontâneos, por contraste, tem um objeto em posição de um sujeito que só pode ser interpretado passando por uma mudança em um único instante ou intervalo de tempo, necessitando de uma interpretação perfeita com *-te iru*.

Mas esta interpretação deveria ser também teoricamente possível em construções intransitivas intencionais como tal, considerando que os sujeitos, naqueles casos, combinam com o papel semântico de agente e objeto. Na verdade, este é o único caso em que ambas as interpretações, progressiva e perfeita, são possíveis. Nos seguintes exemplos, ambas as sentenças (4.10) e (4.11). itens a. e b., são construções intransitivas intencionais, com os itens a. recebendo interpretação perfeita em b., progressiva:

(3.68)

a. Haitatuya wa uraguti e mawatte-iru rasii.
entregador tm entrada dos fundos loc ir-por-perf parecer
O entregador parece ter ido pela entrada dos fundos.

b. Karada o atatameru tame ni hi no soba de guruguru mawattw-iru
corpo ac aquecer propósito dat fogo gen perto loc dando voltas prog
(Ele) está girando ao redor da fogueira para se esquentar.

(3.69)

a. Tozanbu no menbaa wa Huzisan ni nobotte-iru.
Clube de montanhismo gen membros tm Mt-Fuji loc escalar-perf
Os membros do clube de montanhismo estão sobre (tem subido) Mt. Fuji.

- b. Taroo wa yama o nobotte-iru uti ni pikkeru o otosite-simatta.
 Taroo tm montanha ac escalar-prog enquanto temp picareta ac cair-completamente-pass.
 Taroo soltou sua picareta enquanto ele estava escalando a montanha.

A possibilidade de interpretação perfeita ou progressiva em construções intransitivas intencionais também é ilustrada pela qualidade de ambivalência em construções envolvendo verbos como *kakureru* / ‘esconder-se’, *tatu* / ‘ficar de pé’ e *neru* / ‘dormir’. Quando estes verbos levam sujeitos intencionais, é possível ver qualquer das situação expressa pela forma *-te iru* como uma atividade sustentada por um agente volitivo ou um como estado que resulta de um ato prévio de se esconder, ficar de pé ou ir dormir. Esta possível ambivalência é refletida em qualquer um dos dois marcadores locativos, *ni* indicando localização de um estado ou *de* de uma atividade.

(3.70)

- a. Kodomotati wa yabu no naka ni / de kakurete-iru
 crianças tm mata gen dentro loc / loc esconder-se-prog. / perf.
 As crianças estão se escondendo / tem se escondido na mata.
- b. Asoko ni / de tatte-iru hito wa dare desu ka.
 lá loc / loc de pé-prog. / perf. pessoa tm quem cop Q
 Quem é aquela pessoa que está parada lá de pé?
- c. Akatian wa nikai ni / de nete-iru.
 neném tm segundo andar loc / loc dormir-prog. / perf.
 O neném tinha adormecido / está dormindo no segundo andar.

O comportamento de intransitivos intencionais contém objetos reflexivos explícitos, tais como partes do corpo e roupas. Em tais construções o sujeito é duplo: o agente de uma atividade e o próprio objeto de mudança.

Como visto em (3.70) a., b., e c., que exibem a mesma possibilidade de ambas interpretações com *-te iru*.

(3.71)

- a. Kodomo wa tonari no heya de huku o kite-iru
 crianças tm ao lado gen quarto loc roupas ac colocar-prog.
 As crianças estão colocando as suas roupas no quarto ao lado.
- b. Yoohuku o kite-iru ano hito wa dare desu ka.
 terno ac colocar-perf. aquela pessoa tm quem cop Q
 Quem é aquela pessoa que está usando um terno?

(3.72)

a. Kendoobu no gakusei wa tadaima men o kabutte-iru (tokoro-da).
Clube de esgrima gen estudantes tm agora máscara ac colocar-prog.
Os estudantes do clube de esgrima estão colocando suas máscaras agora.

b. Taroo wa ano boosi o kabutte-iru to otoosan ni sokkuri da
Taroo tm aquele chapéu ac colocar-perf. cond pai dat parecer-se cop.
Taroo se parece exatamente como seu pai quando usa aquele chapéu.

(3.73)

Obaasan wa kosi o kagamete-iru
Senhora idosa tm quadril ac curvar-prog. / perf.
Aquele velha senhora está curvando seu quadril / tem curvado.

Este paralelo é uma consequência natural, bem como uma futura confirmação, da análise relexiva das construções intransitivas intencionais propostas. Um enigma, contudo, permanece. É o fato de certos intransitivos intencionais serem semanticamente resistentes, e talvez não rejeitem por total as interpretações perfeitas com *-te iru*. Estas incluem verbos como *aruku* / ‘caminhar’, *asobu* / ‘brincar’, *hasiru* / ‘correr’, *oyogu* / ‘nadar’ e *tobu* / ‘voar’, ilustrados nas sentenças abaixo:

(3.74)

a. Kodomo wa niwa de (*ni) asonde-iru.
criança tm jardim loc (loc) brincar-prog. (*perf.)
As crianças estão brincando (*têm brincado) no jardim.

b. Suieibu no gakusei wa puuru de (*ni) oyoide-iru.
Clube de natação gen estudantes tm piscina loc (loc) nadar-prog. (*perf.)
Os estudantes do clube estão nadando (*têm nadado) na piscina.

Como em muitas construções atividades, não é possível forçar uma interpretação perfeita sob estas construções, mas para se fazer isso, é necessário a presença explícita de um advérbio como *moo* / ‘já’ ou outro marcador contextual.

(3.75)

Kyoo wa asahayaku moo oyoide-iru no-de suieibu no rensyuu wa yasumasete- moritai soo-da
hoje tm de manhã cedo já nadar-perf. então clube de natação gen prática tm descansar-caus-receber-querer
rep.
Ele disse que já tinha nadado cedo nesta manhã, então ele gostaria de ser relevado da prática de piscina.

Segundo SHIBATANI (1992), nos verbos desta categoria faltam modelos morfológicos tipicamente transitivos. É fato que eles fazem referência específica a uma forma particular de atividade realizada pelo agente – por exemplo, um movimento alternado de pernas e então ambos os pés não vão ao chão em qualquer tempo de caminhar. Eles têm uma característica intencional particularmente forte, sendo similares aos verbos transitivos tipo *naguru* / ‘golpear’, *utu* / ‘atirar’, que também fse referem a uma forma particular de atividade e, incidentalmente, necessita de modelos intransitivos, por exemplo o verbo *aruku* / ‘caminhar’, classe carente de modelos transitivos.

Mesmo assim, as análises reflexivas levam o autor a tratar o sujeito daquele tipo de verbo, combinando o papel semântico de agente e objeto tal como qualquer predicado intencional. A presença de um objeto semântico acarreta que mudanças de algum tipo deveriam também ser apresentadas nos significados expressos por estes verbos. Na verdade, existe uma mudança física imperceptível no sujeito que acompanha as ações expressas pelos verbos tipo *aruku* / ‘caminhar’. Neste caso, a mudança em questão é contínua na localização física do sujeito, embora nenhuma mudança única associada à chegada de uma localidade especial seja concluída.

Segundo o autor, existe uma afinidade semântica entre a mudança repetida e um significado progressivo, lembrando que até as construções intransitivas não-intencionais partem de seus significados perfeitos normais com *-te iru*, mudando de uma leitura iterativa para progressiva, em certos contextos, envolvendo sujeitos plurais ou advérbios iterativos:

(3.76)

a. Saikin yuumei na hito ga tugitugi ni sinde-iru
recentemente famosas pessoas nom umas-após-outras morrer-iter.
Recentemente pessoas famosas têm morrido umas após as outras.

b. Zyaguti kara mizu ga potopoto to otite-iru
torneira abl água nom gota a gota cair-iter
A água da torneira está pingando gota a gota.

O significado iterativo pode ser visto como um estágio intermediário entre uma única ocorrência de uma mudança de eventos e a qualidade homogênea contínua de verdadeiros estados e atividades. Isto sustenta a característica do primeiro, mas tem uma

característica plural que, quando infinitamente estendida, se aproxima da densidade do último. Não está claro onde exatamente ocorre o corte entre o significado iterativo e o progressivo, mas o modo pode ser observado ao longo do período. O item b. acima constitui um significado iterativo em que a água é vista como uma coleção de unidades contáveis, diferente de a., abaixo, em que a mesma é vista como uma massa:

(3.77)

- a. Ame ga potupotu / zaazaa hutte-iru.
chuva nom em gotas torrencialmente cair-prog (iter?)
Está garoando / chovendo torrencialmente.
- b. Sunda mizu ga tanaima o sizuka ni nagarete-iru.
clara água nom vale ac calmamente fluir-prog.
A água clara está fluindo calmamente pelo vale.

(3.77) b., é ainda mais distinta de um significado progressivo do tipo visto em construções intencionais nas quais o sujeito é constantemente trocado. O mais próximo do sujeito de uma mudança iterada é visto como uma entidade integrada, mais próxima do significado progressivo intencional:

(3.78)

- a. Beru ga natte-iru.
campainha nom tocar-prog.
A campainha está tocando.
- b. Kaze ga huite-iru.
vento nom soprar-prog.
O vento está soprando.
- c. Kodomo ga niwa de asonde-iru.
criança nom jardim loc brincar-prog
As crianças estão brincando no jardim.

A primeira série de mudanças iteradas, localizada em um sujeito imutável, é mais do que um pequeno degrau com séries de duas mudanças para um poder inerente no sujeito e outro pequeno degrau para conceitualizar uma série de mudanças como um exemplo de propriedade de atividade intencional.

Conclusão

Considerando a sugestão de certas similaridades fundamentais nas classificações verbal de KINDAICHI (1950) e VENDLER (1967), foi proposto que há um grupo de três categorias básicas aspectuais dos predicados em inglês e japonês - estados, atividades e uma terceira categoria de predicados que incluem uma mudança de estado que compõe seu significado. Esta mudança, que define a terceira categoria, consiste de um único intervalo vinculado pela ausência de um dado estado e, pela ausência daquele estado, contrariando a exigência de KINDAICHI (1950) de que a ocorrência instantânea é a característica definidora desta categoria.

As atividades se conformam com o caráter homogêneo de *-te iru* e, portanto, podem ser vista como a extensão sobre o intervalo de *-te iru*, para produzir um significado progressivo. A unidade do intervalo da mudança em predicados da terceira categoria, por contraste, entra em conflito com o caráter homogêneo do *-te iru* e, quando atados em predicados que expressam tais significados, o intervalo de mudança de predicados em predicados da terceira categoria, por contraste, entra em conflito com o caráter homogêneo do *-te iru* e, quando vinculados a predicados que expressam tais significados, o intervalo de mudança pode também ocorrer antes ou depois do intervalo *-te iru*. No caso de predicados de mudança de estado, que incluem uma atividade componente em seu significado e correspondem ao accomplishment de VENDLER (1967), a mudança de intervalo pode ocorrer depois do intervalo *-te iru*, com uma interpretação progressiva associada a este mesmo intervalo.

Predicados de mudança de estado, os *puro achievements* de RYLE (1949), necessitam da possibilidade de uma leitura progressiva da atividade, pois a mudança pode ocorrer antes do intervalo *-te iru* produzindo uma interpretação perfeita. E, finalmente, devido a sua homogeneidade inerente, os predicados estativos não admitem *-te iru*.

Em caso de verbos participantes das opções morfológicas transitivas e intransitivas, o sujeito do verbo intransitivo e o objeto acusativo de sua contraparte transitiva são mutuamente identificáveis: ambos desempenham o papel do objeto semântico. É uma entidade que primeiramente passa por uma mudança de estado e sua presença deveria ser

relacionada a uma interpretação perfeita em *-te iru* em uma posição transitiva. Contudo, como é um verbo transitivo que distribui seu objeto semântico no papel focal de sujeito, o elemento de mudança está mais propenso ao significado intransitivo. Estes, como resultado típico, designam uma interpretação perfeita com *-te iru*, particularmente em construções intransitivas espontâneas em que o sujeito funciona exclusivamente no papel de objeto semântico. Por um lado, o elemento transitivo de um par morfológico distribui ao objeto semântico um papel sintaticamente desfocalizado de objeto acusativo, com um agente ocupando um outro papel que não o de sujeito focalizado.

Por conseqüência, a atividade do agente é mais proeminente em construções transitivas, e existe uma forte tendência para designar uma interpretação progressiva para cada construção correspondente. Mesmo assim, não há mais necessidade de designar um fim ou um começo para uma atividade, atribuindo uma interpretação accomplishment, começando com uma mudança facilitada pela presença de mudança no objeto semântico. O significado perfeito, então, se adequa freqüentemente a construções transitivas e pode mesmo ser requerido na construção transitiva, representando um significado de mudança de estado inerente, tal como no caso dos verbos que expressam a inepção ou o completamento de uma atividade.

Significados progressivos também ocorrem em construções intransitivas quando o sujeito é uma entidade intencional funcionando em duplo papel de agente e objeto semântico. A afinidade aspectual exibida pelas construções intransitivas intencionais em construções transitivas superficiais podem ser atribuídas ao fato de que um significado transitivo de estrutura subjacente está presente em ambos casos, com a diferença de que o duplo papel transitivo do agente e objeto semântico são manifestados em uma entidade superficial no primeiro caso, e em duas entidades superficiais distintas no último caso. A possibilidade de o sujeito de uma construção intencional intransitiva ser também uma entidade de atividade ou uma entidade sofrendo uma mudança resultando daquelas atividades, deixa teoricamente possível que tais construções, recebam também leitura progressiva ou perfeita em *-te iru*. Enquanto os exemplos das tais duplas interpretações podem ser encontrados em verbos intransitivos intencionais, na prática tendem a ser associados também com uma única mudança convencionalizada no sujeito (isto é, como um predicado de locomoção tipo *iku* /

'ir', *kuru* / 'vir', *kaeru* / 'voltar', *hairu* / 'entrar', etc..., enquanto em japonês destacar uma única mudança acompanhando a chegada a um local em particular) ou com uma mudança iterada no sujeito (ou seja, com um predicado atividade tipo *aruku* / 'caminhar', *asobu* / 'brincar', *oyogu* / 'nadar', etc.). Existe então uma clara preferência de *-te iru* ser interpretado como perfeito nos primeiros verbos e progressivo nos últimos. A afinidade próxima de iterativo para significado progressivo pode ser vista também em construções intransitivas espontâneas, que recebem uma interpretação parecida com progressivo quando o sujeito é visto perpassar uma mudança iterada.

EM SÍNTESE...

É antiga a controvérsia na lingüística japonesa, a respeito das formas *-ru* e *-ta* serem marcadores de tempo ou de *aspecto*.

Numerosos estudos sobre o *aspecto* conduzidos dentro da estrutura de KINDAICHI (1950, 1955) surgiram após o aparecimento do seu trabalho original. Este estudo ofereceu outros tipos de análises para outros afixos, mas todos aceitaram em maior ou menor extensão a posição fundamental daquele autor - sobre a duração do tempo de um evento, expressos na terminologia *continuativo* e *instantâneo* ser o primeiro fator lexical determinante do significado aspectual *te iru* - concordando com esta categorização refinada, baseada nos modelos de coocorrência com advérbios temporal de vários tipos.

FUJII (1966), por exemplo, distingue os verbos durativos dos não-durativos, percorrendo as categorias de KINDAICHI, relacionando a habilidade da forma *te iru* de um verbo coocorrer com advérbios como *nagai ainda* / 'por um longo tempo', bem como a escolha de uma categoria diferente, como as construções perfeitas, que coocorrem com advérbios como *ima made ni* / 'de agora em diante', *izen* / 'no passado' e *sono toki* / 'a tempo', e não com advérbio *genzai* / 'no presente'.

Uma das modificações na estrutura de KINDAICHI (1950), proposta por FUJII (1966), foi a introdução de dicotomia de verbos resultativos / não-resultativos. Transpassando as categorias continuativa e instantânea. Com base na proposta de estrutura de KINDAICHI, retomada em TAKAHASHI (1969), percebe-se que a distinção proposta por KINDAICHI não explica, de modo convincente, as diferenças nas leituras aspectuais progressivas / perfeitas associadas a *te iru*. Assim, FUJII e TAKAHASHI propuseram quatro classes perpassando pelas duas dicotomias: resultados / não resultados e continuativos / instantâneas.

YOSHIKAWA (1973), apesar de aceitar a distinção resultado / não-resultado, argumenta que o significado característico relevante dos primeiros, responsável pela interpretação perfeita com *te iru* é, a característica de instantaneidade, como originalmente proposto por KINDAICHI. Assim, os verbos resultados nem sempre podem representar um

evento instantâneo em seu mundo real, mas lingüisticamente, em algum ponto funcionam como uma linha limítrofe entre um estado prévio e uma mudança de estado subsequente.

Para MILLER (1975), a distinção básica em japonês é mais aspectual do que temporal.

Esta posição foi contrargumentada por SOGA (1983), em toda discussão sobre tempo, *-ru* não-passado, e *-ta* passado. SOGA, com base em KINDAICHI, tem como critério de distinção a dicotomia básica entre verbos estativos / não-estativos, por sua vez, subcategorizados em verbos pontuais e durativos, codeterminantes com as categorias instantâneas / continuativas de KINDAICHI. Seu critério de distinção destas duas últimas classes verbais é idêntico ao de KINDAICHI – ou seja, o significado é levado pelo verbo quando vinculado a *te iru*, indicando, também, o fato da ocorrência adverbial que sustenta sua análise pontual / durativa. Os verbos típicos da classe pontual coocorrem com advérbios como *sono syunkan ni* / ‘naquele instante’, e verbos típicos da classe durativa coocorrem com advérbios como *sanzikan* / ‘por três horas’, mas não vice-versa.

NAKAU (1976), sustenta três tipos verbais diferentes: os verbos de ação, os de estado (adjetivos, adjetivos-nominais e cópula), e os estativos que apresentam um único comportamento sintático e semântico, porque ocorrem na forma progressiva *te iru* indicando uma atividade presente ocorrendo.

HINDS (1986) concorda com BRANNEN (1979), a respeito do japonês não apresentar nenhum tempo perfeito para indicar um evento prévio na linha da história. Assim, torna-se importante o uso de um advérbio e tempo passado para indicar o que deveria ser designado com o mais-que-perfeito em inglês. O mesmo é válido para o futuro perfeito, designado por advérbios.

De acordo com alguns autores o japonês não apresenta a categoria de *aspecto*, visto que não há esquema gramatical pelo qual a ação vista em sua totalidade é sistematicamente distinta de uma vista de outro modo. O passado em japonês é, muitas vezes, considerado equivalente ao perfectivo, pois representa uma ação ou evento em sua totalidade, o que não significa que sua contraparte não-passado não possa também fazer essa referência, como por exemplo:

Amanhã eu lerei aquela novela.
Asita watakusi wa sono syoosetu o yomu.
Zavtra ja proitaju etot roman (perfectivo).
Zavtra ja budu citat'et roman (imperfectivo).

Além disso, de acordo com alguns autores, é impróprio igualar as partículas *-ta* e *-ru* aos marcadores perfectivo e imperfectivo, respectivamente, pois ambas partículas podem ou não se referirem a uma ação ou evento em sua totalidade.

Nos estudos comparativos abordados, percebemos que tanto em inglês quanto em japonês, a forma progressiva expressa somente uma parte de uma ação ou evento a ser completo, o qual se deve considerar relativo à imperfectividade (verbo de ação + *te iru*). A correlação sistemática observada anteriormente em estudos aspectuais do japonês, entre a transitividade de um predicado e o significado que dele resulta, esta vinculada ao afixo *te iru*.

Esta forma manifesta situações durativas em que seus pontos exatos, iniciais e finais, são irrelevantes. Em inglês, as formas perfeitas (*have + V-ed*) são associadas ora com tempo ora com *aspecto*. Contudo, noções como presente perfeito e passado perfeito sugerem que pelo menos a categoria básica tempo deve ser separado do conceito de perfeito, que indica um estado.

CAPÍTULO 4

EM BUSCA DE UMA TEORIA UNIVERSAL.

4.1- GODOI (1992) – Aspectos do aspecto.

Antes de tratarmos das definições propostas por GODOI, lembramos que, após constatarmos que a proposta de VENDLER (1967) apresenta alguns problemas, a tendência é imaginar que tal classificação não é válida. No entanto, vários autores, entre eles DOWTY (1979), MATEUS (1983) e também alguns autores japoneses, ao incluírem os conceitos de *mudança / não-mudança* da situação em suas definições, apresentam igualmente quatro possibilidades de classificação.

GEUNTHNER, HOPELMAN & ROHER (apud GODOI, 1992), baseados na proposta de AQVIST (1977), admitem um processo de mudança gradual (*gradual becoming / becoming more and more*), ao invés do conceito de mudança de estado (*change-of-state*), com o operador *Become*, proposto por DOWTY (1979), conforme notação modificada por GODOI (1992 : 163):

Accomplishment: $\Delta \phi \rightarrow \phi$

i. e., o desenvolvimento gradual (indicado por $\Delta \phi$, onde Δ é o operador de mudanças) resulta em um estado ϕ)

Estado: $\phi \rightarrow \phi$

ou seja, ϕ se mantém constantemente sobre um período de tempo.

Atividade: $\Delta \phi \rightarrow \Delta \phi$

i. e., uma mudança em andamento permanece como uma mudança em andamento através do período de tempo em questão.

Achievement: $\neg \phi \rightarrow \phi$.

Conforme GUENTHNER, HOPELMAN & ROHRER (apud GODOI, 1992), achievements são verbos que apresentam uma mudança instantânea, um rápido vir a ser de um estado, apresentando uma mudança instantânea. Entretanto, há problemas (o *paradoxo do imperfectivo*) que não se resolvem nem mesmo com a inclusão do conceito de mudança gradual.

Outra questão se refere à obscuridade quanto ao tratamento das classes aspectuais ora como classes verbais, ora como sintagmas verbais, e ainda quanto à classificação desses verbos (SV) como atemporais, fato que advém de ARISTÓTELES e se mantém através dos tempos, conforme as fórmulas a pouco mencionadas.

Partindo destes pressupostos, GODOI (1992) afirma ser impossível desenvolver um trabalho utilizando apenas listas de classes aspectuais (verbos no infinitivo), o que acarreta um *círculo vicioso*, visto que as classes aspectuais se referem a situações que necessariamente se localizam no tempo. Assim sendo, os accomplishments apresentam *mudança gradual* resultando em estados somente quando o tempo do evento for anterior ao tempo de fala (nos termos de REICHENBACH), localizando uma situação no passado (isto é, $TE \subset TF$), do contrário, não se pode reduzir a transição para ϕ (um estado). Se a transição não se confirma no passado, não se pode continuar apresentando uma mudança gradual ($\Delta \phi$), caracterizando uma atividade (GODOI, 1992 : 165).

(4.1)

a. Agatha crossed the street. – Accomplishment.

Agatha atravessou a rua.

b. Agatha crosses the street. – Atividade.

Agatha atravessa a rua.

c. Agatha was crossing the street. – Atividade.

Agatha estava atravessando. / atravessava a rua.

Alguns lingüistas anglo-americanos pressupõem sentenças atemporais, considerando tempos (passado, presente e futuro) como operadores, acarretando a utilização de exemplos apenas no passado simples.

Por um lado uma semântica temporal considerada mais *direta*, com sentenças é válida, pois desenvolve os processos e mantém os estados, resultando serem verdadeiras para os intervalos de um evento. Por outro lado, existirão sentenças que não poderão ser classificadas em nenhuma das categorias. Além disso, este tipo de classificação pode apresentar o seguinte tipo de problema (Idem, ibidem : 165):

(4.2)

João *chegar* quando Maria *partir*.

Esta sentença deveria ter dois verbos achievements, considerando que esses tipos de verbos indicam uma mudança de estado. Porém, para esta sentença atemporal, pode-se considerar pelo menos quatro possibilidades temporais (Idem, ibidem : 168):

(4.3)

- a. João *chegou* quando Maria *partiu*.
- b. João *chegou* quando Maria *partia*.
- c. João *chegava* quando Maria *partia*.
- d. João *chegava* quando Maria *partiu*.

A dificuldade está em se saber se há possibilidade de considerar estas formas como achievements. Além disso, de acordo com a autora, só há possibilidade de se considerar uma mudança para ϕ após sua conclusão, por exemplo, uma sentença no pretérito perfeito da língua portuguesa.

De acordo com GODOI (1992):

A semântica de formas verbais do tipo do pretérito perfeito depende de uma determinada relação entre o TE (tempo de evento) e TR (tempo de referência). Assim teremos:

Accomplishment: $|P| (H' \Delta \phi \rightarrow \phi)$,

onde P é o operador do tempo passado e

H' é o operador "para algum intervalo até agora" (sendo, portanto, necessário precisar a relação TE / TR)

Se não houver este tipo de flexão verbal (tempo pretérito perfeito), os prefixos, adjuntos adverbiais, entre outros, serão classificados como recurso representantes da relação TE / TR. Além disso, vale a pena lembrar que GODOI utiliza a mesma notação para accomplishments e achievements, assim: *Achievement*: $P (H' \neg \phi \rightarrow \phi)$.

Ao se deparar com a questão da ambigüidade de um SV, por exemplo, *desenhar um círculo*, normalmente classificado como um accomplishment, mas considerando a observação pode ser também um achievement, GODOI (1992) lembra que, com relação ao *paradoxo do imperfectivo* (DOWTY, 1979), a diferença entre accomplishments e atividades

está relacionada com a diferença entre expressões *limitadas / télicas* (bounded) e ilimitadas / atélicas (*unbounded*).

Esta conclusão, semelhante à de DECLERCK (1986 b), analisa os testes vendlerianos acrescidos de advérbios (*in an hour* / ‘em uma hora’) compatíveis com sentenças *limitadas* e (*for hours* / ‘durante horas’) *ilimitadas*, conclui que a afirmação de DOWTY (1977) - SV do tipo *draw a circle* (accomplishments) - é insubstancial, aplicável somente a sentenças (situações) e este tipo de SV é ambíguo para situações limitadas / ilimitadas conforme os exemplos (GODOI, 1992 : 168):

(4.4)

- a. John drank a glass of whisky (in an hour). - bounded
João tomou? / *tomava um copo de whisky (numa hora).
- b. John drank whisky (for hours). - unbounded
João tomou / tomava whisky (durante horas).
- c. John drew a circle on the floor (in an hour). - bounded
João desenhou / *desenhava um círculo no chão (numa hora).
- d. (For hours) little girls drew a circle on the floor. - unbounded
(Durante horas) as meninas desenharam / desenhavam um círculo no chão.

DECLERCK, baseado em VERKUYL (1972), adota os termos *durativo / não-durativo*, sustentando que o *aspecto* de uma sentença depende do verbo, dos constituintes nominais predicativos e do próprio sujeito.

Assim sendo, para se determinarem as classes aspectuais, é necessário partir dos TF, TE e TR de uma situação, condição imprescindível nos casos de accomplishments e achievements. Do contrário (verbos, SV ou sentenças atemporais), surgirão as famosas ambigüidades. As atividades (com mudança gradual) e os estados (estabilidade) toleram a relação TF / TE / TR, independentemente, para as classes aspectuais, de referir-se a relação ao passado (TE, TR \subset TF) ou ao presente (TF, TE, TR), bem como a relação TE / TR, mas interferem na determinação da sentença.

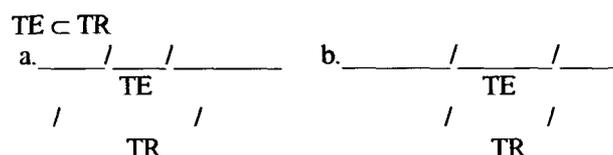
Como pudemos perceber, em sua proposta GODOI recupera as noções de tempo de referência (TR) e evento (TE) de REICHENBACH - e com isso determina os *aspectos* perfectivos e imperfectivos - além da classe aspectual, do intervalo de tempo e da

propriedade dos *end-points* de um evento (Ep inicial e final), tratada primeiramente por HATAV (1989), os quais, assim como outros conceitos, serão agora redefinidos pelo modelo teórico de GODOI.

4.1.1 - DEFINIÇÃO DO ASPECTO.

De acordo com GODOI (1992 : 208), *aspecto é relação estabelecida entre o tempo de evento e o tempo de referência*, o que possibilita duas categorias aspectuais:

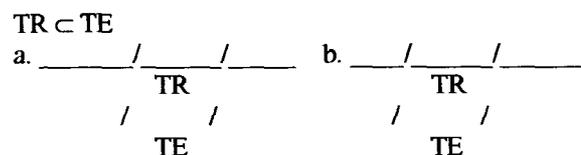
PERFECTIVA – em que o tempo de referência inclui o tempo de evento, apresentando situação com pontas (fechadas). A relação estabelecida entre TE e TR é representada pelos esquemas a seguir:



TE \subset TR = inclusão própria

TE \subseteq TR = inclusão imprópria

IMPERFECTIVA – em que o tempo de evento inclui o tempo de referência e a situação não terá *pontas* (abertas). A relações entre TE e TR é representada pelos esquemas a seguir:



TR \subset TE = inclusão própria

TR \subseteq TE = inclusão imprópria

Com exceção da situação de inclusão própria do *aspecto* imperfectivo, ou seja TR \subset TE, que terá os EP abertos, as outras três situações terão os EP fechados. Assim, todas as categorias aspectuais podem apresentar o *aspecto* perfectivo, sendo que “a consequente ausências de EP só é possível para os estados e atividades devido à propriedade de

distributividade" (Idem, ibidem : 209-10), ou seja, somente estados e atividades apresentam o *aspecto* imperfectivo.

Diferente dos estados e atividades, os accomplishments e achievements, serão necessariamente pretérito perfectivo, pois ocorrem restritamente no passado conforme o exemplo de GODOI (1992 : 210):

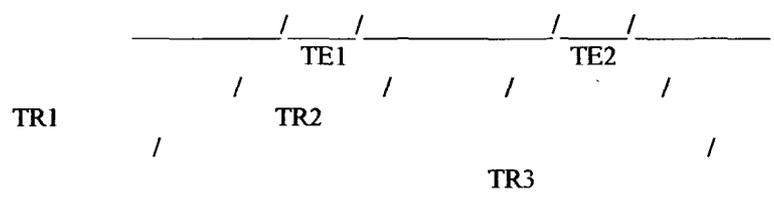
- (4.5)
 a. Godofredo pinta / pintava / está / estava / pintando um quadro.
 b. Godofredo pintou um quadro.

Nos exemplos acima, a. não pode ser considerado accomplishment enquanto b. pode ser tanto accomplishment quanto atividade, dependendo da natureza dos outros elementos ou do teste dos advérbios para checar a propriedade de distributividade, como (Idem, ibidem : 210):

- (4.6)
 a. Godofredo pintou o quadro durante 2 semanas. - atividade;
 b. Godofredo pintou o quadro em 2 semanas. - accomplishment

Nessas sentenças, as relações TE / TR podem ocorrerem à esquerda, à direita, além de poderem coincidir com o TF. Assim, ambos os *aspectos* podem dar-se nos tempos presente, passado e futuro, embora poucas línguas apresentem o presente perfectivo e apesar da não ocorrência dos accomplishments e achievements nos tempos do futuro e do presente.

Para GODOI (1992) a falta dos EP do *aspecto* imperfectivo ($TE \subset TR$) sugere uma situação perdurando no tempo e conduzindo aos denominados *esquemas de incidências* em que o TE, incluído no TR, se assemelha às situações perfectivas, conforme os esquemas temporais que seguem (Idem, ibidem : 211):



Comprova-se a importância dos EP na definição de uma seqüência, devido à existência de uma ação recíproca entre os verbos do predicado e os advérbios de tempo. Os últimos ocorrem com formas perfectivas (seqüenciais), referem-se a um ou dois EP. Já os que se referem à um intervalo de uma situação, sem EP, ocorrem com formas imperfectivas (contra seqüenciais), também denominadas de *participiais*.

Segundo HATAV (1989), há três tipos de advérbios:

de precedência (referem-se a um dos EP);

delimitadores (delimitam a duração de um estado ou uma atividade, ligando seus EP);

de inclusão (que indicam que o TR está incluído numa situação).

Vale a pena lembrar que, para os autores que partes do pressuposto do que o *aspecto*, em línguas que apresentam flexão verbal como o português, entre outras línguas românicas, é representado pelas formas simples do pretérito (perfeito e imperfeito) e pelas formas compostas, a diferença é que o pretérito perfeito indica uma ação *inteira (global)*, e o imperfeito apresenta um ação no passado *em completamento (parcialmente completa)*.

Segundo TRAVAGLIA (1985 : 153), "nas frases com pretérito perfeito, a situação é sempre apresentada como preenchendo um período de tempo que ainda não é completo". Isso, sustenta a autora, leva a crer que as formas do pretérito perfeito (flexionado) funcionam como um tipo de operador que faz o TE ser incluído no TR, pressupondo (intuitivamente) uma ação *global*. A princípio, os accomplishments e os achievements só admitem sentenças que apresentam este tipo de verbo, devido à possibilidades de as mesmas atestarem uma mudança, gradual (accomplishments) ou abrupta (achievements) do estado de coisas.

Por outro lado, o imperfeito denota uma ação de duração incompleta (em andamento), devido à função contrária da sua flexão, que inclui o TR no TE, aceitando mudança, gradual ou abrupta, de estado de coisas, que caracterizam accomplishments e achievements.

E, finalmente, estados e atividades não apresentam problemas, pois aceitam verbos tanto no pretérito perfeito quanto no imperfeito.

4.2 – ANÁLISE DO ASPECTO EM JAPONÊS.

Após esta definição de *aspecto*, tentaremos testar a proposta apresentada. Ao longo da nossa discussão usaremos exemplos dos próprios autores abordados, todos da língua japonesa. É importante esclarecer que, em hipótese alguma, temos a pretensão de apresentar uma análise exaustiva desta categoria em japonês, mas tão somente dar início aos estudos do *aspecto* dentro desta abordagem que deverão ser continuados. As considerações apontadas a partir das análises ilustrarão o que foi, até agora, discutido.

Entretanto, antes da apresentação da análise dos exemplos selecionados é importante lembrar alguns pontos importantes já mencionados no decorrer deste trabalho.

De acordo com alguns autores, línguas flexionadas como o português podem expressar *aspecto* pelas formas simples do passado, bem como nas formas compostas. A diferença é que o pretérito perfeito apresenta uma ação *global, inteira*, ao passo que o imperfeito apresenta uma ação *em completamento*. Outros autores sustentam que o imperfeito apresenta um dinamismo interno da ação e, por sua força, uma parte do não acontecido se transforma no acontecido.

A princípio pode-se dizer que a flexão das formas do pretérito perfeito exerce um papel de operador que inclui o tempo de evento no tempo de referência, produzindo o efeito de uma expressão de ação *global* intuitivamente percebida. Assim sendo, a existência dos accomplishments e os achievements depende da presença desta forma verbal numa sentença que acarreta uma mudança do estado de coisas, gradual (accomplishment) ou abrupta (achievement).

Ao contrário do perfeito, a flexão do imperfeito tem a propriedade de incluir o tempo de referência no tempo de evento produzindo o efeito da *ação incompleta, em completamento, da duração*, o que caracteriza a não existência de achievements e accomplishments, em vista da não existência de mudança de estado de coisas, gradual ou abrupta, em sentenças com verbos nesta forma. Os estados e atividades coocorrem perfeitamente com verbos no pretérito perfeito ou no imperfeito. Por outro lado, em japonês temos basicamente duas partículas *-ta* e *-iru* com suas variações, vejamos os exemplos:

(3.2)

Kinoo kizyoo ni syoohin ga atta.

Ontem tinha / teve um prêmio em cima da carteira.

(3.63)

a. Kare wa sigoto o (moo) hazimete-iru.

ele tm trabalho ac já começar

Ele (já) começa / começou a trabalhar.

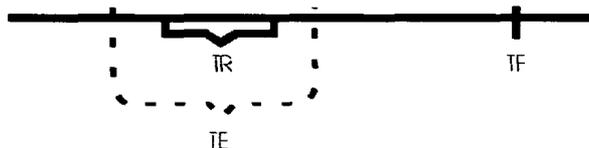
b. Ano hon wa (moo) yomi-hazimete-iru.

aquele livro tm já ler-começar

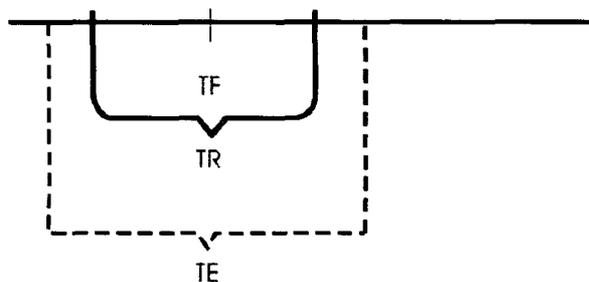
Você (já) começa / começou a ler aquele livro.

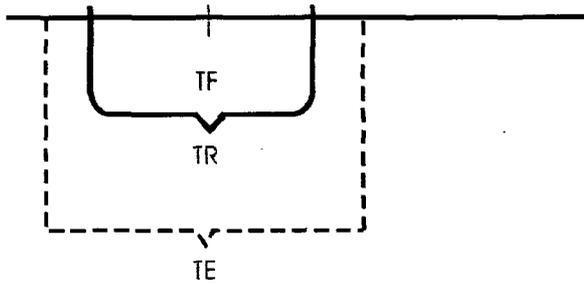
Na sentença (3.2) o sufixo *-ta* adicionado ao verbo de estado permite as interpretações de perfeito e imperfeito. Já na sentença (3.63) a. e b., o sufixo *-te iru* se acopla ao verbo de atividade no perfeito. Além disso, o advérbio *moo* / 'já' permite leitura semelhante à do present perfect em inglês: pega uma porção do passado, podendo ainda nos remeter também para o futuro. Assim, o esquema temporal correspondente a (3.2) e (3.63) a. e b. será:

(3.2)



(3.63)



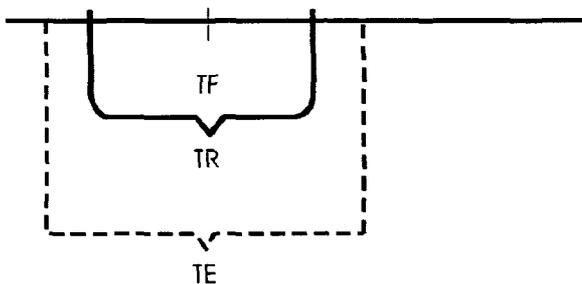


em que TE inclui TR acarretando inclusão imprópria, com EP abertos, caracterizando, portanto, o *aspecto* imperfectivo.

Ambos os exemplos abaixo apresentam verbos de estado vinculados aos afixos *-aru* e *-eru* que são derivados de *-iru*. (3.16) pode ocorrer tanto com a partícula *o* que, segundo KUNO (1973), marca o objeto *nihongo*, quanto com a partícula *ga* que só aceita o afixo derivado *hanas-(r)e* [+ estativo], comprovando com isso a estatividade das sentenças:

(3.15)
 tm japonês entender
 John entende japonês.
 John wa nihongo ga wakaru.

(3.16)
 John wa nihongo o / ga hanas-(r)e-ru.
 tm japonês falar-poder
 John pode falar japonês.



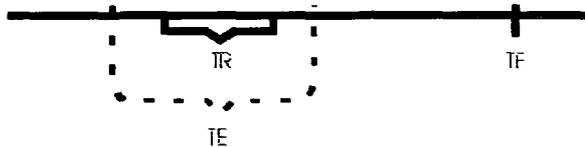
O esquema temporal será o mesmo para ambas as sentenças acima mencionadas. Aqui também o tempo de evento está coincidindo com o tempo de referência e o

tempo da fala, denotando tempo presente de uma situação que pode se estender para o futuro, pois EP abertos caracterizam *aspecto* imperfectivo. Por outro lado, a sentença abaixo, em que o sufixo *-ta* está vinculado a um verbo de estado no passado, apresenta o mesmo esquema que a sentença (3.2), anteriormente vista:

/

(3.17)

a. John wa, kodomo ni byooki ni nar-(r)are-te, komatta.
 tm criança pela doença tornar-passivo ter problemas
 John teve / tinha problemas porque as crianças adoeceram.



Aqui, também, o tempo de fala foi deslocado para a direita: TE inclui TR e os EP não apresentam pontas.

Na série de exemplos a seguir, contendo verbos de estado unidos aos afixos *-te imasu* e *-te iru*, o tempo de evento inclui o tempo de referência e o de fala, apresentando forma verbal não-passada. A ambigüidade de (3.33) se deve à ação que está feita e permanece do mesmo modo:

(3.33)

Atarashii hon wa mise ni de-te imasu.
 novo livro tm loja loc aparecer
 Tem aparecido os livros novos / Apareceu o livro novo na loja.

(3.59)

Ano mise wa nizyuuyozikan aite-iru.
 aquela loja tm vinte e quatro horas abrir
 Aquela loja fica / está aberta / abre durante vinte e quatro horas.

(3.60)

Ano mise wa hatizi kara gozi made aite-iru.
 aquela loja tm 8:00 abl 5:00 até abrir
 Aquela loja está aberta das 8:00 até 5:00.

O esquema correspondente a estas sentenças será o mesmo proposto em (3.15), (3.16) e (3.63), anteriormente caracterizados.

Na sentença (3.62) a. e b. abaixo, o afixo *-te iru* está vinculado a um verbo de atividade na forma passada. Esta interpretação é semelhante ao presente perfeito do inglês (que aparece, nesses casos, nas traduções do japonês para essa língua), justamente por atingir o tempo de fala. Observe-se que as traduções para o português também refletem esse fenômeno: sendo as sentenças descontextualizadas, muito bem podemos empregar na tradução tanto o presente quanto o pretérito e ainda o futuro. Confira:

(3.62)

a. Kare wa sigoto o owatte-iru.
ele tm trabalho ac terminar
Ele termina / terminou seu trabalho.

b. Ano hon wa yomi-owatte-iru.
aquele livro tm ler-terminar
Você termina / terminou de ler aquele livro.

O esquema apontado em (3.15), (3.16) e (3.63) é o mesmo que o proposto para (3.62) a. e b., em que o tempo de evento coincide com o de referência e o de fala, e os EP abertos denotam *aspecto* imperfectivo com a possibilidade de se estenderem para o futuro.

Na seqüência de exemplos a seguir, os itens a. de (3.64), (3.65), e (3.74), e o item b. da sentença (3.78) são estado. Já os itens b., das mesmas sentenças, bem como o item a., de (3.78) são atividade e estão vinculados ao afixo *-te iru*.

(3.64)

a. Syorui ga zinzika ni mawatte-iru rasii.
documentos nom pessoal-divisão loc ir-em volta parecer
Os documentos parecem estar voltando / ter voltado para a divisão do pessoal.

b. Karada o atatameru tame ni hi no soba de guruguru mawatte-iru.
corpo ac quente propósito dat fogo gen perto loc dar voltas ao redor
(Ele) está dando voltas ao redor do fogo para se esquentar.

(3.65)

a. Kaseki ni wa kodai no nazo ga kakurete-iru
fóssil loc tm antiguidade gen mistério nom esconder
Mistérios da antiguidade estão escondidos em fósseis.

b. Kodomotati wa yabu no naka ni / de kakurete-iru.
crianças tm mata gen dentro loc loc esconder
As crianças estão se escondendo / se escondem na mata.

(3.74)

a. Kodomo wa niwa de asonde-iru.
criança tm jardim loc brincar
A criança está brincando / brinca no jardim.

b. Suicibu no gakusei wa puuru de oyoide-iru.
clube de natação gen estudantes tm piscina loc nadar
Os estudantes do clube de natação estão nadando / nadam na piscina.

(3.78)

a. Beru ga natte-iru.
campanhia nom tocar
A campanha está tocando.

b. Kaze ga huite-iru.
vento nom soprar
O vento está soprando.

Todas recebem a mesma formalização, conforme anteriormente discriminado.

EM SÍNTESE...

A partir de sua discussão, GODOI admite que nenhuma das classes aspectuais pressupõe a propriedade-EP. Os accomplishments e achievements, ao contrário dos estados e das atividades, exigem a propriedade-EP, fator que interfere na definição dessas classes aspectuais, visto que o segundo grupo é considerado como mais flexível a esse respeito, ou seja, “quando possuem os EP, os estados e as atividades podem aparecer numa seqüência da mesma maneira que os accomplishments e os achievements.” (GODOI, 1992 : 239)

Outra conclusão diz respeito às relações estabelecidas entre o tempo de referência e tempo de evento de REICHENBACH (1967), simultâneos, anteriores ou posteriores, que para GODOI (definição de *aspecto*) estabelecem relações específicas de inclusão mantidas entre estes dois tempos, o que caracteriza os dois tipos de *aspectos* (perfectivo e imperfectivo).

E, finalmente, conclui que através destas relações de inclusão (própria e imprópria) se pode dar conta das seqüências de situações contendo os advérbios de inclusão, nas línguas românicas, no caso, o português.

Os afixos *-iru*, *-te iru* e *-ta* são indicadores de tempo e *aspecto* em língua japonesa.

Parece que *-iru* e *-te iru* têm a mesma propriedade de incluir, de maneira imprópria, o tempo de referência no tempo de evento, deixando os EP em aberto, caracterizando obrigatoriamente o imperfectivo, o que nega a afirmação de MIKAMI (apud SEKINE, 1983 : 18). Isso porque MIKAMI desenvolve sua teoria com base no presente perfeito, em inglês, que para muitos autores é considerado perfectivo, ainda que, de acordo com FOOHS (1995), ao contrário do que se imaginava, o presente perfeito, em inglês, é imperfectivo.

Como *-iru* não apresenta EP, e TR coincide com TF, sua interpretação pode estender-se além do tempo de fala, isto é, para o futuro (com *o* também pode pegar uma área do passado).

Os afixos *-iru* e *-te iru* não podem caracterizar accomplishment nem achievement, como é mostrada em GODOI (1992), contemplando apenas estados e atividades. Por outro lado, o sufixo *-ta* é semelhante ao que ocorre no passado simples, em inglês (*It was, He talked, etc...*), em que TR e TE estão à esquerda do TF sendo passado e podem apresentar leituras achievement, accomplishment, estado e atividade, caracterizando, portanto, ambos os *aspectos* perfectivo e imperfectivo. O que vai determinar se $TR \subset TE$ ou $TE \subset TR$ são os advérbios e o contexto. Se for $TR \subset TE$, *-iru* e *-te iru* só poderão se atrelar a estado ou atividade.

Assim sendo, pode-se dizer que o japonês é uma língua que se baseia no contraste passado / não-passado. A nossa hipótese de que o japonês tem poucos accomplishments e achievements, confirma a intuição que aparece no trabalho de IKEGAMI (1985), no capítulo 3.

Torna-se difícil, pois, tentar atribuir uma classificação com bases na noção de verbos télicos e atélicos. Entretanto, supõe-se que existam mais *situações* com características atélicas do que com as télicas.

Assim como em português, em japonês também existe a necessidade do desenvolvimento de trabalhos que abordem mais os advérbios e o contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Seguindo a tradição de pesquisa Ocidental, de ARISTÓTELES, os estudos desenvolvidos no capítulo 1 apresentam uma preocupação com o desenvolvimento de uma classificação verbal de categorias lexicais. Uma outra preocupação diz respeito às propriedades verbais e não-verbais, para as quais foram elaborados modelos teóricos baseados na lógica que inclui o conceito de intervalo de tempo que permite o desenvolvimento do cálculo de valor de verdade de uma sentença.

Além disso, de modo implícito ou explícito, muitos modelos teóricos abordados naquele capítulo não só adotam os conceitos de pontos (de fala, evento e referência) do esquema temporal de REICHENBACH (1947), mas também consideram outros elementos que compõem a sentença.

Apesar de acarretar vários problemas, a classificação dos lexemas verbais de VENDLER (1967), que se estenderam para os sintagmas, influenciou muitos trabalhos como o de KENNY (1963), que igualmente envolve os advérbios de tempo e as implicações temporais, servindo de complemento para a proposta de REICHENBACH (1947).

Também DOWTY (1979) que tenta classificar os lexemas desconsiderando o *aspecto* envolvido nas ocorrências temporais se mostrou insuficiente ao ser aplicado em outras línguas que não a inglesa, gerando o *paradoxo do imperfectivo*.

No capítulo 2, percebemos que a gramática tradicional introduz a noção de *aspecto* verbal de maneira inadequada, tratando de maneira homogênea e flexão, o modo e o tempo.

Por um lado, CASTILHO (1967) não determina o valor semântico das flexões verbais, que para TAVAGLIA (1985) e MIRA MATEUS et alii. (1983) expressam tempo e *aspecto*. Já CORÔA (1985) valoriza a noção temporal em português. E, finalmente, BACK & MATTOS (1972) o *aspecto* advém de um conjunto de marcas e, assim como modo, é indicado pela flexão verbal através da classificação dos morfemas aspectuais. Por outro lado, ILARI

(1981), LOPES (1987), IKEDA (1992), entre outros, utilizam o esquema temporal de REICHENBACH (1947) para tratar o *aspecto*.

Isso nos mostra que o tratamento do *aspecto* pelas flexões verbais da língua portuguesa, que se baseia na tradição oriental, necessita ser melhor discutido e analisado, bem como as análises baseadas nos momentos temporais, pois acabam não relacionando esses momentos com as classes aspectuais.

No capítulo 3, constatamos que é a antiga controvérsia na lingüística japonesa, a respeito das formas *-ru* e *-ta* serem marcadores de tempo ou de *aspecto*.

Numerosos estudos sobre o *aspecto* conduzidos dentro da estrutura de KINDAICHI (1950, 1955) surgiram após o aparecimento do seu trabalho original. Este estudo ofereceu outros tipos de análises para outros afixos, mas todos aceitaram em maior ou menor extensão a posição fundamental daquele autor – sobre a duração do tempo de um evento, expressos na terminologia *continuativo* e *instantâneo* ser o primeiro fator lexical determinante do significado aspectual *-te iru* – concordando com esta categorização refinada, baseada nos modelos de co-ocorrência com advérbios temporais de vários tipos.

Similar ao estudo desenvolvido por VENDLER (1967), KINDAICHI (1950) - *kosugo Doosi no itibunri (A classification of Japanese Verbs)* – se baseia em um esquema de tempo cronológico (*time*) para desenvolver uma classificação verbal, tratando de algumas similaridades no comportamento superficial dos verbos em japonês, comparados com os do inglês, sugerindo uma classificação básica do significado aspectual, que é igualmente relevante para ambas, se não para todas.

Na classificação de KINDAICHI (1950), os verbos se apoiam no comportamento de um único afixo: *-te iru* que à vezes expressa progressivo, outras o perfeito (COMRIE, 76 – evento como um todo), dependendo do significado do verbo principal e outros fatores contextuais. Em ambas as classificações propostas por VENDLER (1967) e KINDAICHI (1950) apresentam três categorias fundamentais de *aspecto* verbal: estados, atividades (continuativo) e achievements (instantâneos).

FUJII (1966), por exemplo, propôs uma distinção entre verbos durativos e não-durativos, percorrendo as categorias de KINDAICHI, relacionando a habilidade ou inabilidade de um verbo na sua forma *-te iru* coocorrendo com o advérbio *nagai ainda* / ‘por um longo

tempo’, bem como a escolha de uma categoria em construções *-te iru*, distinta das construções perfeitas, que coocorrem com advérbios como *ima made ni* / ‘de agora em diante’, *izen* / ‘no passado’ e *sono toki* / ‘no tempo’, e não com advérbio *genzai* / ‘no presente’.

Uma das modificações na estrutura de KINDAICHI, proposta por FUJII, foi a introdução da dicotomia de verbos resultativos / não-resultativos, transpassando as categorias continuativa e instantânea. Com base na proposta da estrutura de KINDAICHI, retomada em TAKAHASHI (1969), percebe-se que a distinção proposta por KINDAICHI não explica, de modo convincente, as diferenças nas leituras aspectuais progressivas / perfeitas associadas a *-te iru*. Assim, FUJII e TAKAHASHI propuseram quatro classes perpassando pelas duas dicotomias: resultados / não resultados e continuativos / instantâneas.

YOSHIKAWA (1973), apesar de aceitar a distinção resultado / não-resultado, argumenta que o significado característico relevante dos primeiros, responsável pela interpretação perfeita com *-te iru* é, a característica de instantaneidade, como originalmente proposto por KINDAICHI. Assim, os verbos resultados nem sempre podem representar um evento instantâneo em seu mundo real, mas lingüisticamente, em algum ponto funcionam como uma linha limítrofe entre um estado prévio e uma mudança de estado subsequente.

Para MILLER (1975), a distinção básica em japonês é mais aspectual do que temporal. Esta posição foi contrargumentada por SOGA (1983), em toda discussão sobre tempo, *-ru* não-passado, e *-ta* passado. SOGA, com base em KINDAICHI, tem como critério de distinção a dicotomia básica entre verbos estativos / não-estativos, por sua vez, subcategorizados em verbos pontuais e durativos, codeterminantes com as categorias instantânea / continuativa de KINDAICHI. Seu critério de distinção destas duas últimas classes verbais é idêntico ao de KINDAICHI – ou seja, o significado é levado pelo verbo quando vinculado a *-te iru*, indicando, também, o fato da ocorrência adverbial que sustenta sua análise pontual / durativa. Os verbos típicos da classe pontual coocorrem com advérbios como *sono syunkan ni* / ‘naquele instante’, e verbos típicos das classes durativas coocorrem com advérbios como *sanzikan* / ‘por três horas’, mas não vice-versa.

MATSUMOTO (apud HINDS, 1986 : 292), em contraste, define um modelo de tempo relacionando E e R, semelhantes aos pontos de REICHENBACH (1967), sendo que a relação entre S e os marcadores de tempo é interpretada conforme o contexto. NAKAU

(1976), sustenta três tipos verbais diferentes: os verbos de ação, os de estado (adjetivos, adjetivos-nominais e cópula), e os estativos que apresentam um único comportamento sintático semântico, porque ocorrem na forma progressiva *-te iru* indicando uma atividade presente ocorrendo.

De acordo com HINDS (1986), que se baseia em SOGA (1983), o tempo universal se divide em presente (*-ru*) e passado (*-ta*); e sua definição de *aspecto*, que diz respeito a duração ou pontualidade de uma ação, evento ou estado. Também se apoia em COMRIE (1976) para definir *aspecto* perfeito que indica o valor do presente contínuo de uma ação passada relacionada em dois pontos, ou seja, por um lado o tempo de um estado resultante de uma situação prévia e, por outro, o tempo daquela situação prévia.

HINDS (1986) concorda com BRANNEN (1979), a respeito do japonês não apresentar nenhum tempo perfeito para indicar um evento prévio na linha da história. Assim, torna-se importante o uso de um advérbio e tempo passado para indicar o que deveria ser designado com o mais-que-perfeito em inglês. O mesmo é válido para o futuro perfeito, designado por advérbios.

De acordo com alguns autores, o japonês não apresenta a categoria de *aspecto*, visto que não há esquema gramatical pelo qual a ação vista em sua totalidade é sistematicamente distinta de uma vista de outro modo. O passado em japonês é, muitas vezes, considerado equivalente ao perfectivo, pois representa uma ação ou evento em sua totalidade, o que não significa que sua contraparte não-passado não possa também fazer essa referência.

Além disso, de acordo com alguns autores é impróprio igualar as partículas *-ta* e *-ru* aos marcadores perfectivo e imperfectivo, respectivamente, pois ambas partículas podem ou não se referirem a uma ação ou evento em sua totalidade.

Nos estudos comparativos abordados, percebemos que tanto em inglês quanto em japonês, a forma progressiva expressa somente uma parte de uma ação ou evento a ser completo, o qual se deve considerar relativo à imperfectividade (verbo de ação + *-te iru*). A correlação sistemática observada anteriormente em estudos aspectuais do japonês, entre a transitividade de um predicado e o significado que dele resulta, está vinculada ao afixo *-te iru*.

Esta forma manifesta situações durativas em que seus pontos exatos, iniciais e finais, são irrelevantes. Em inglês, as formas perfeitas (*have + v-ed*) são associadas ora com

tempo ora com *aspecto*. Contudo, noções como presente perfeito e passado perfeito sugerem que pelo menos a categoria básica tempo deve ser separado do conceito de perfeito, que indica um estado.

Outra conclusão diz respeito às relações estabelecidas entre o tempo de referência e tempo de evento de REICHENBACH (1947), simultâneos, anteriores ou posteriores, que para GODOI (definição de *aspecto*) estabelecem relações específicas de inclusão mantidas entre estes dois tempos, o que caracteriza os dois tipos de *aspectos* (perfectivo e imperfectivo).

E, finalmente, conclui que através destas relações de inclusão (própria e imprópria) se pode dar conta das seqüências de situações contendo os advérbios de inclusão, nas línguas românicas, no caso, o português.

Grande parte dos autores se baseiam nas teorias ocidentais procedentes de ARISTÓTELES, mas alguns autores, entre eles KUNO (1972) e SOGA (1985), se baseiam na tradição oriental (*traços*), de AGRELL.

Ainda em KUNO (1972), entre outros autores que tratam dos verbos conforme a noção de controle, podemos dizer que estados e achievements são [- controlados] pelo sujeito, ao passo que accomplishments e atividades são [+ controlados] (cf. SHI, 1990).

Conforme ALFONSO (1986), sobre a maior flexibilidade do inglês, bem como KUNO (1972), IKEDA (1992) sobre a ambigüidade ao se traduzir o japonês, pode-se dizer que tanto o inglês quanto o português possuem mais expressões (flexões verbais) e o *aspecto* é mais categorizado do que em japonês, confirmado por SOGA (1985). A ambigüidade em japonês se deve ao fato de que o imperfectivo é mais ambíguo que o perfectivo (por apresentar-se com os *end-poits* abertos), por isso no japonês ocorrem muitas ambigüidades.

A partir do trabalho de GODOI (1992) que trata o *aspecto* como um sistema universal de relações temporais com suas funções básicas de perspectiva temporal de uma situação, uma categoria semântica universal, sujeita a uma variação tipológica e específica das línguas particulares, principalmente no que diz respeito à configurações morfossintáticas, mostrando que o tempo e o *aspecto* são indicadores, em japonês, através dos afixos *-iru* e *-ta*.

O afixo *-iru* se usa em situações que não apresentam EP e têm o seu tempo de referência coincidindo com o tempo de fala. Por isso, sua interpretação tende a estender-se

tanto para o futuro quanto possivelmente para o passado. Outra consequência desse fenômeno é que somente os estados e as atividades podem aparecer nestas situações. O afixo *-ta* desloca os tempo tempos de referência e de evento para a esquerda do tempo de fala. Em princípio o tempo de referência fica incluído propriamente no tempo de evento, podendo entretanto, apresentar a inclusão própria (ou seja, a situação com EP) forçada pela presença de advérbios específicos. Somente neste caso a situação seria um accomplishment ou um achievement.

As futuras pesquisas sobre *aspecto* em japonês devem se ater aos estudos das funções dos diversos advérbios, e do contexto, para determinar o tipo de inclusão e as classes aspectuais. Com isto, se beneficiará tanto o ensino de japonês para brasileiros quanto o de português para japoneses, o ensino de tradução, bem como a produção de diversos materiais didáticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKASAKA, E.E.T. *Os verbos compostos da Língua Japonesa*. XXVII Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros. Anais (XXIV) : Kyoto, 1995.
- ALFONSO, A. *Japanese language patterns*. Sophia University L.L. Center of Applied Linguistics : Tokyo, 1980.
- ALMEIDA FILHO, J.C.P. & LOMBELLO, L.C. (orgs.). *O Ensino de Português para Estrangeiros*. Campinas : Pontes Editores, 1989.
- ALMEIDA FILHO, J.P.C. *Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas*. Campinas : Pontes Editores, 1992.
- ALMEIDA FILHO, J.P.C. & LOMBELLO, L.C. *Identidade e Caminhos no Ensino de Português para Estrangeiros*. Campinas : Pontes Editores, 1992.
- ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada*. 4ª ed. São Paulo : Moderna, 1990.
- AQVIST, L. *A System of Chronological Tense Logic*. Proceedings from Colloquium of the Reimer Stiftung. Bad Homburg, June 1976.
- AQVIST, L. *On the Analysis of some Accomplishment and Activity verbs*. In: On the logical Analysis of Tense and Aspect. Christian Rohrer (Hrsg.) Tübingen : Gunter Narr, 1977.
- ARISTÓTELES. *Metaphysics*. In: The complete works of Aristotles: The revised Oxford Translation II, 1552-1728, Princenton, 1984.

- ASSIS, M. de. *Obras Completas*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson Inc. Editores, 1957.
- BACK, E. & G. MATTOS. *Gramática Construtural da Língua Portuguesa*. 1 ed. São Paulo : FTD, 1972.
- BENNETT & B. PARTEE. *Towards the Logic of Tense and Aspect in English*. Bloomington : Indiana University Club, 1972.
- BRANNEN, N.S. *Time Deixis in Japanese and English Discourse*. Explorations in Linguistics, ed. By George Bedell, E. Kobayashi and M. Muraki, 25-57. Tokyo : Kenkyusha, 1979.
- CÂMARA, JR., J.M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis : Vozes, 1970.
- CANÇADO, M. *Procedimentos de Pesquisa Etnográfica em sala de aula de Língua Estrangeira*. Dissertação de Mestrado, UFMG, Belo Horizonte, 1991.
- CANN, R. *Formal Semantics*. Cambridge, 1993.
- CASTILHO, A.T. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Alfa, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1976.
- CAVALCANTI, M.C. *A propósito de Lingüística Aplicada*. In: *Trabalhos de Lingüística Aplicada*. Vol, 7 Unicamp, 1986.
- COMRIE, B. *Aspect: na introduction to the study of a verbal aspect and related problems*. London : Cambridge University Press, 1976.

- CORÔA, M.L.M.S. *O tempo dos verbos no português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília : Thesaurus, 1985.
- COSTA, S.B.B. *O aspecto em Português*. São Paulo : Contexto, 1990.
- CUNHA, C. & CINTRA, L.F. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro : Ed. Nova Fronteira, 1985.
- DAHL, O. *On the definition of the Telic-Atelic (Bounded – Nonbounded) Distinction*. In: Ph. Tedeschi and A. Zaenen (eds.) *Syntax and Semantics*, vol. 14, New York : Academic Press, 1981.
- DECLERCK, R. *On the progressive and imperfective paradox*. In: *Linguistics and Philosophy*, 1979a.
- DECLERCK, R. From Reichenbach (1947) to Comrie (1985) and beyond: *Towards a Theory of Tense*. *Lingua*, 70, 305-364, 1986.
- DOI, H. *Japonês. Português do Brasil (Os brasileiros também podem estudar japonês)*, 1992.
- DOWTY, D.R. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht – Holland : D. Reidel Publishing Company, 1979.
- DOWTY, D.R., R.E. WALL & S. PETERS. *Introduction to Montague semantics*. Dordrecht – Holland, Boston & London : Reidel, 1985.
- DUBOIS, J. et alli. *Dicionário de Linguística*. São Paulo : Cultrix, 1978.
- FINAU, R. *A categoria aspecto em Mira Mateus: Uma releitura*. (m.s.) 1995.

- FONTÃO, E. *Os bastidores dos processos ensino-aprendizagem: uma análise de abordagem de ensino em sala de aula de Língua Estrangeira*. Revista Letras, vol. 10, n^{os} 1 e 2, Campinas : Puccamp, 1991.
- FOOHS, M.M. *Present Perfect: A Semantic Framework*. Dissertação de mestrado. Curitiba : UFPR, 1995.
- FREIRE, P. *Educação como prática da Liberdade*. São Paulo : Paz e Terra, 1976.
- FUKUMA, S. *Japonês para Brasileiros*. São Paulo : Pioneira, 1989.
- GARCIA, O.M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro : Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1976.
- GODOI, E. *O progressivo: além do aspecto*. Comunicação no IX Congresso da ALFAL, UNICAMP, 06-10 de agosto, 1990.
- GODOI, E. *Aspectos do Aspecto*. Tese de doutorado. Campinas : Unicamp, 1992.
- GRUBER, J.S. *Functions of the Lexicon in Formal Descriptive Grammars*. Technical Memorandum, SDC, Santa Monica (Cal.), 1976.
- HATAV, G. *Aspects, Aktionsarten and the time line*. Linguistics 27, 487-516, 1989.
- HINDS, J. *Japanese / Crom Helm, Descriptive, Grammars*. Printed in Great Britain, 1986.
- HJELMSLEV, L. *Prolegomena to a Theory of Language*. Indiana University Press, 1953.
- IKEDA, S.N. *O pretérito imperfeito: a importância da superestrutura na sua interpretação*. D.E.L.T.A., vol. 8, no 1, 1992, p. 43-70.

- IKEDA, S.N. *Algumas dificuldades no ensino de português para estrangeiros*. XXIX Colóquio de Estudos Luso-brasileiros. Anais (XXVIII). Kyoto : 1995.
- IKEGAMI, Y. *Activity - Accomplishment - Achievement - A Language that can't say "I burned it, but it didn't burn" and one that can*. University of Tokyo. In: A. Makkai and A. K. Melby (Eds.), *Linguistics and Philosophy*, John Benjamins, Amsterdam, 1995.
- ILARI, R. *Alguns recursos gramaticais para a expressão do tempo em português*. In: Borba (org.), *Estudos de filologia e lingüística*. São Paulo : EDUSP, 1981.
- ILARI, R. & I. F. MANTOANELLI. *As formas progressivas do Português*. Cadernos de Estudos Lingüísticos, 1983.
- ILARI, R. *Sobre os advérbios aspectuais*. (m.s.), 1989.
- ILARI, R. *Roteiro prévio para o estudo das expressões temporais em português*. (ms.s.d.), 1989.
- ILARI, R., OLIVEIRA, R. & GODOI, E. *Falando numas...* XXXVI Seminário de Lingüística do GEL, USP, São Paulo, 1989.
- INAMOTO, N. *Colloquial Japanese*. Tokyo Japan : Charles E. Tuttle Company, Inc., 1981.
- JAKOBSON, R.S. *Verbal Categories, and Russian Verb*. In: Waugh, L. and M. Halle (eds.) Berlin : *Russian and Slavic Grammar Studies*, 1956, 1981.
- JESPERSEN, O. *The Philosophy of Grammar*. London : Allen & Unwin, 1924.

KALOCSAY, K. & G. WARINGHIEN. *Plena Analiza Gramatiko de Esperanto*. Rotterdan : Universala Esperanto-Asocio, 1980.

KENNY, A. *Action, Emotion and Will*. London, 1963.

KRASHON, S.D. *Principles and Practice in second language acquisition*. Oxford : Pergamon Press, 1982.

KUNO, S. *Nihon Bumpoo Kenkyuu (The study of Japanese Grammar)*. Tokyo : Taishuukan Shoten, 1972.

LOBATO, L.M.P. *A Sintaxe Gerativa do Português*. Belo Horizonte : Ed. Vigília, 1986.

LOPES, M.A.G. *As categorias verbais de tempo e aspecto no Português: dos valores básicos ao uso*. Diss. de Mestrado, São Paulo : PUC, 1987.

LUCHESI, C.C. *Avaliação Educacional Escolar: Para além do autoritarismo*. Trabalho apresentado no Forum de debates do XVI Seminário Brasileiro de Tecnologia Educacional. Porto Alegre, 1984.

LUFT, C.P. *Lingua e liberdade*. Porto Alegre: LP & M 1987 (1ª parte).

LYONS, J. *Semântica*. Lisboa : Presença, 1977.

LYONS, J. *Semantics 2*. Cambridge University Press, 1977.

LYONS, J. *Introdução à Lingüística Teórica*. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Hélio Pimentel. São Paulo : Cia. Editora Nacional / EDUSP, 1979.

- MADUREIRA, C.S. *Alguns Verbos Aspectuais em Português*. Dissertação de Mestrado. Campinas : Unicamp, 1975.
- MANTOANELLI, I.F. *Tempos e aspecto em Português*. Dissertação de Mestrado. Campinas : Unicamp, 1992.
- MARQUES, F.F.S. *A expressão do Tempo Passado do Presente Perfeito e Passado Simples em Inglês e do Pretérito Perfeito em Português*. Dissertação de Mestrado. Curitiba : UFPR, 1982.
- MARTIN, S. *A reference Grammar of Japanese*. New Haven : Yale University Press. 1975.
- MASLOV, Ju. *Problemas do aspecto verbal*. (m.s.d), 1962.
- MATEUS, M.H.M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra : Almedina, 1983.
- MATTOS, G. *Lingvistika priskribo de la verbo em Esperanto*. In: Serta Gratulatoria in Honorem Juan Régulo, volumen II, p. 435-462. La Laguna : Universidad de la Laguna, 1987.
- MATTOS, G. *Aspecto: um passeio pelo tempo*. In: Letras, n. 44, p. 67-90. Curitiba : Editora da UFPR, 1995.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis : Ed. Vozes, 1995
- MIKAMI, A. *Gendai Gohoo Zyosetu (Introduction to Present day Phraseology)*. Tokyo : Kurosio Pub. 1972.
- MILLER, R.A. *Time, Tense and Aspect*. In: Nohongo – in defense of Japanese. The Athlone Press – London : Printed in Great Britain at the University Press : Cambridge, 1986.

- NAGANUMA, N. & K. MORI. *Practical Japanese*. Sophia University, 1962.
- NAKAU, M. *Tense, Aspect and Modality*. *Syntax and Semantics 5: Japanese Generative Grammar*, ed. By Masayoshi SHIBATANI, 421-82. New York : Academic Press. 1976.
- NAKAU, M. *The evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality*. In: *Languages of the World*. Joan Bybee, Revere Perkins, Willian Pagliuca. Chicago : University of Chicago Press, 1994.
- NOKUBO, N. & H.N. SAITO. *Curso Básico de Japonês*. (Volms. 1, 2, 3, 4, 5). São Paulo : Aliança Cultural Brasil-Japão, 1975.
- ONO, H. *Japanese Grammar*. Tokyo : Hokuseido Press, 1973.
- ORLANDI, E. *A Natureza do Verbo e sua Descrição na Língua Portuguesa*. Estudos Lingüísticos I. Anais dos Seminários do Gel. Universidade Mogi das Cruzes.
- PARKINSON, S. *Portuguese*. In: Comrie, B. *The World's Major Languages*. London, Routledge, 1989, pp. 260-278.
- PARSONS, T. *The Progressive in English: Events, States and Processes*. In: *Linguistics and Philosophy* 12, 1989, p. 213-241.
- PONTES, E. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis : Vozes, 1972.
- PRIOR, A. *Past, Present and Future*. Oxford University Press, 1967.
- REICHENBACH, H. *Elements of Symbolic Logic*. Berkeley, CA. : University of California Press, 1947.

- RUIZ, T.M.B. *Aspecto: um estudo de sua expressão pelas flexões verbais*. Diss. de Mestrado, Curitiba : UFPR, 1992.
- RYLE, G. *The concept of Mind*. London : Barnes and Noble, 1949.
- SAITO, M. *A contrastive Study of Japanese and Portuguese*. Diss. de Mestrado, Curitiba : UFPR, 1987.
- SAKANE, S. & N. HINATA. *Dicionário Português – Japonês Romanizado*. Tóquio : Ed. Casa Ono, 1986.
- SEGALLA, P.D. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1977.
- SEKINA, M.A.Y. *The aspectual verb system of Japanese: The site iru form*. (tese de doutorado da Univesidade de Georgetown), 1983.
- SHI, Z. *On the inherent aspectual properties of Nps, verbs, sentences an the decomposition of perfectivity and inchoativity*. *World*, vol 41, nº 1, 1990, p. 47-67.
- SHIBATANI, M. *Where Morphology and Syntax Clash: A case Study in Japanese Aspectual Verbs*. *Gengo Kenkyoo (Linguistics Studies)* 1973.
- SHIBATANI, M. *Japanese*. In: Comrie, B. *The World's Major Languages*. London : Routledge, 1989.
- SHIBATANI, M. *Transitivity and Aspect. The transitivity Structure of Events in Japanese*. In: *Studies in Japanese Linguistics*. Jacobsen, W.M. by Kurosio Publishers : Serie Editor, 1992.

- SILVA, M.C.P. & I.G.V. KOCH. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. São Paulo : Cortez Editora, 1983.
- SOARES, M.A.R.P. *A semântica do aspecto verbal em russo e em português*. Tese de Doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro, 1984.
- SOGA, M. *Tense and Aspect in Modern Colloquial Japanese*. Canadá : The University of British Columbia, 1983.
- SUSUMU, F. *Japonês para Brasileiros*. São Paulo : Livraria Pioneira Editora, 1989.
- SUSUMO, K. *The Structure of the Japanese Language*. Cambridge : MIT. Press, 1973.
- SUZUKI, M.E. *O Japonês em situação de Pseudo-imersão: uso dos pronomes pessoais*. Dissertação de Mestrado. Campinas : Unicamp, 1990.
- SUZUKI, S. *Bumpoo to Bompoo sidoo (Grammar and Guide of Grammar)*. Tokyo : Mugishi Shoboo, 1972.
- SUZUKI, S. *Bumpoo I: Joshi no Shomodai I (Kyooshi yoo Nihongo handobukko3) (Grammar Guide of Grammar)*. Tokyo : Kokusai Kooryoo Kikin, 1977.
- SZATROWSKI, P.E. *The Function of Tense-Aspect Forms in Japanese Conversation: Empirical and Methodological Considerations*. (Tese de doutorado da Universidade de Cornell), 1985.
- TANEMURA, H. *Na Introduction to structure of Japanese: Workbook 2*. Osaka : Sanyō-sha, 1973 b e c.
- TARALLO, F. *Tempos Lingüísticos*. São Paulo : Ed. Ática, 1990.

- TER MAULEN, A.L.G.B. *Representing Time in Natural language the Dynamic Interpretation of Tense and Aspect*. Cambridge, Massachusetts, London England : The MIT Press., 1985.
- THELIN, N. *Introduction. Verbal Aspect in Discourse: On the State of the Art*. In: THELIN, N. (ed.) *Verbal Aspect in Discourse*. Amsterdam : John Benjamins, 1990.
- TIMBERLAKE, A. *Invariance and Syntax of Russian Aspect*. In: Hopper, P.J.(ed.). *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*. Amsterdam : John Benjamins, 1982.
- TRAVAGLIA, L.C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia : Edição revisada U.F.U., 1985.
- VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. New York : Ithaca, Cornell University Press, 1967.
- VERKUYL, H. & J.LE LOUX-CHURINGA. *Once upon a Tense*. *Linguistics and Philosophy*, vol. 8, n. 2, 1988, p. 237-61.
- VERKUYL, H.J. *Aspectual classes and aspectual composition*. In: *Linguistics and Philosophy*, n. 12, 1989, p.39-94.
- VERMES, G. & J. BOUTET. *Multilingüismo*. Campinas : Ed. Unicamp, 1989.
- VET, C. *La notion de "monde possible" et le système temporel et aspectuel du français*. *Languages* 64, 1981, p. 109-24.
- WIDDOWSON, H.G. *O Ensino de Língua para a Comunicação*. Campinas : Pontes Editores, 1991.
- WRIGHT, G. von *Norm and Action*. Humanities Press, 1963.

WRIGHT, G. von *Na Essay in Deontic Logic and General Theory of Aktion*. (Acta Philosophica Fennica), 1986.

YAMASAKI, S. *Enkonduko en la japan*. Chapecó : Fonto, 1996.

YAMASUO, Y. *Japanese for Today*. Tokyo : Gakken co., Ltda. 1973.